

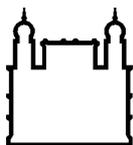
MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

OFICINA DIALÓGICA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS:
ARTICULAÇÕES ENTRE A ABORDAGEM CIENCIAARTE E A
PESQUISA BASEADA EM ARTES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE

ADRIELLE MACÊDO FERNANDES DA SILVA

Rio de Janeiro
Setembro de 2022



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

ADRIELLE MACÊDO FERNANDES DA SILVA

**OFICINA DIALÓGICA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS:
ARTICULAÇÕES ENTRE A ABORDAGEM CIENCIARTE E A
PESQUISA BASEADA EM ARTES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE**

Dissertação apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino em Biociências e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello

RIO DE JANEIRO

Setembro de 2022

Silva, Adrielle Macêdo Fernandes da.

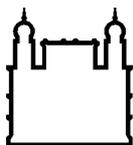
Oficina Dialógica de Narrativas Literárias: Articulações entre a Abordagem CienciArte e a Pesquisa Baseada em Artes para a Promoção da Saúde / Adrielle Macêdo Fernandes da Silva. - Rio de Janeiro, 2022.
xx, 164f f.; il.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2022.

Orientador: Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello.

Bibliografia: f. 112-125

1. oficina dialógica. 2. cienciarte. 3. pesquisa baseada em artes. 4. promoção da saúde. 5. narrativas literárias. I. Título.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

AUTOR: ADRIELLE MACÊDO FERNANDES DA SILVA

**OFICINA DIALÓGICA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS:
ARTICULAÇÕES ENTRE A ABORDAGEM CIENCIAARTE E A
PESQUISA BASEADA EM ARTES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE**

ORIENTADOR (ES): Prof. Dr. Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello

Aprovada em: 30/09/2022

EXAMINADORES:

Prof.^a Dra. Rosane Moreira Silva de Meirelles - Presidente (IOC/RJ)

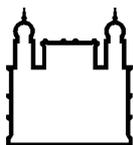
Prof. Dr. Marcus Vinicius Campos Matraca (UFRB/BA)

Prof.^a Dra. Marília Velardi (USP/SP)

Prof.^a Dra. Lucia de La Rocque Rodriguez (IOC/RJ)

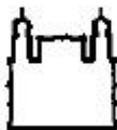
Prof.^a Dra. Thaíse Alves Bezerra (UEPB/PB)

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2022



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde

Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz

Ata da defesa de dissertação de mestrado acadêmico em Ensino em Biociências e Saúde de **Adrielle Macêdo Fernandes da Silva**, sob orientação do Dr. Marcio Luis Braga de Mello. Ao trigésimo dia do mês de setembro de dois mil e vinte e dois, realizou-se às treze horas e trinta minutos, de forma síncrona remota, o exame da dissertação de mestrado acadêmico intitulada: "Oficinas Dialógicas de Narrativas Literárias", no programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências - área de concentração: Ensino Não Formal em Biociências e Saúde, na linha de pesquisa: Ciência e Arte (NF). A banca examinadora foi constituída pelos Professores: Dr^a. Rosane Moreira Silva de Meirelles – UERJ/RJ (Presidente), Dr. Marcus Vinicius Campos – UFRB/BA, Dr^a. Marília Velardi – USP/SP, e como suplentes: Dr^a. Lucia de La Roque Rodriguez - UERJ/RJ e Dr^a. Thaise Alves Bezerra - UEPB/PB. Após arguir a candidata e considerando que a mesma demonstrou capacidade no trato do tema escolhido e sistematização da apresentação dos dados, a banca examinadora pronunciou-se pela aprovação da defesa da dissertação de mestrado acadêmico. De acordo com o regulamento do Curso de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, a outorga do título de Mestre em Ciências está condicionada à emissão de documento comprobatório de conclusão do curso. Uma vez encerrado o exame, a Presidente da Banca atesta a decisão e a participação da aluna e de todos os membros da banca de forma síncrona remota. A Coordenadora do Programa Dr^a. Clelia Christina Mello Silva Almeida da Costa, assinou a presente ata tomando ciência da decisão dos membros da banca examinadora. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2022.

Dr^a. Rosane Moreira Silva de Meirelles (Presidente da Banca):

Dr^a. Clelia Christina Mello Silva Almeida da Costa (Coordenadora do Programa):

Av. Brasil, 4365 Manguinhos Rio de Janeiro RJ Brasil CEP: 21040-360

Contatos: (21) 2562-1201 / 2562-1299 E-mail: atendimento@ioc.fiocruz.br Site: www.fiocruz.br/iocensino

Dedico este trabalho...

Aos meus pais, Adriana e Reginaldo
que me deram estruturas e amor incondicional
em todas as fases da minha vida

A minha irmã Regianne
que é minha melhor amiga
e maior apoiadora e incentivadora dos meus sonhos

AGRADECIMENTOS

Nessa jornada cientartística, tenho muito a agradecer:

Primeiramente à minha fé em Deus, Nossa Senhora Aparecida e todos os santos que me deram luz, força e plenitude para seguir percorrendo meus sonhos,

Ao meu orientador Márcio, por toda a compreensão, generosidade, empatia e parceria ao longo dos anos que podemos trabalhar juntos,

À toda a coordenação da PGEBS que me deu a possibilidade de estar em uma das minhas maiores jornadas de conhecimento e descobertas. Agradeço especialmente ao Isac que foi atencioso e me apoiou em minhas dúvidas, incertezas e ansiedades do processo

À minha turma do mestrado 2020.1, especialmente Gabriela, Hugo e Fernanda, que foram amigos conselheiros, terapeutas e parceiros, mesmo sem termos tido quase nenhum contato presencial. Foi em nosso grupo no *whatsapp* que pude aliviar muitas angústias e também construir laços e afetos.

A todos os meus professores do mestrado que mesmo virtualmente, com muita generosidade, possibilitaram meu crescimento e expansão dos meus saberes.

À minha família e amigos que foram fonte de apoio, carinho e amor nos melhores e piores momentos.

À Júlia, Victor, Nathália, Raquel, Nure, Roberto, Celso, Ana Beatriz, Tiane, Thaise e todos amigos e parceiros do NEACS que me permitiram viver um universo de descobertas e experiências em um espaço de acolhimento, empatia e parceria

À Tayana que sempre me incentivou tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal e me agraciou com muitos anos de amizade verdadeira.

Ao Expresso Chagas XXI pela experiência maravilhosa e transformadora.

A todos os participantes das oficinas, por darem sentido à toda a teoria estudada, construindo junto a mim, práticas e experiências tão especiais e significativas que nunca irei esquecer.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo auxílio financeiro.

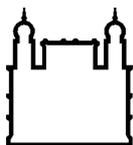
*Não sei...
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.*

*Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que sacia,
amor que promove.*

*E isso não é coisa de outro mundo:
é o que dá sentido à vida.*

*É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar.*

(Poema “Saber viver” (1965), de Cora Coralina)



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

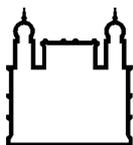
OFICINA DIALÓGICA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS: ARTICULAÇÕES ENTRE A ABORDAGEM
CIENCIARTE E A PESQUISA BASEADA EM ARTES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE

RESUMO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ENSINO EM BIOCIÊNCIAS E SAÚDE

Adrielle Macêdo Fernandes da Silva

O presente estudo investigou a integração da abordagem CienciArte e Pesquisa Baseada em Artes aplicada ao ensino em biociências e saúde, se desdobrando em intervenções em promoção da saúde. Salienta-se que infelizmente, tais movimentos ainda são escassos e pouco valorizados quando se fala em formas de pensar/fazer pesquisa em saúde e ensino. À vista disso, a pesquisa preconizou oficinas dialógicas como tecnologia e narrativas literárias como estratégia metodológica e prática artística central. A pesquisa visou explorar como a Oficina Dialógica de Narrativas Literárias (ODNL) poderia ser aplicada para o ensino e promoção da saúde, a partir das práticas realizadas com alunos, professores e profissionais de saúde da Fundação Oswaldo Cruz- Rio de Janeiro. O estudo apoiou-se em pilares metodológicos que permitiram a ampliação de possibilidades, conectando assim, duas abordagens de pesquisa qualitativa: a abordagem CienciArte e a metodologia da Pesquisa Baseada em Artes (ABR). Além disso, devido às restrições da pandemia Covid-19, foram agregadas a metodologia, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) oferecendo oficinas virtualizadas, com o uso de redes sociais, plataformas e outros recursos digitais. A avaliação e tratamento de resultados das oficinas foi feita seguindo critérios de avaliação da metodologia ABR e abordagem CienciArte. A partir das três oficinas realizadas com cerca de 27 participantes, foi possível observar e avaliar a aplicação da ODNL para a promoção da saúde dos participantes. As práticas se configuraram em experiências que promoveram: autoconhecimento, acolhimento e empatia; desenvolvimento e sensibilização; compartilhamento das ideias, histórias/narrativas; produção de obras de narrativas literárias; considerações, críticas e sugestões sobre as atividades realizadas. Através de formulários de avaliação anônimos preenchidos pelos participantes, pode-se obter o retorno sobre as atividades, assim como, as obras criadas nas oficinas transformaram-se em resultantes essenciais para a análise da ODNL. Dessa forma, foi possível promover momentos de bem-estar aos participantes, por meio do estímulo à criatividade, expressão, acolhimento, empatia, autoestima, entre outros aspectos. A investigação realizada contribuiu para o desenvolvimento de ferramentas e estratégias de ensino e promoção da saúde que favorecem o ensino interdisciplinar e transdisciplinar estimulando a imaginação, os processos criativos e de aprendizagem.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

DIALOGICAL WORKSHOPS OF LITERARY NARRATIVES: ARTICULATIONS BETWEEN THE ARTSCIENCE APPROACH AND ARTS-BASED RESEARCH FOR HEALTH PROMOTION

ABSTRACT

MASTER DISSERTATION IN ENSINO EM BIOCÊNCIAS E SAÚDE

Adrielle Macêdo Fernandes da Silva

The present study investigated the integration between ArtScience and Arts-Based Research approach applied to teaching in biosciences and health, unfolding in interventions in health promotion. It should be noted that unfortunately, such movements are still scarce and undervalued when it comes to ways of thinking/doing research in health and teaching. In view of this, the research advocated dialogic workshops as technology and literary narratives as a methodological strategy and central artistic practice. The research aimed to explore how the Dialogical Workshop of Literary Narratives (ODNL) could be applied to teaching and promoting health, based on practices carried out with students, teachers and health professionals at Oswaldo Cruz Foundation-Rio de Janeiro. The study was based on methodological pillars that allowed the expansion of possibilities, thus connecting two qualitative research approaches: the ArtScience approach and the Arts-Based Research (ABR) methodology. In addition, due to the restrictions of the Covid-19 pandemic, Digital Information and Communication Technologies (TDICs) were added to the methodology, offering virtualized workshops, using social networks, platforms and other digital resources. The evaluation and treatment of the results of the workshops was carried out following the evaluation criteria of the ABR methodology and the ArtScience approach. From the three workshops held with about 27 participants, it was possible to observe and evaluate the application of the ODNL for the promotion of the participants' health. The practices were configured in experiences that promoted: self-knowledge, acceptance and empathy; development and awareness; sharing ideas, stories/narratives; production of works of literary narratives; considerations, criticisms and suggestions on the activities carried out. Through anonymous evaluation forms filled in by the participants, feedback on the activities can be obtained, as well as the works created in the workshops have become essential results for the analysis of the ODNL. In this way, it was possible to promote moments of well-being to the participants, by stimulating creativity, expression, acceptance, empathy, self-esteem, among other aspects. The investigation carried out contributed to the development of tools and strategies for teaching and health promotion that favor interdisciplinary and transdisciplinary teaching, stimulating imagination, creative processes and learning.

ÍNDICE

RESUMO	VIIIVIII
ABSTRACT	IXX
APRESENTAÇÃO	XV
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização e Problema Central do Estudo	1
1.2 Pergunta e Pressuposto da Pesquisa .Erro! Indicador não definido.	
1.3 Objetivos	Erro! Indicador não definido.
1.3.1 Objetivo Geral	4
1.3.2 Objetivos Específicos	4
CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
2.1 A proposta das oficinas dialógicas de narrativas literárias em um contexto de pandemia	5
2.2 Estratégia para o Ensino em Biociências e Saúde: Promoção da saúde em foco	9
2.2.1 Conceituação e processos históricos.....	9
2.2.2 Articulação de saberes e práticas: Arte e saúde	12
2.3 Cienciarte: Sobre outras formas de olhar o mundo	15
2.3.1 Iluminação por meio das 13 categorias	19
2.3.2 Articulação de saberes e práticas: Arte e saúde	12
2.4 Pesquisa Baseada em Artes - Arts-Based Research (ABR)	23
2.4.1 A conexão entre a pesquisa científica e as práticas artísticas	26
2.5 Narrativas Literárias	28
2.5.1 Narrativas Literárias como estratégia metodológica	30
2.5.2 As Potencialidades da Ficção	32
CAPÍTULO 3: ABORDAGENS METODOLÓGICAS	35
3.1 Percurso Metodológico: Uma história de muitos capítulos	35
3.2 Desenho Experimental	38
3.3 Desenvolvimento das oficinas: Uma proposta de comunicação dialógica e participativa	38
3.4 Adaptação do presencial ao virtual	43

3.5 Etapas da Oficina Dialógica de Narrativas Literárias	48
3.5.1 Preparativos Pré-Oficina	49
3.5.2 Inscrição, Aceite e Sondagem	49
3.5.3 Atividades da Oficina Dialógica de Narrativas Literárias	50
3.5.4 Pós-oficina: Coleta e Avaliação	62
3.6 Considerações sobre aspectos éticos	63
CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÕES	65
4.1 Atividade 1: Narrativas por meio de figurinhas/memes	70
4.2 Atividade 2: “Dar vida” a um objeto	73
4.3 Atividade 3: Evocação de Memórias da Infância	78
4.4 Atividade 4: Evocação de palavras por meio de imagens	83
4.5 Atividade 5: Construção de Personagem Protagonista	92
4.6 Avaliação por formulários anônimos após as oficinas	97
4.7 Avaliação por meio de critérios da Pesquisa Baseada em Artes (ABR)	102
4.8 Análise do quadro das 13 categorias cognitivas promotoras da criatividade	105
4.9 Perspectivas da Pesquisa	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
APÊNDICES E ANEXOS	126
APÊNDICE A	126
APÊNDICE B	130
APÊNDICE C	132
APÊNDICE D	134
APÊNDICE E	137
APÊNDICE F	138

APÊNDICE G	140
ANEXO A	143
ANEXO B	144

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema sobre integralidade em saúde.....	10
Figura 2 – Esquema das principais concepções abordadas no livro “Centelha de Gênios”.....	16
Figura 3 – Esquema de representação da Pesquisa Baseada em Artes - Arts-Based Research	24
Figura 4 - Representação das principais abordagens metodológicas presentes no estudo	35
Figura 5 – Representação esquemática dos caminhos percorridos na pesquisa	38
Figura 6 – Acervo de imagens utilizadas durante a atividade 4 na 1ª ODNL ...	56
Figura 7 – Acervo de imagens utilizadas durante a atividade 4 na 2ª e na 3ª ODNL	58
Figura 8 – Esquema construído a partir das propostas de Passos (2020) para a atividade 5 da ODNL.....	60
Figura 9 – Panfleto digital para a divulgação da oficina piloto	66
Figura 10 – Flyer de divulgação da 2ª oficina	68
Figura 11 – Mosaico com o <i>print</i> das figurinhas de <i>whatsapp</i> escolhidas pelos participantes nas três Oficinas Dialógicas de Narrativas Literárias apresentadas neste estudo.....	72
Figura 12 – Materiais desenvolvidos por dois participantes na atividade 2 da oficina piloto.....	74
Figura 13 – Resultantes da atividade 2 por três participantes da 2ª ODNL	75
Figura 14 – Resultantes de dois participantes durante a atividade 3 na oficina piloto	79
Figura 15 – Resultantes da atividade 3 por dois participantes na 2ª ODNL	80
Figura 16 – Registro das palavras geradas por um participante da 1ªODNL e embaixo a seleção de 30 imagens utilizadas na atividade 4.....	84
Figura 17 – Registro das palavras geradas por um participante na 2ª ODNL e embaixo a seleção das 20 imagens utilizadas na atividade 4	86
Figura 18 – Registro das palavras geradas por um participante na 3ª ODNL e ao lado direito estão representadas as 20 imagens utilizadas na atividade 4	87

Figura 19 – Nuvem de palavras da atividade 4 da 1ª oficina	88
Figura 20 – Nuvem de palavras da atividade 4 da 2ª oficina	89
Figura 21 – Nuvem de palavras da atividade 4 da 3ª oficina	89
Figura 22 – Personagem desenvolvido por um participante na atividade 5 da oficina piloto.....	93
Figura 23 – Resultantes da atividade 5 por um participante da 2ª ODNL	94
Figura 24 – Produção de um dos participantes da 3ª ODNL durante a atividade 5 realizada de forma assíncrona	96
Figura 25 – Personagens desenvolvidos pelos participantes durante a atividade 5 das oficinas	97
Figura 26 – Gráfico gerado através da questão sobre as 13 categorias cognitivas apresentada no formulário de avaliação da 2ª ODNL	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação das principais tecnologias digitais de informação e comunicação possíveis a serem incorporadas nas oficinas dialógicas de narrativas literárias	46
Quadro 2 – Quadro analítico das atividades da ODNL segundo as 13 categorias cognitivas	106

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABR - Arts Based Research

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

CEP FIOCRUZ – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Fundação Oswaldo Cruz

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Dr.(a) – Doutor(a)

EPSJV - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ EPSJV)

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

LITEB - Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos

MPB - Música Popular Brasileira

ODNL - Oficina Dialógica de Narrativas Literárias

NEACS - Núcleo de Estudos em Arte, Cultura e Saúde

PBA - Pesquisa Baseada em Artes

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PGEBS – Pós Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

Prof. (a) – Professor (a)

PROVOC- Programa de Vocação Científica

RJ – Rio de Janeiro

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDICs - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

A TRAJETÓRIA DA AUTORA E O ENCONTRO COM A PGEBS

Ao iniciar minha escrita sobre a trajetória que me trouxe até aqui, duas principais lembranças me vêm à mente: uma delas é a recordação ainda viva da primeira vez que pisei na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Aquele sentimento de encarar o novo, encantada pela grandiosidade e com muita vontade de aproveitar a oportunidade e me entregar àquele lugar. A outra, talvez seja uma das mais antigas memórias, por volta dos meus quatro, cinco anos, ouvindo histórias que meu pai contava para que eu dormisse. Por mais que diferentes, em períodos bastante distantes, tais lembranças significam o elo que consegui neste presente trabalho: conexão entre minha dedicação pela pesquisa científica e minha paixão pelas narrativas literárias.

A verdade é que antes de conhecer a linha de pesquisa Ciência e Arte, não tinha imaginado que conseguiria unir meus dois mundos preferidos e transformá-los em um só, mais expressivo e cativante. Com isso, iluminada com referências e vivências tão significativas que me fazem genuinamente associar as práticas científicas e artísticas, desenvolvo aqui um fio condutor para contar sobre esse processo de descoberta.

Provavelmente o encontro se deu primeiramente com a arte, em suas tão variadas formas, até mesmo ouvindo as histórias de cangaço, tão tradicionais nas minhas raízes; sou nascida no Crato, na região do Cariri-Ceará. Por volta dos três anos de idade, junto aos meus pais, migrei para o Rio de Janeiro. Além disso, lembro-me das histórias de aventura, fantasia e suspense contadas por meu pai, bem como dos meus primeiros momentos com a leitura. Mas não era algo que pensasse em trazer à minha vida; até que quando alcancei a adolescência, gostando muito de ler e com a imaginação à flor da pele, comecei a deixar essas inspirações se soltarem e alcançarem o papel, de forma espontânea e singela.

Justamente nesse mesmo período - hoje compreendo que não por acaso - também tive minha primeira interação com o exercício de pesquisa científica. Foi em 2010, estava no primeiro ano do ensino médio, estudava no Colégio Pedro II em

Niterói, quando abriu a seleção para o Programa de Vocação Científica- PROVOC (coordenado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ EPSJV- Fiocruz).

Por meio desta oportunidade, conheci o meu orientador, professor Márcio Mello, e continuamos em uma parceria de mais de 10 anos de pesquisas. Foram muitos aprendizados, desses destaco dois principais encontros, um com a pesquisa qualitativa, conhecendo referenciais que trago até hoje como Maria Cecília de Souza Minayo, fundamentais para construir o arcabouço teórico da minha jornada dentro das práticas qualitativas. Além de autores que me fizeram expandir a visão de mundo, como Clifford Geertz e as teias de significados que representam nossas culturas, tão diversas com influências intersetoriais, enriquecendo meu pensamento sobre a sociedade e sobre a existência humana.

A partir desse mergulho, iniciou-se um período, de 2010 até 2013, em que participei de eventos como a Federação de Sociedades de Biologia Experimental-FeSBE, Reunião Anual de Iniciação Científica-RAIC e Reunião Brasileira de Antropologia/ Reunião Equatorial de Antropologia (RBA/REA). Ali começava o sonho de seguir realizando pesquisas em saúde, e acredito que muito pela maneira como a área era abordada, sempre de forma sensível e humanizada. Pertinente ressaltar que uma das tarefas em que mais me envolvi durante a pesquisa foi na transcrição de entrevistas com líderes das religiões afro-brasileiras. Ter acesso àquelas histórias de vida, fez algo mover-se em meu interior, sentia que queria conhecer, escutar e sentir aquelas histórias cada vez mais. Iniciava-se ali meu interesse pelas narrativas como abordagem metodológica.

Paralelamente à minha jornada de iniciação científica, passei a escrever romances e; depois de algum tempo escrevendo apenas para mim, decidi compartilhar os textos em um *blog*. Uma escrita que estava longe de ser perfeita ou dentro de regras literárias rígidas, mas que transmitia sentimentos, emoções e histórias que eu queria contar para alguém. Essa relação é tão instigante que me acompanha até os tempos atuais, principalmente ao chegar no mestrado e conseguir associar minha arte à pesquisa.

Em 2012, me formei no ensino médio, e no início do ano seguinte, fiz a matrícula em Enfermagem na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde permaneci por dois semestres. Lá, estudei sobre educação em saúde, e foi onde, pela primeira vez, pude estudar um autor que se tornaria uma das principais bases da minha jornada científica e para a vida no geral: Paulo Freire. Não me encontrei totalmente na Enfermagem, mas foi uma experiência muito enriquecedora.

Após esse episódio, ingressei em um pré-vestibular popular para seguir me preparando e em 2015, encontrei-me com a Biomedicina na Universidade Federal Fluminense (UFF); foi especial adentrar em uma área da saúde que abarcasse meus interesses e me permitisse continuar pensando em seguir como pesquisadora. Durante a graduação, retornei oficialmente à Fiocruz em 2017 como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB); foi uma oportunidade de expandir as possibilidades dentro da pesquisa.

Nesse período, foi possível pesquisar com profissionais de diversas áreas e com isso formamos o Núcleo de Estudos em Arte, Cultura e Saúde (NEACS). A partir de nossas interações, conheci a linha de pesquisa “CienciArte”, palavras com tanto significado agarradas uma à outra, como um abraço apertado e quentinho. Foi amor à primeira vista; como escritora de romances, não poderia descrever de outra forma. Agraciada com referenciais essenciais como o casal Robert e Michele Root-Bernstein, consegui me conectar às minhas práticas artísticas e científicas, conscientizando-me da importância desta união para a minha caminhada.

Dessa forma, meu interesse em pesquisar na linha de pesquisa Ciência e Arte foi arrebatador; nesse tempo, o grupo de pesquisa estava evidenciando a Música e Saúde. Sendo assim, associando com minha graduação, decidi pesquisar a relação entre cérebro, saúde e práticas musicais, surgindo então o projeto intitulado: “Desafios para a Promoção da Saúde: Interface Práticas Musicais, Neurociências e Biomúsica”, com orientação da Professora Tânia C. de Araujo-Jorge e do Prof. Márcio Mello.

Durante as etapas da pesquisa, fomos para campo pela primeira vez em 2017, na Casa do Trabalhador em Manguinhos com a Oficina Dialógica de Som e Movimento (ODSM). Realizamos as práticas com agentes populares de saúde; era sensacional como a música potencializava as ações e promovia saúde. Além dessa oficina, realizamos muitas outras, com públicos variados.

Nesse momento tive contato com uma das principais bases teórico-práticas para meu trabalho: a *Arts Based Research* (ABR). A partir desse campo, pude abranger as possibilidades de abordagens metodológicas e conseguir ver caminhos entre a ciência e as narrativas literárias. Ressalto especialmente Patricia Leavy que, além de pesquisadora social, é escritora de romances e conseguiu unir de forma interessante suas paixões; seguramente, uma das minhas maiores inspirações. Encantada pela pesquisa, segui no PIBIC até 2019 quando finalizei minha graduação,

apresentando meu trabalho de conclusão de curso em análises clínicas sob orientação da Prof^a. Dra. Hye Chung Kang.

Após esse encerramento de ciclo, já podia passar para a próxima etapa: Mestrado Acadêmico na Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PGEBS) do Instituto Oswaldo Cruz (2020.1). O interesse em envolver as narrativas literárias no ensino em biociências e saúde, mais precisamente na área de promoção da saúde, partiu do meu encontro e encantamento pela linha de Ciência e Arte. Meu sonho de seguir na carreira acadêmica já era estabelecido, porém habitava um outro lado em meu âmago, quase um romance secreto, muito particular e que me constituía, a minha arte, minha paixão pela escrita.

Nessas páginas, consegui contar um pouco da trajetória que me trouxe até esta experiência na PGEBS. Logo nas primeiras semanas de mestrado, fomos surpreendidos com uma pandemia que, sem dúvidas, transformou o processo, fez com que tivesse que mudar a rota, repensar e repensar... Fiz isso com muita dedicação e preocupação; hoje escrevendo sinto que a essência do projeto continuou mesmo com as adaptações necessárias. Com isso, este trabalho representa a minha dedicação e afeto pela pesquisa em saúde/cienciArte/ABR. Espero que a leitura e contemplação desta dissertação consista em um momento agradável e enriquecedor.

CAPÍTULO 1

*"(..)Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu."*
- **Conceição Evaristo**

1. INTRODUÇÃO

Nesta seção são apresentados os principais aspectos da pesquisa com base nas relações essenciais realizadas para construí-la. Também se apresenta um pouco sobre as áreas de conhecimento investigadas, que se associam, principalmente, às abordagens em CienciArte e Pesquisa Baseada em Artes (PBA) amplamente utilizadas nesta pesquisa, além de conter aspectos das narrativas literárias como estratégia e das mudanças relacionadas à adaptação do presencial ao virtual devido à pandemia COVID-19.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA CENTRAL DO ESTUDO

Esta pesquisa tem como cerne o diálogo entre abordagem Cienciarte e a Pesquisa Baseada em Artes como potencialidades para o ensino em biociências e saúde, com ênfase na promoção de saúde. Devido à essência dos principais referenciais teóricos envolvidos na construção do trabalho, foram utilizadas oficinas dialógicas como tecnologia e centrou-se nas narrativas literárias como estratégia metodológica e prática artística central do estudo.

Uma das primeiras considerações realizadas para pensar nessa pesquisa foi justamente o próprio fazer científico. Parte da justificativa do estudo se encontra na necessidade de pensar em novas estratégias de investigação em saúde, devido às complexidades dessas relações saúde/doença e saúde/sociedade (CZERESNIA, 2003). Nessa perspectiva também se busca diferentes formas de pensar, educar e refletir sobre a saúde; a necessidade dessas transformações é expressa nas palavras de Nutbeam (1996):

É necessário pôr em prática diferentes formas de educação para a saúde, o que significa uma superação do papel que tradicionalmente lhe foi atribuído,

limitado, fundamentalmente, a mudar as condutas de risco dos indivíduos; e se converte assim em potente instrumento para a mudança (NUTBEAM,1996. p.393-403).

No cenário acadêmico, boa parte das pesquisas científicas ainda permanece centrada na forma hegemônica de se realizar ciência. Todavia, cada vez mais pesquisadores começam a propor inovações, além de responder, como comunidade científica, cada vez melhor a essas novas possibilidades que vêm surgindo. Muitos estudos já englobam o conceito de saúde ampliada ao pensar em estratégias de promoção, comunicação e educação em saúde, assim como em ações pedagógicas (FIGUEIRA-OLIVEIRA; RODRIGUEZ; DE MEIRELLES, 2012).

Nesse sentido, a abordagem CienciArte foi incorporada ao estudo como agente impulsionador deste movimento por diversidade nas formas de vivenciar os processos de pesquisa. Assim como a ciência, a arte também envolve o uso sistemático de expressões com o objetivo de novas percepções sobre a vida. Além disso, pode agir como uma “ponte” entre a população e a ciência, tantas vezes distante, já que tem uma potente ação integradora.

Esse diálogo – arte e ciência - é fundamental quando reforça a tentativa de criar lugares, diferentes territórios, que inovam na criação de outras formas de pensar, estudar e ensinar. Com isso, é possível considerar que tanto o trabalho artístico quanto o científico são formas de expressar a criação e a imaginação, inventando novas possibilidades de concepção do mundo (FERREIRA, 2010).

Na mesma direção da abordagem CienciArte, a denominada “Arts Based Research”(ABR), em português: Pesquisa Baseada em Artes (PBA) também se encontra na intersecção entre ciência e arte. Tal metodologia, que foi estabelecida nos Estados Unidos na década de 70 por Leavy (2009) define-se como: “(...) um conjunto de ferramentas metodológicas usadas por pesquisadores qualitativos, entre as disciplinas durante toda a fase da pesquisa social, incluindo a coleta de dados, análise, interpretação e representação” (LEAVY, 2009, p. IX, prefácio).

Por conta disso, neste trabalho foram agregados elementos constituintes dessa metodologia ainda pouco estudada no Brasil. A ABR traz consigo um arcabouço teórico-prático que nos permite uma abordagem transdisciplinar e holística para a construção do conhecimento que combina os princípios das artes criativas em contextos de pesquisa, integrando os impulsos criativos e intenções artísticas e científicas (LEAVY, 2015, 2009; MCNIFF, 2012).

Pertinente acentuar algo sobre essas conexões essenciais entre a abordagem Cienciarte e Pesquisa Baseada em Artes, pois, em ambas, enfatizam-se reflexões

sobre a polarização entre ciência e arte ao longo da história (SNOW, 1995), de forma errônea fragmentadas e, por vezes, consideradas mundos totalmente opostos. Se ponderações acerca dos dois campos forem feitas, serão encontradas semelhanças intrínsecas em suas tentativas de explorar, iluminar e representar aspectos da vida humana e dos mundos sociais e naturais dos quais fazemos parte (LEAVY, 2009, 2015).

A partir destas duas referências principais - a abordagem CienciArte e Pesquisa Baseada em Artes (ABR) – o estudo pode ser iniciado, utilizando como chave a interação das expressões artísticas com processos científicos. A partir deste mote, originou-se a ideia da realização de oficinas de práticas artísticas, especialmente voltada para as narrativas literárias.

Diante desse pensar, o problema motriz da pesquisa é o incentivo à integração Cienciarte e Pesquisa baseada em artes, como potência para reflexões e ações em ensino em biociências e saúde, se desdobrando em intervenções em promoção da saúde, já que esses movimentos ainda são escassos e pouco valorizados quando falamos em formas de pensar/fazer pesquisa em saúde e ensino.

Pretendeu-se, por meio do oferecimento e investigação das oficinas dialógicas de narrativas literárias, promover a valorização dessas expressões artísticas como forma de alcançar os indivíduos, de buscar suas concepções de mundo, suas interpretações e histórias de vida. Essa estratégia foi encarada como bastante pertinente e relevante para promover saúde, além de ampliar os conhecimentos acerca das integrações entre práticas artísticas e científicas.

1.2 PERGUNTA E PRESSUPOSTO DA PESQUISA

Como oficinas dialógicas de narrativas literárias realizadas de forma virtualizada com alunos, professores e profissionais de saúde da Fundação Oswaldo Cruz podem ser aplicadas como estratégia para o ensino em biociências e saúde, principalmente nos aspectos de promoção da saúde dos participantes?

O pressuposto do estudo foi de que a abordagem CienciArte atrelada à metodologia da Pesquisa Baseada em Artes, no contexto das oficinas dialógicas de narrativas literárias, consegue ser uma ligação eficaz e instigante para falar, pensar, refletir, produzir aspectos científicos e de promoção da saúde. A partir do desenvolvimento e realização de oficinas, esperou-se que os participantes possam compartilhar narrativas de suas histórias de vida a partir de atividades que enfatizam a produção de histórias por meio de expressões artísticas, reflexões e compartilhamento de pontos de vista.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar a contribuição das narrativas literárias para o ensino de biociências e saúde, com ênfase na promoção da saúde.

1.3.2 Objetivos específicos

- Desenvolver oficinas dialógicas de narrativas literárias de acordo com a integração dos referenciais teórico-metodológicos centrais ao estudo;
- Elaborar uma articulação teórico-prática entre Promoção da Saúde, abordagem CienciArte e Pesquisa Baseada em Artes.
- Analisar as atividades da ODNL segundo as 13 categorias cognitivas promotoras da criatividade propostas por Root-Bernstein e Root-Bernstein (2001)

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A PROPOSTA DAS OFICINAS DIALÓGICAS DE NARRATIVAS LITERÁRIAS EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA

É importante refletir da história da humanidade, que antes mesmo de se falar em literatura, uma das principais manifestações artísticas utilizadas pelo ser humano para expressar seus pensamentos foram as narrativas, elementos que constituíram a própria dinâmica do ser humano. Os indivíduos são o que eles são a partir das histórias que nos são contadas. À medida que essa maneira de narrar foi ficando mais sofisticada e criativa, chegou-se ao que consideramos atualmente como literatura (GAGLIAN, 2017).

Laurel Richardson (1997) explica que: (...) “a narrativa nos permite expressar e compreender indivíduos, sociedades de culturas e períodos históricos em sua inteireza” (RICHARDSON, 1997, p. 27). Muitas vezes, mais do que conteúdos informativos ou acadêmicos, as histórias que ouvimos ou lemos podem causar uma impressão profunda e tantas vezes duradoura. As narrativas são capazes de nos fazer sentir conectados, abrir nossos olhos para novas perspectivas, estimular o desenvolvimento de empatia, autoconsciência, reflexão social e processos de criação.

Diante de uma forma de educar que muitas vezes preza a tradução e transferência de conhecimento, pensamos em formas diferentes de ensinar, que se associam a uma “mobilização” de conhecimento em que as aprendizagens são promovidas por meio das interações para criar e dar sentido aos conhecimentos (VAN DE VEN & JOHNSON, 2006). Tudo isso em um fluxo de reciprocidades e assimilação de aprendizados entre as diversas partes interessadas de forma a apresentar construções de conhecimento multidirecionais (ABMA *et al*, 2017).

Nessa perspectiva, enfatiza-se a valorização e a importância dos mais diferentes tipos de conhecimentos agregados à esta pesquisa. Assim, como ensinava Paulo Freire (1973), a mobilização do conhecimento ocorre quando os indivíduos se

unem, cada um com suas bagagens e saberes próprios, e aprendem uns com os outros em suas rotinas, aplicam seus aprendizados com as situações concretas que vivenciam e transformam os conhecimentos em ações que vão agir sobre as suas realidades (ABMA *et al*, 2017).

As teorias de Vygotsky e colaboradores (1988) são importantes para contribuir com este processo de pesquisa, já que a metodologia deste estudo está centrada em realizar oficinas como estratégia para promover saúde, visando estabelecer interações entre os participantes, auxiliando processos mútuos de ensino e de aprendizagem. Os participantes podem compartilhar seus conhecimentos, pontos de vista e saberes de modo a colaborar na construção de seu próprio conhecimento (VYGOTSKY, *et al*, 1988; FREIRE, 2005).

Essa abordagem nos permitirá vivenciar a aprendizagem construída socialmente em espaços não formais de modo participativo em que se visa gerar nos indivíduos e grupos o sentimento de pertencimento; sendo assim, as oficinas dialógicas de narrativas literárias incluem-se nos parâmetros de educação não formal, mesmo admitindo-se a flexibilidade das oficinas para serem também realizadas em espaços formais sem perder sua essência (GONH, 2014).

Dessa forma, a proposta de oficinas dialógicas de narrativas literárias carrega em sua essência, a integração CienciArte ao propor momentos de criação que envolvem o estímulo, dentre os muitos aspectos, da nossa imaginação e criatividade. Para Lev Vygotsky (2009), criatividade e imaginação são indissociáveis, uma alimenta a outra; quanto mais imaginação, mais a criatividade nos visita, e quando somos criativos, conseguimos expandir ainda mais nossas possibilidades imaginativas. Nas suas próprias palavras:

A atividade criativa da imaginação depende diretamente da riqueza e da variedade das experiências prévias das pessoas porque esta experiência fornece o material a partir do qual os produtos da imaginação são construídos. Quanto mais rica a experiência de uma pessoa, mais rico é o material que a imaginação poderá acessar (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Após discorrer sobre o campo do estudo, as principais conexões e estado da arte, também é fundamental abordar um aspecto que, certamente, transformou o cenário na qual a pesquisa se inseriu: a pandemia Covid-19. Na marcante data de 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou situação pandêmica e estado de emergência de saúde pública de interesse internacional,

devido à infecção causada pelo SARS-CoV-2, conhecida como COVID-19 ou doença causada pelo novo coronavírus (WHO, 2020).

Por conta disso, vidas foram transformadas, muitas inclusive perdidas. Inicialmente, na ausência de métodos preventivos, a OMS recomendou a adoção de intervenções não farmacológicas e dentre elas, o distanciamento social. Desse modo, o objetivo consistia em diminuir o contato físico entre indivíduos, conseqüentemente o risco de transmissão do COVID-19 e promover o achatamento da curva de crescimento dos casos (WHO, 2020).

Entretanto, esse quadro trouxe graves conseqüências para toda a sociedade, incluindo uma situação em que as medidas de controle foram associadas às *fake news* (informações falsas), além das dificuldades enfrentadas em relação ao acesso a um tratamento comprovadamente eficaz e seguro. Isso fez com que a população vivenciasse momentos de incertezas, insegurança, pânico e medo, repercutindo diretamente na sua saúde mental (ORNELL, 2020). Além disso, os demais efeitos negativos associados ao distanciamento social poderão ser observados a curto, médio e longo prazos na saúde individual e coletiva (WERNECK & CARVALHO, 2020).

É uma circunstância tão complexa que autores sugerem o uso do neologismo “sindemia” para representar tal experiência vivenciada nos últimos tempos, já que ela designa as conexões sinérgicas entre saúde e os contextos sociais, econômicos, ambientais e culturais (VEIGA-NETO, 2020), tal como exemplificado no trecho a seguir:

A criação desse neologismo não significa apenas uma especificidade ou maior adequação entre a terminologia técnica e os novos fenômenos colocados em marcha pela pandemia da COVID-19. Bem mais do que isso, essa nova palavra encerra um conceito poderoso para uma compreensão mais abrangente e refinada dos problemas criados pelo novo vírus e, conseqüentemente, para um enfrentamento mais efetivo de tais problemas, em termos de reorientar tanto os tradicionais enfoques e procedimentos da medicina clínica, quanto os tradicionais programas de saúde coletiva. Em suma, referir-se à pandemia covídica como uma sindemia é interessante, importante e potente, na medida em que acentua o seu caráter extremamente polimórfico e complexo. (HORTON, 2020, p. 874, apud VEIGA-NETO, 2020).

Nesse contexto, se tornou mais necessário ainda pensar em nosso bem-estar, cuidar de nós e dos que estão à nossa volta. Dessa forma, o desafio de manter o processo de pesquisa em movimento que mesmo com obstáculos da pandemia/sindemia. Em decorrência do isolamento social e da tendência educacional voltada para o ensino remoto, as oficinas dialógicas de narrativas literárias foram

adaptadas, se antes foram pensadas para o modo presencial, no contexto pandêmico, foi proposto para ocorrer em encontros virtualizados.

Desse modo, o estudo incorporou referenciais novos acerca das tecnologias em ambiente virtual para dar suporte nesse novo desafio. Nesse processo, a tecnologia foi compreendida como extensão das possibilidades e potencialidades humanas da produção social. Dessa forma, o desenvolvimento científico e tecnológico é o desenvolvimento da ciência do trabalho produtivo, isto é, o processo de apropriação contínua de saberes e práticas pelo ser social no devir histórico da humanidade (PEREIRA *et. al*, 2008). Além disso, a tecnologia pode potencializar as habilidades inclusive dentro das abordagens em ensino, como descrito abaixo por Howland, Jonassen e Marra (2012):

(...) A tecnologia consiste também nos *designs* e em ambientes que envolvem os alunos e habilidades de pensamento crítico. (...) As tecnologias de aprendizagem podem ser qualquer ambiente ou conjunto definível de atividades que envolvem alunos na aprendizagem ativa, construtiva, intencional, autêntica e cooperativa (HOWLAND; JONASSEN; MARRA, p.7, 2012).

Importante ressaltar que infelizmente na realidade de nosso país, essa tecnologia que poderia potencializar processos de ensino ainda está muito distante de boa parte dos brasileiros. No contexto pandêmico, muitos alunos abandonaram seus estudos justamente por não conseguir acompanhar o ensino remoto (DE SOUZA; PEREIRA; DE JESUS RANKE, 2020). Para este estudo inicial precisou-se optar por continuar remotamente, explorando as vantagens e inovações do virtual, mas espera-se conseguir levar as oficinas de outras formas para mais públicos no futuro.

Com isso, acreditou-se que, mesmo em um ambiente novo e diferente do planejado no início, o trabalho manteve sua essência e de certo modo, ampliou possibilidades ao utilizar o virtual como meio para a viabilização das oficinas. Tal concepção está de acordo com o conceito de “Inéditos Viáveis”, decorrente da pedagogia freireana, em que se pode por meio de situações-limite, chegar a novas ideias, pensar outras possibilidades.

No momento em que estes as percebem [as situações-limites] não mais como uma ‘fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o ser mais’, se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligada àquela percepção. Percepção em que está implícito o inédito viável como algo definido, a cuja concretização se dirigirá sua ação (FREIRE, 1987, p. 94).

À vista disso, a adaptação do presente trabalho foi considerada como uma oportunidade para conhecer outros caminhos e formas que levassem à mesma finalidade e objetivos pretendidos. Foram e são tempos difíceis, mas idealizam-se os pensamentos de Hanna Arendt sobre os momentos complicados que enfrentamos: toda crise é também uma porta aberta para a criação e para a inovação (ARENDR, 2011).

2.2 ESTRATÉGIA PARA O ENSINO EM BIOCÊNCIAS E SAÚDE: PROMOÇÃO DA SAÚDE EM FOCO

Este trabalho, como previamente apresentado, está inserido em uma pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde; com isso, algumas características às devem ser referenciadas. Afinal, estas são fundamentais para pensar nas justificativas para a proposta de forma a agregar ao campo, como forma de fazer refletir, promover, ensinar saúde.

2.2.1 CONCEITUAÇÃO E PROCESSOS HISTÓRICOS

Sob o ponto de vista de Paulo Sabroza, saúde pública/saúde coletiva pode ser definida como campo de conhecimento e de práticas organizadas institucionalmente e orientadas à promoção da saúde das populações. Apesar dessa ideia, atualmente, as práticas de saúde ainda se concentram em objetivos muito mais voltados ao conceito de doença do que ao de saúde (SABROZA, 1994; CZERESNIA, 2003).

Certamente, ao longo das últimas décadas, foi possível acompanhar muitas mudanças nos discursos acerca da saúde pública e o redirecionamento em relação às práticas de saúde, de modo que se enfoque a ideia de promoção da saúde. Um dos pensamentos envolvidos no desenvolvimento desse “novo” pensar em saúde pública traz a ideia de fortalecimento da autonomia, tanto do coletivo quanto do indivíduo, ao passo que se reflete sobre a construção de representações científicas e culturais (CZERESNIA, 2003).

De um ponto de vista progressivo têm-se uma ideia de promoção da saúde que destaca a elaboração de políticas públicas intersetoriais, voltadas à melhoria da qualidade de vida das populações. Um esquema sobre integralização na saúde

apresenta-se na figura 1, expressando as ideias preconizadas por Dina Czeresnia (2003) em relação à promoção da saúde, enfatizado no trecho a seguir:

Promover a saúde alcança, dessa maneira, uma abrangência muito maior do que a que circunscribe o campo específico da saúde, incluindo o ambiente em sentido amplo, atravessando a perspectiva local e global, além de incorporar elementos físicos, psicológicos e sociais (p. 39).

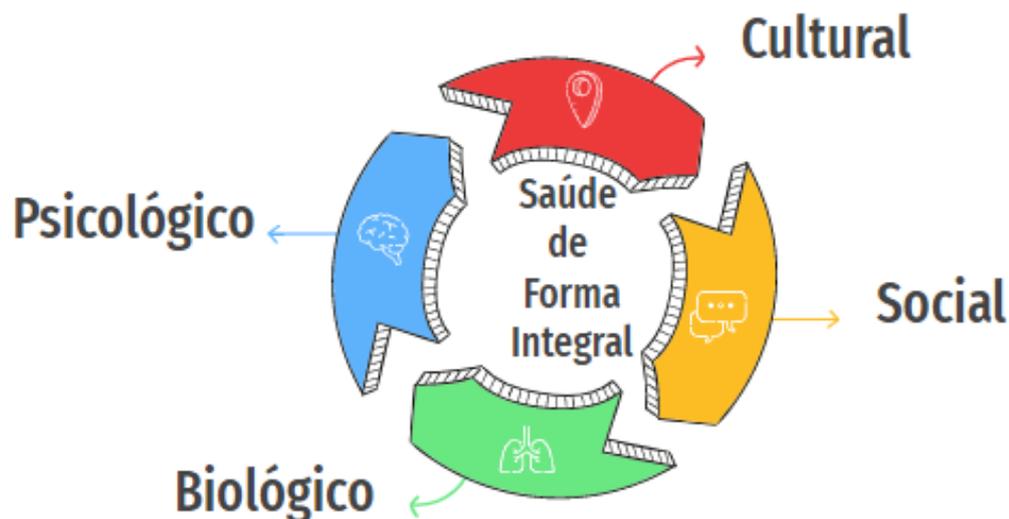


Figura 1: Esquema sobre integralidade em saúde

Fonte: a autora

Em meio às estratégias em saúde, preconizam-se duas principais vertentes em relação às ações possíveis: a prevenção e a promoção da saúde. Prevenir relata uma ação antecipada; com isso, por meio de medidas preventivas, podemos impedir que alguma doença progrida; geralmente enfatiza-se uma doença específica e são aplicados conhecimentos que reduzirão a incidência e prevalência da enfermidade em determinada parte da população. Por meio da educação em saúde com a utilização de divulgação de informações científicas e de recomendações, o que se deseja é intervir para impedir e evitar que uma doença se instale (FERREIRA, 1986; LEAVELL & CLARCK, 1976, CZERESNIA, 2003).

Por outro lado, quando se reflete sobre a promoção de saúde, percebe-se que é um conceito definido, tradicionalmente, de maneira bem mais ampla que prevenção, pois refere-se a medidas que "não se dirigem a uma determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem-estar gerais" (LEAVELL & CLARCK, 1976, p. 19).

Ademais, as medidas ligadas à promoção destacam transformações na qualidade de vida e de trabalho que mesmo não se associando a determinada condição ou enfermidade, possuem um impacto na saúde da população. Promover então percorre ações que dão impulso, fomentam, originam e geram processos de reflexões sobre o nosso bem-estar (FERREIRA, 1986; CZERESNIA, 2003).

Cabe ressaltar que é crucial conectar o conceito de promoção de saúde ao contexto de ensino, por envolver estratégias e intervenções educativas, partindo não somente de aspectos educacionais, mas abrangendo também aspectos ambientais. Assim, trata-se de um processo que envolve múltiplas possibilidades (CANDEIAS, 1997).

Dessa conexão educacional parte a associação entre promoção da saúde e educação em saúde dentro da pesquisa; é importante englobar aspectos de ambos, por mais que a proposta do estudo esteja centralizada na promoção da saúde. Em Candeias (1997), encontra-se que Educação em Saúde engloba: “ (...) quaisquer combinações de experiências de aprendizagem delineadas com vistas a facilitar ações voluntárias conducentes à saúde.” (p. 210). Com isso, estabelece a junção de múltiplos determinantes do comportamento humano com a enorme diversidade de processos de aprendizagem e de intervenções educativas.

Para discutir a inserção de uma estratégia em promoção da saúde, se faz necessário, além de associar conceitos e definições, firmar alguns dos processos históricos importantes para que se chegasse no contexto atual. Na década de 80, aconteceu a Conferência Internacional sobre Promoção de Saúde, realizada em Ottawa (1986). Um evento significativo que marcou as discussões acerca das práticas de saúde; inclusive um momento em que foi possível postular a amplitude das ações em saúde e refletir sobre a saúde ampliada, não centralizada apenas na doença, como pode ser visto em um trecho da Carta de Ottawa, apresentada a seguir:

Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global (CARTA DE OTAWA, 1986, p.1).

Importante discutir a definição de saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1946 como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença ou enfermidade”. Tal conceito leva em consideração a possibilidade de uma situação em que os indivíduos se encontram em plenitude para estarem saudáveis, quando a vida, por si só, é composta por obstáculos e dificuldades. Czeresnia e colaboradores apontam para questões que estimulam mais reflexões sobre essa definição:

(...) o bem-estar mental poderia ser experimentado como uma existência sem angústias e desafios? A ideia de bem-estar social poderia ser um projeto normativo que desconsidera diversidades e singularidades, uma espécie de ‘tipo ideal’? Uma vida saudável não pode excluir tensões, uma vez que viver envolve um constante dinamismo nas relações.” (CZERESNIA, MACIEL, OVIEDO, 2013).

Diante do contexto histórico, também é importante mencionar que no Brasil, no ano de 1986, ocorreu a VIII Conferência Nacional de Saúde. Evento em que foram debatidos e levados ao relatório final, entre outras pautas, a conceituação ampla de saúde, que define que “direito à saúde significa a garantia, pelo Estado, de condições dignas de vida e acesso universal e igualitário às ações e serviços de promoção, proteção e recuperação da saúde, em todos os seus níveis, a todos os habitantes do território nacional, levando ao desenvolvimento pleno do ser humano em sua individualidade” (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1986).

Com isso, foram elaboradas formas de assistência à saúde que não se resumiam aos aspectos físicos dos indivíduos, já que reduzir ou limitar processos tão complexos e diversos tornava a compreensão sobre a relação saúde/doença incompleta. Nas palavras de Czeresnia (2003): “Ao se tentar pensar a unidade do sujeito, o máximo que se consegue é expressá-la como “integração bio-psico-social” que não deixa de se manifestar de forma fragmentada, mediante conceitos que não dialogam com facilidade entre si” (p.42).

2.2.2 ARTICULAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS: ARTE E SAÚDE

Promover saúde engloba “empoderamento” (EAKIN & MACLEAN, 1992) do indivíduo sobre sua vida e suas decisões na busca por sua saúde. Ao refletir tais aspectos, ressalta-se que no Brasil, decorrem muitos desafios em relação aos

cuidados em saúde da população, devido à ampla diversidade e também as desigualdades.

À vista desse contexto, por meio de um conjunto de ações, é interessante associar abordagens transdisciplinares, ou seja, a exploração de muitas áreas de conhecimento e com isso ampliar as possibilidades, abrangendo aspectos individuais e coletivos, podendo sublinhar muitas formas de promoção diferentes e eficazes para potencializar a busca por nosso bem-estar (CZERESNIA, 2003).

A teoria da complexidade de Edgar Morin (1999) também permite pensar nas possibilidades dentro do pensar em promoção da saúde, inclusive, levando em consideração que o ser humano é entendido como “uma totalidade dinâmica, biológica, psicológica, social, cultural, cósmica, indissociável” (BARBIER, 2002, p. 87).

Tais abordagens em promoção da saúde envolvem a articulação de saberes técnicos e populares, levando em consideração as demandas da população. Além disso, podem mobilizar recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, de modo multisetorial, como recurso para alcançar as melhores formas de lidar com determinada questão de saúde ou seus condicionantes (FIGUEIRA- OLIVEIRA, *et al*, 2012; BUSS, 1999).

Sob essa perspectiva, o enfoque deste estudo foi direcionado para a integração entre práticas científicas e artísticas como forma de promoção da saúde. Neste contexto, salienta-se um campo que abriu caminho para esse movimento chamado “Terapia das Artes Criativas”. Essa associação entre arte e saúde pressupõe que as artes tenham capacidades únicas de cura, engloba diferentes práticas como artes visuais, teatro, dança, música, poesia e literatura (além das abordagens integradas). Os primeiros terapeutas das artes criativas foram inspirados pelo que as artes poderiam trazer para o campo da saúde (MCNIFF, 2011).

A terapia das artes criativas surgiu nas décadas de 1940 a 1970 e apresentou um crescimento acentuado nas décadas de 1960 e 1970 (LEAVY, 2015). Para McNiff (2011), a expansão da área durante esse período ocorreu devido ao agregamento de valores do expressionismo nas artes, assim como a busca por uma abordagem mais igualitária de compreender o significado estético da expressão de cada pessoa.

Em outros termos, do desejo dos artistas de usar a expressão criativa para servir à sociedade, surgiu o reconhecimento de que a linguagem tem muitos limites quando se trata de comunicar toda a gama de emoções e experiências humanas. Além da percepção psicológica de que diversas formas de expressão simbólica atendem às necessidades humanas básicas (LEAVY, 2015).

Os terapeutas que utilizam a arte em seus processos de promoção da saúde há muito tempo aproveitam o potencial das artes por muitas das razões. Aos poucos, pesquisadores perceberam que também poderiam se utilizar desse potencial e, com isso, estimular a criação de significado, o empoderamento, o autoconhecimento, a expressão emocional, a comunicação multissensorial, a conscientização, a cura, a autorreflexão e o crescimento pessoal, as relações interpessoais, a intersubjetividade e o poder expressivo (LEAVY, 2015).

Partindo desses caminhos e reflexões, centralizou-se nesta pesquisa, a promoção da saúde por meio da abordagem CienciArte e Pesquisa Baseada em Artes, já que ambas representam a associação de múltiplos caminhos e significados a fim de buscar inovações e melhorias na vida da população.

O ato de promover, como foi apresentado, envolve uma série de abordagens, e dentre elas podemos englobar a busca por processos de aprendizagens duradouros e significativos que provoquem influências profundas, em que os educandos estejam amplamente envolvidos em suas próprias redes de aprendizagem. Sob esse ponto de vista, as artes podem ser bastante envolventes, já que tocam nossas emoções e também podem nos levar a ver ou pensar de formas diferentes (YORKS & KASL, 2006; LEAVY, 2015).

Em uma perspectiva filosófica da "*Arts-Based Research*", Gerber e colaboradores (2012) consolidam que a arte sempre foi capaz de transmitir verdade (s) ou gerar consciência (tanto o conhecimento como autoconhecimento dos indivíduos). Além disso, a ABR permite a expansão de novos olhares e formas de entender e conhecer que envolvem, além dos habituais na ciência, como o uso da lógica e raciocínio, habilidades sensoriais, cinestésicas e imaginárias (DE FREITAS, 2003).

A proposta de integração enfatiza como prática artística a literatura, especificamente as narrativas literárias que será melhor aprofundada, ainda nesta seção. Tal prática artística foi evidenciada, devido à potencialidade das narrativas na vida dos indivíduos, pois a maior parte das experiências, conhecimentos e pensamentos são organizados como histórias.

Mark Turner observa que "a mente literária é a mente fundamental" e acrescenta: "A história é um princípio básico da mente". Cada história em nossa memória funcional é essencial para a construção do todo, uma narrativa auxiliando na compreensão da outra (TURNER, 1996).

A narrativa acompanha a ação humana, com isso, deve ser investigada dentro dos seus contextos social e educativo. A utilização de narrativas no contexto educacional não é algo novo, já vem sendo utilizada para diversas finalidades como para a construção de conhecimentos e no desenvolvimento de capacidades e atitudes, desenvolvimento pessoal e profissional de professores, e na própria pesquisa em educação, entre outras abordagens (HENRIQUES; FONTOURA, 2014), sendo inclusive uma válida ferramenta de pesquisa na área da educação (GALVÃO, 2005). Tal associação entre narrativas e educação, pode ser descrita nas palavras de Henriques e Fontoura, no trecho a seguir:

Quem lê, ouve ou analisa narrativas pode aprofundar conhecimentos a respeito de práticas em ensino-aprendizagem, na relação professor-aluno, nas interações que acontecem nas instituições onde nos inserimos (...) Os filtros que usamos são produto de nossos próprios conhecimentos, podendo atuar de forma a retirar das narrativas aspectos mais pregnantes, já que somos ao mesmo tempo atores e autores de nossos relatos, assim como quem nos lê pode se identificar e protagonizar episódios semelhantes (HENRIQUES; FONTOURA, 2014, p. 353).

Os escritores são capazes de explorar e descrever a experiência humana, o que pode ser de grande valia para o ensino na área social e das ciências (COSER, 1963, apud LEAVY, 2015). Em alguns trabalhos, como o de Jay Lemke (2006), as narrativas surgem como estratégia dentro do contexto educacional, mais precisamente voltados à educação científica no século XXI. "(...) Ao mesmo tempo, reconhecer a importância da narrativa como meio de comunicação e de aprendizagem e restituir-lhe seu lugar proeminente na educação científica" (p. 8).

2.3 CIENCIARTE: SOBRE OUTRAS FORMAS DE OLHAR O MUNDO

Antes de mais nada, é indispensável falar sobre a terminologia "CienciArte" utilizada durante todo o processo, em porque unir os termos dessa forma ao invés de usar ciência e arte. Tal integração parte de uma tendência postulada por quatro autores: Root-Bernstein, Siler, Brown e Snelson (2011) que, em um manifesto pela reintegração entre ciência e arte, lançaram mão do termo "*ArtScience*". Com isso, o

termo foi traduzido para “CienciArte” e é amplamente utilizado na linha de pesquisa em Ciência e Arte (ARAÚJO-JORGE *et al.* 2018).

A interação entre Ciência e Arte representa uma reconexão que tem muito a contribuir nas diversas áreas, incluindo as da pesquisa, do ensino e do desenvolvimento da sociedade. Em relação à Ciência e Arte e com ênfase nos processos educativos e de criatividade, alguns pesquisadores têm se destacado, dentre eles estão o médico Robert Root-Bernstein e a historiadora Michelle Root-Bernstein. Estes, juntamente com mais três pesquisadores, lançaram o Manifesto ArtScience (2011), um marco simbólico do campo, além de terem publicado o livro “Centelha de Gênios” (2001), materiais essenciais para compor a base teórica desta pesquisa, estão apresentadas as principais concepções abordadas neste livro:

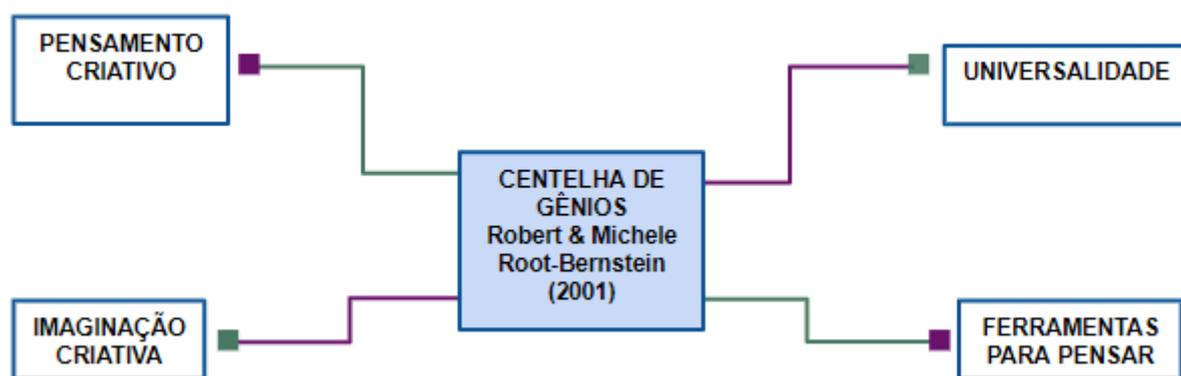


Figura 2: Esquema das principais concepções abordadas no livro “Centelha de Gênios”

Fonte: a autora

Na perspectiva de Robert e Michelle Root-Bernstein (2001), a união da ciência e arte faz com que 13 categorias cognitivas possam ser promovidas: Observar e registrar; Evocar imagens; Abstrair; Reconhecer padrões; Formar padrões; Estabelecer analogias; Pensar com o corpo; Ter empatia; Pensar de modo dimensional; Modelar; Brincar; Transformar; Sintetizar; cada uma será abordada separadamente ainda nessa seção.

Essa abordagem reforça a importância de conectar a arte à pesquisa científica como forma de enriquecer todas as etapas do processo. Ao desenvolver tais categorias, o casal dá enfoque à unidade do pensamento criativo, formulando uma

nova concepção de conhecimento e uma nova forma de educação correspondente (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001).

A reflexão sobre as interações entre ciência e arte aborda os processos criativos que cientistas e artistas podem compartilhar. Sob a perspectiva de Root-Bernstein e Root - Bernstein, cientistas, artistas, escultores, compositores, escritores, matemáticos, físicos, todos esses fazem uso de um conjunto comum do que chamamos de “ferramentas para pensar” - marcadas pela subjetividade. Estas incluem emoções, sensações, imaginação, formação de imagens, produção de padrões e analogias. (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001, p.22)

Com isso, os pensadores precisam traduzir as ideias oriundas a partir das ferramentas para as linguagens de seus devidos campos a fim de expressar seus *insights* e, com isso, produzir e promover inovações. Em suas pesquisas, que envolviam entrevistas com artistas e cientistas, o casal concluiu que por meio da arte os cientistas encontram as ferramentas para tornar explícita a beleza da produção de conhecimento.

Um significativo documento que reflete sobre a fragmentação entre os campos científicos e artísticos é o livro “As duas culturas”, de Charles Percy Snow, com primeira edição no ano de 1959. Este livro relata dois mundos vividos por escritores/artistas e cientistas e como os campos constroem estereótipos um acerca do outro, e como essa polarização acaba limitando as possibilidades envoltas em uma reintegração; no trecho a seguir Snow relata sobre essa polarização:

Essa polarização é pura perda para todos nós. Para nós como pessoas, e para a nossa sociedade. E ao mesmo tempo perda prática, perda intelectual e perda criativa, e repito que é errôneo imaginar que esses três aspectos são claramente separáveis. Mas, por um instante, gostaria de me concentrar na perda intelectual (SNOW, 1995 p. 12).

Aos poucos, foi se desenvolvendo um movimento de reaproximação entre os dois campos, e, em 2011, foi lançado o Manifesto Ciência e Arte, um marco simbólico para a reintegração dos conhecimentos. O objetivo da CienciArte consiste em “inspirar receptividade, curiosidade, criatividade, imaginação, pensamento crítico e resolução de problemas por meio da inovação e colaboração” (ROOT-BERNSTEIN, SILER, BROWN, SNELSON, 2011, p 192). A partir desse olhar, Root- Bernstein (2011) relata sobre os significados da junção “*ArtScience*”:

ArtScience integra todo o conhecimento humano através dos processos de invenção e exploração. São, ambos, o novo e o velho, o conservador e o revolucionário, o lúdico e o sério (...). *ArtScience* moverá a arte para fora de

galerias e museus, e a ciência para fora de seus laboratórios e periódicos, para espaços recém inventados..., que já fazem exploração científica, engenharia, *design* e exposição artística em um espaço único (...). Nesta inventividade encontra-se a excitação de *ArtScience* (ROOT-BERNSTEIN, 2011, p. 192).

O Manifesto *ArtScience* englobou os pontos principais apresentados a seguir:

- 1) *Tudo pode ser compreendido através da arte, mas esse entendimento é incompleto.*
- 2) *Tudo pode ser compreendido através da ciência, mas esse entendimento é incompleto.*
- 3) *CienciArte nos permite alcançar uma compreensão mais completa e universal das coisas.*
- 4) *CienciArte envolve a compreensão da experiência humana da natureza pela síntese dos modos artístico e científico de investigação e expressão.*
- 5) *CienciArte funde a compreensão subjetiva, sensorial, emocional e pessoal com a compreensão objetiva, analítica, racional e pública.*
- 6) *CienciArte incorpora a convergência de processos e habilidades artística e científica, e não a convergência de seus produtos.*
- 7) *CienciArte não é arte + ciência ou arte-e-ciência ou arte/ciência, nos quais os componentes retêm suas distinções e compartimentalização disciplinares.*
- 8) *CienciArte transcende e integra todas as disciplinas ou formas de conhecimento.*
- 9) *Aquele que pratica CienciArte é simultaneamente um artista e um cientista; e uma pessoa que produz coisas que são tanto artísticas quanto científicas simultaneamente.*
- 10) *Todo grande avanço artístico, impacto tecnológico, descoberta científica e inovação médica, desde o início da civilização, resultou de um processo de CienciArte.*
- 11) *Todo grande inventor e inovador na história foi um praticante de CienciArte.*
- 12) *Devemos ensinar arte, ciência, tecnologia, engenharia e matemática como disciplinas integradas, não separadamente.*
- 13) *Devemos criar currículos baseados na história, na filosofia e na prática de CienciArte, usando as melhores práticas da aprendizagem experimental.*
- 14) *A visão de CienciArte é a re-humanização de todo o conhecimento.*
- 15) *A missão de CienciArte é a reintegração de todo o conhecimento.*
- 16) *O objetivo de CienciArte é cultivar o novo renascimento*

Assinaram: Bob Root-Bernstein, Todd Siler, Adam Brown, Kenneth Snelson

Tradução: Tania Araújo-Jorge, Anunciata Sawada e Josina Ribeiro

(ARAÚJO-JORGE *et al.*, 2018, p. 26-27).

Acentuando o cerne deste estudo voltado às narrativas, em Barbosa-Lima (2020) pode-se encontrar uma visão considerável sobre a criação de histórias, nesta referência, especialmente as infantis; no ponto de vista da autora interessava que “uma história infantil deve ser considerada como um objeto único que congrega o fazer arte e o fazer ciência, com a convergência de processos e habilidades artística e científica e não a convergência de seus produtos” (p. 721). Desse modo, refletindo também sobre os pontos abordados no Manifesto CienciArte, considera-se que a criação de narrativas literárias representa a associação do fazer artístico com o fazer científico.

2.3.1 ILUMINAÇÃO POR MEIO DAS 13 CATEGORIAS

A partir da apreciação do Livro “Centelha de Gênios” foi possível realizar associações fundamentais para pensar nas categorias promotoras da criatividade dentro do contexto da construção de uma base para construir as atividades da oficina dialógica de narrativas literárias (ODNL).

Pensar no desencadeamento dos pensamentos criativos foi uma ação que enriqueceu a jornada da pesquisa e que ajudou a consolidar o que se pretendia com as oficinas. A ênfase nas manifestações emocionais, intuições, imagens, sensações corporais, que em tantos processos de pesquisa são deixadas de lado. Aqui, são necessárias para arquitetar formas interessantes de comunicação com a sociedade, principalmente pensando na promoção e educação em saúde para ela. Como ressalta o casal Root-Bernstein, é preciso educar a nossa imaginação criativa universal, já que esta é a chave para produzir pessoas que aprendem durante toda a sua vida e que possuem subsídios para configurar as inovações do futuro (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001).

Por conta desse potencial, essa referência bibliográfica pode fortalecer os processos de aprendizagem, tanto voltada para o ensino formal, quanto para o ensino não formal, que foi o foco desta pesquisa. Despertar para a subjetividade dentro do contexto de pesquisa científica e educação é um caminho não tão recorrente, mas tão necessário para pensar em inovações e renovações nos campos. Ciência e arte, ambos compartilham de processos semelhantes em suas formações, por mais que essa não seja a ideia que permeia a consciência comum, e que tantas vezes sejam encarados como campos distantes (ARAÚJO-JORGE, 2004).

Nos pensamentos, tanto de artistas como de cientistas, muitas vezes está presente o sentir, a imaginação, a intuição, a interpretação e, por vezes, podem ser finalizados com tradução e expressão, cada um com sua linguagem. Alguns irão se expressar pela lógica, outros pela pintura, escrita ou outro fazer artístico. Tal ideal, contrasta com o pensamento cartesiano que fragmenta o ser humano em partes: a mente (pensamento) e o corpo (sentimento e suas sensações).

Para Michelle e Robert, corpo e mente, intuição e intelecto são aspectos indissociáveis; em suas palavras: “Os cientistas sentem de fato o caminho que leva às suas ideias lógicas; além disso, o pensamento e expressão criativos de todos os ramos nasce na emoção e intuição”. Todas as sensações e todas as formas de conhecimento estão conectadas (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001). No trecho a seguir, os pesquisadores mencionam a importância de se reconhecer a universalidade:

Caracterizar as pessoas de acordo com as diferentes coisas que elas fazem é ignorar a universalidade de sua forma de criar. Pois, no plano do processo criador, cientistas, artistas, matemáticos, compositores, escritores e escultores usam um conjunto comum do que chamamos de “ferramentas para pensar” que incluem sentimentos, visualizações de imagens, sensações corporais, padrões que podem ser reproduzidos, e analogias e todos os pensadores de imaginação aprendem a traduzir as ideias geradas com essas ferramentas subjetivas do raciocínio em linguagens comuns para expressar seus *insights*, que depois podem levar ao surgimento de novas ideias na cabeça de outras pessoas’ (ROOT-BERNSTEIN & ROOT-BERNSTEIN, 2001, pág. 22).

A partir da pesquisa relacionando como pensam as pessoas mais criativas do mundo, o casal Bernstein alcançou as chamadas “ferramentas para pensar”. Essas sem dúvidas, foram elementos essenciais para pensar nas abordagens metodológicas deste estudo; a partir da ideia de que todos os indivíduos podem apropriar-se dessas categorias e aprender a utilizá-las, com a prática e a determinação, como forma de complementar as habilidades cognitivas e auxiliar no estímulo à criatividade, tão significativa nas mais variadas áreas da nossa existência (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001).

As ferramentas para pensar podem ser utilizadas para cultivar a imaginação junto ao intelecto em casa ou no trabalho, por exemplo. Todavia, sua aplicação mais importante talvez seja na educação. A partir da compreensão do pensamento criativo, alimentar esperanças de um sistema de ensino que venha a formar indivíduos criativos (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001).

Com isso, foram sintetizadas cada uma das categorias separadamente com base na leitura e fichamento dos capítulos do livro “Centelha de Gênios” de Root-

Bernstein; Root-Bernstein (2001). Esse processo foi realizado a fim de refletir e discutir, apropriando-se das principais características e, com isso, fortalecer as atividades das Oficinas Dialógicas de Narrativas Literárias (ODNL).

1. Observar: A observação é elementar para a capacidade de criar já que é necessário perceber o ambiente ao redor. Esse é um exercício tanto da percepção externa quanto da percepção do seu lugar no mundo. Afinal, observar e perceber os detalhes faz com que se tenha mais consciência sobre si mesmo, fortalecendo a sensação de pertencimento.

2. Evocar imagens: A evocação de imagens, no seu sentido mais amplo, é um instrumento mental comum em muitos campos. Geralmente está associada ao pensamento visual, porém existem outros tipos de imagens que podem-se formar como imagens táteis, imagens olfativas, imagens corporais cinestésicas, imagens sonoras entre outras. Todas, em suas singularidades ou em suas associações, formas cativantes de agregar e conceber estímulo à criatividade, conseqüentemente podendo gerar produtos criativos.

3. Abstrair: Abstração é uma forma de simplificar processos complexos, além de propor novas formas de percepção. Essa ferramenta, especialmente, consegue provocar, inspirar criatividade quando faz com que, de certa forma, se distancie do que se entende por realidade ou coisas reais, fazendo com que ocorra a expansão do pensamento, levando à abstração. É possível abstrair algo concreto, como por exemplo, algo que se lê, em uma imagem, em um sentimento, em um som, em um cheiro ou em um movimento. Tal prática também pode promover *insights*, significados novos e múltiplos, apropriando-se da simplicidade para revelar propriedades nada óbvias e conexões ocultas. A capacidade de simplificar é um dom também muito necessário no fazer científico, já que pode envolver temas complexos.

4. Reconhecer padrões: O exercício de reconhecer padrões é a base para a prática de fazer previsões e formar expectativas. É uma habilidade bastante complexa porque reconhecer a partir da ausência de algo pode necessitar de muito esforço. Pode-se então fazer associações, reconhecer padrões de outras culturas diferentes e com isso perceber novos olhares, novas formas de enxergar algo, novas formas de ouvir, de se movimentar, de perceber.

5. Formar padrões: A partir do reconhecimento de padrões, vão se formando conexões mentais, combinando determinados padrões, diferentes culturalmente ou pertencentes a contextos distintos, mas que, de alguma forma, se ligam. Justapor

padrões pode até mesmo levar a gerar novos padrões inovadores e originais, esses que já podem até sido realizados em outros momentos, porém não foram devidamente valorizados.

6. Estabelecer analogias: Pensar em analogias é um estímulo à criatividade, já que permite pensar em outras formas de explicar fenômenos. Como exemplificado no capítulo: “As analogias reconhecem a correspondência de relacionamento interno ou funcional entre dois (ou mais) fenômenos diferentes ou conjuntos complexos de fenômenos” (ROOT-BERNSTEIN & ROOT-BERNSTEIN, 2001, p. 143).

7. Pensar com o corpo: Quando se realizam movimentos, ao mesmo tempo é possível aprender. É só refletir sobre os primeiros meses de vida; em que se observa algum movimento e aos poucos o processo de repetição se inicia. Memórias corporais, gestos, movimentos vão sendo armazenados e assim se vai tendo compreensão de como o ambiente e o próprio corpo funcionam. Nas palavras dos autores: “Pensar com o corpo depende de sua percepção do movimento muscular, postura, equilíbrio e tato.” (ROOT-BERNSTEIN & ROOT-BERNSTEIN, 2001, p. 159).

8. Ter empatia: Entender e perceber o mundo por meio do corpo e mente de outras pessoas, objetos, animais, coisas, entre outros do meio externo. Quando um indivíduo se coloca em outros papéis diferentes do seu, se têm acesso a novas possibilidades e novas soluções que muitas vezes não enxergaria antes. Incorporar a visão de mundo, sentimentos e percepção como se fosse outra pessoa (um personagem) é uma experiência enriquecedora em diversos aspectos.

9. Pensar de modo dimensional: Consiste em transpor algo que estava em um plano bidimensional para o tridimensional e vice-versa, assim como realizar a projeção das características de uma dimensão para outra, alterar proporções, representar e conceituar dimensões além do espaço e tempo que se conhece. A noção de tempo é um bom exemplo para essas transformações dimensionais; quantas vezes a percepção cronológica é transformada? Se têm a sensação de que o tempo passa mais lentamente ou mais rapidamente dependendo das atividades e da percepção de cada um.

10. Criar modelos/Modelar: Ao modelar pode-se observar características de um objeto de estudo e muitas vezes, que não se têm a possibilidade de observar em tamanho real, o modelo pode ser baseado em aspectos reais ou até mesmo em imaginação. Os modelos sempre incorporam outras habilidades, dentre as que foram faladas aqui anteriormente: abstrações e analogias. Comumente incorporam alterações dimensionais. Além de requerer habilidades imaginativas, pois promovem

a transformação de fenômenos imperceptíveis em fenômenos acessíveis à cognição direta, requerendo, assim, habilidades expressivas de evocações de imagens.

11. Brincar: É possível aprender brincando, pelo divertimento prático, ou seja, a capacidade de desenvolver habilidades ao mesmo tempo que se pratica algo por prazer; divertimento simbólico, em que se pode praticar a criação de modelos, pensamento analógico, representação e empatia ao invocar um mundo fictício no qual uma coisa significa outra; além do entendimento e esclarecimento sobre regras e protocolos ao brincar, elementar também para a convivência em sociedade. No trecho a seguir os autores ressaltam características do brincar:

A diversão existe simplesmente para seu desfrute, para o deleite de agir e fazer coisas sem responsabilidade. Não há êxito ou fracasso no divertimento, nenhuma meta a atingir, nenhum mandato a ser conquistado. O divertimento rompe as regras da atividade séria e estabelece as suas próprias. O divertimento é frívolo, vagando de acordo com os caprichos da curiosidade e do interesse (ROOT-BERNSTEIN & ROOT-BERNSTEIN, 2001, p. 240).

12. Transformar: Diante dessa categoria tão primordial recorre-se à definição resumida presente no livro: “Chamamos o uso sucessivo ou simultâneo de múltiplas ferramentas imaginativas na qual um (conjunto de) ferramenta (s) age sobre outro (conjunto) de pensamento *transformacional* ou *transformador*”(ROOT-BERNSTEIN & ROOT-BERNSTEIN, 2001, p. 263). *Insights* transformadores podem vir de variadas ferramentas de pensamento e traduzido para uma ou mais linguagens expressivas.

13. Sintetizar: A partir da lógica transformadora, direciona-se para a compreensão sintética que reúne percepções sensoriais, os sentimentos, o entendimento e as lembranças de forma multifária, unificada. Após a leitura de todas as categorias cognitivas promotoras da criatividade, foi possível compreender como muitas associações são feitas em todos os processos. Desse modo, fragmentar as sensações é algo que não faz sentido dentro de uma lógica inventiva e criativa em que se busca uma visão mais completa. Através de uma rede imensa de percepções, sentidos, conexões cognitivas, pensamentos cinestésicos foi permitido pensar, refletir e sentir, e isso é só uma parcela das possibilidades.

2.4 PESQUISA BASEADA EM ARTES - ARTS-BASED RESEARCH (ABR)

No cenário ABR, Patricia Leavy simboliza uma das principais representantes contemporâneas do campo. A escritora e socióloga percebe na arte, métodos e formas de potencializar as possibilidades na pesquisa social. Desse modo, a partir dos princípios das artes criativas no contexto da pesquisa social/científica, é possível desenvolver formas holísticas e engajadas no processo, nas quais teoria e prática estão entrelaçadas. A seguir, a figura traz um esquema sobre a metodologia:

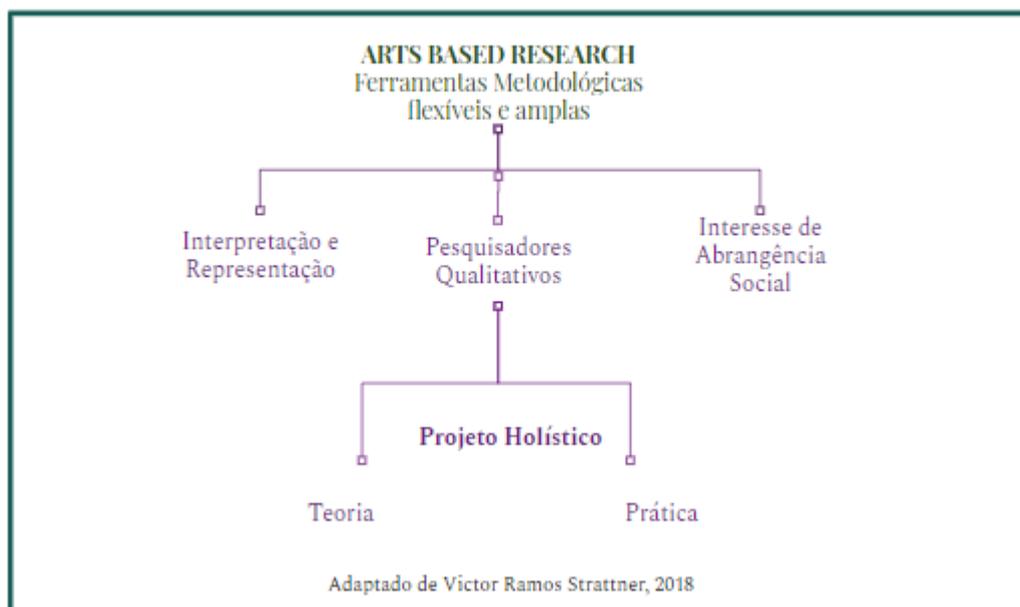


Figura 3: Esquema de representação da Pesquisa Baseada em Artes - Arts-Based Research
Fonte: Adaptada de Strattner (2018)

De uma forma geral, a ABR trouxe o desafio de experienciar este processo de pesquisa com maior dinamismo, deixando que o foco do estudo e os resultados, assim como as perspectivas e as inspirações, fossem sendo guiados, flexíveis, para as novas possibilidades que surgiram no caminho. Muito por conta disso, uma de suas nomenclaturas é “Investigação Viva”. A ABR consiste em uma abordagem transdisciplinar investigadora dos processos de pesquisa, em que se enfatiza as interconexões entre epistemologia, teoria e métodos. Abaixo um trecho de Irwin (2004) que apresenta um pouco sobre tais conexões:

Viver a vida de um artista que também é um pesquisador e professor é viver uma vida de consciência, uma vida que permite abertura para a complexidade que nos rodeia, uma vida que nos coloca, intencionalmente, em posição de perceber as coisas diferentemente (IRWIN, 2004, p. 33).

Realizar Pesquisa Baseada em Artes foi um desafio, principalmente, por ser algo relativamente novo no Brasil, pois como observado por Kip Jones (2006) “a novidade é sempre desconfortável” (p. 12). Porém, é primordial estudar a sociedade sob diversas perspectivas e a ABR traz novos espectros que podem ser muito instigantes para a ciência, já que nesta metodologia ocorre a ênfase no processo de impacto que a arte proporciona, com a criação de meios de comunicação sob um espectro mais interessante, acurado/aprimorado e criativo (LEAVY, 2015). Em Vasconcellos (2015), foi encontrado um relato sobre a experiência com a ABR:

(...) essas abordagens ampliaram os horizontes de modos de investigação e propiciaram o surgimento de outros pontos de vista, de novos aprendizados, com a inserção de processos artísticos como narrativa e representação. A luta, o desejo, é que essa abordagem seja reconhecida no âmbito acadêmico e escolar, incorporada nos cursos de graduação e de pós-graduação, e aceita em congressos e por órgãos de fomento como metodologia qualificada de pesquisa (VASCONCELLOS, 2015, p. 118).

Trabalhos que englobam a ABR em seu curso são fundamentais, tanto para o crescimento do campo, quanto para pensar novas formas de fazer pesquisa. Além disso, como ressalta Vasconcellos (2015), “esclarecem a importância de outras narrativas, de distintos modos de registro de testemunhos para possibilitar maior inteireza e autenticidade da voz dos participantes.” (VASCONCELLOS, 2015, p. 152).

Diante da influência positivista na ciência, existem verdades que precisam ser descobertas, medidas e controladas através de objetivos e métodos dedutivos utilizados por pesquisadores “neutros”. Além disso, as etapas são marcadas pela objetividade e assume-se que por meio de hipóteses testadas e comprovadas, as relações são explicadas. A visão positivista da realidade social estuda questões epistemológicas e as ferramentas projetadas para medir e testar quantitativamente o mundo social compõem o paradigma quantitativo (LEAVY, 2015).

Por conta desses padrões envolvidos nos métodos de investigação científica e de construção do conhecimento, ainda hoje há resistência em relação aos movimentos das práticas baseadas em artes. Entretanto, aos poucos, avanços epistemológicos e teóricos levaram ao aumento do uso interdisciplinar de métodos como etnografia e entrevista de história oral.

O cenário econômico influenciou escolas teóricas alternativas de pensamento, incluindo pós-modernismo, pós-estruturalismo, pós-colonialismo e psicanálise. Todas essas perspectivas teóricas atendem a questões de poder e causaram uma

renegociação e elaboração significativas do paradigma qualitativo, com reflexões pertinentes sobre novas formas de pensar e fazer ciência (LEAVY, 2015).

Com isso, nas últimas décadas, a partir desse cenário e com a expansão do paradigma qualitativo, político, teórico e diversidade metodológica, surgiu como um paradigma alternativo, a Pesquisa Baseada em Artes. Existem muitas sinergias entre a prática artística e a qualitativa. Em ambos os casos, o praticante pode ter como objetivo iluminar, construir entendimentos ou desafiar suposições.

Nas décadas de 70 e 90, houve transformações na pesquisa científica e a partir disso, as práticas artísticas passaram a constituir um novo gênero metodológico (SINNER *et al.*, 2006, p. 1226). Muito desse movimento decorre de trabalhos das terapias artísticas criativas, em que pesquisadores profissionais da saúde, da educação especial, psicólogos e outros profissionais têm cada vez mais realçado as artes dentro do contexto terapêutico.

Investigar e aprofundar os conhecimentos acerca da ABR permitiu o fortalecimento de uma base essencial para a construção de pensamentos e novos conhecimentos com a inspiração artística. Essa perspectiva foi responsável por transformar o caminho, trazer reflexões, novas possibilidades e principalmente renovar as esperanças por uma ciência cada vez mais democrática. Além disso, a partir dos estudos, ficou progressivamente mais evidente como a arte tem a potência de inspirar, de transformar visões de mundo e de enaltecer o caminho científico.” As artes podem educar, inspirar, iluminar, resistir, curar e persuadir” (LEAVY, 2015, p.10).

2.4.1 A CONEXÃO ENTRE A PESQUISA CIENTÍFICA E AS PRÁTICAS ARTÍSTICAS

A busca por referenciais teóricos que representam a ABR faz com que se possa pensar a pesquisa “fora da caixa”, buscando inovações e renovações para a ciência, ao pensar na arte como condutora das experiências. Para Leavy (2015), os pesquisadores baseados em artes não estão criando novos métodos de pesquisa; trata-se de esculpi-los; alguns adotam esses métodos como uma maneira de abordar melhor as questões de pesquisa enquanto outros objetivam fundir seu “eu acadêmico” com seu “eu artista” (LEAVY, 2015).

A fusão do mundo da ciência com o mundo da arte causou uma grande renegociação dos padrões científicos que tradicionalmente guiavam as práticas de

pesquisa. Além de destacar os pontos de convergência entre esses dois mundos falsamente polarizados. As artes podem atrair a atenção das pessoas de maneiras mais poderosas, causando impressões duradouras.

A música pode permear um ambiente e penetrar no ouvinte; uma obra de arte visual pode fazer com que as pessoas reflitam e pensem em suas trajetórias de vida e as façam observar por diferentes ângulos, assim como uma peça de teatro pode evocar emoções em seu público, despertando lágrimas ou gargalhadas. Evidentemente, nem toda arte consegue afetar os indivíduos dessas formas, mas todas as práticas artísticas têm a capacidade de realizar tal feito (LEAVY, 2015).

Ao estarmos em contato com a arte, se pode ter prazer, ser transformados, ter humores alterados, trazer profundidade às vidas. Não por acaso, as artes estão presentes em muitos dos chamados *hobbies*, seja leitura, assistir filmes, ouvir música, dançar, entre tantas outras formas de buscar momentos de felicidade e satisfação por meio das artes.

Com o passar dos séculos, ocorreu a fragmentação contínua das disciplinas, dos aspectos da vida humana, até mesmo a divisão binária do próprio ser humano em corpo e mente. Nesse mesmo processo, ciência e arte foram polarizadas. No trecho abaixo, a autora Leavy traz reflexões acerca desta fragmentação de saberes:

A arte é misteriosa. A ciência é direta. A arte promove o pensamento através de sua confiança na metáfora, simbolismo e imaginação. A ciência oferece "fatos" e "verdade" por confiar em números, palavras e objetividade. Esses tipos de visões polarizadas e unidimensionais da prática artística e da investigação científica orientaram a construção de fronteiras paradigmáticas dentro das quais a investigação artística e a investigação foram artificialmente separadas (LEAVY, 2015, p. 211).

As práticas das pesquisas baseadas em artes são alimentadas e impulsionadas pela análise das semelhanças entre pesquisa científica e prática artística. Alguns pesquisadores ressaltam a falsa polarização entre ciência e arte (SAARNIVAARA, 2003). Assim como outros expõem que tanto a pesquisa científica como a prática artística são fomentados pela criatividade (ERNST, 2000; LEAVY, 2015; ROOT-BERNSTEIN & ROOT-BERNSTEIN, 2001).

Além do mais, Saldaña (1999) observa que tanto a pesquisa quanto a prática artística exigem que pensemos de forma conceitual, simbólica e metafórica. Assim como as inovações, intuições e flexibilidades desempenham papéis fundamentais, tanto nas comunidades científicas quanto nas artísticas. Com isso, os princípios que

sustentam essas práticas são compartilhados e em ambas, os objetivos envolvem descobrir, explorar e iluminar (LEAVY, 2013).

Quando se pensa sobre o campo arte-ciência ou ciência arte (neste trabalho abordado como “CienciArte”), a atenção encaminha-se para a potência das artes de interrogar e comunicar. Além das muitas maneiras pelas quais a metáfora, o simbolismo e a imaginação guiam algumas práticas da pesquisa científica. A combinação das ferramentas utilizadas nas artes com os métodos científicos originou a inovação metodológica necessária para abordar de maneira mais completa as realidades complexas que constituem a vida em sociedades mais complexas (LEAVY, 2015).

Sendo assim, o campo da ABR possibilitou novos olhares sobre a pesquisa realizada, inspirando e moldando a identidade do que foi desenvolvido. Permanece o desejo para que essa área cresça cada vez mais e com isso possa trazer inovações para o meio científico e que se possa com maiores esforços e pesquisa conseguir criar pontes para realizar o diálogo entre essa metodologia e a abordagem CienciArte.

Segundo o ponto de vista de Shaun McNiff (2018), tanto arte, ciência, assim como outras formas de conhecimento, tem o seu papel dentro da construção de saberes. A partir dessa perspectiva, esta pesquisa foi baseada nesse encontro, criando pontes e estabelecendo esse diálogo fundamental entre arte e ciência.

2.5 NARRATIVAS LITERÁRIAS

Diante do cenário das artes, as narrativas literárias foram escolhidas como prática artística central do estudo, devido às suas possibilidades, potencialidades e presença na vida dos indivíduos. Para possibilitar a investigação dessa prática artística, foi explorada aspectos da pesquisa narrativa ou método narrativo, acentuando que os processos de estudo/fazer metodológico giram em torno de variadas formas de desenvolvimento da narrativa.

A partir dessa perspectiva, foi possível refletir sobre a utilização das narrativas como forma de pensar, produzir e estimular a promoção da saúde, levando em consideração que a narrativa não é apenas um método de pesquisa, mas uma parte integral da vida (BOCHNER; RIGGS, 2014; CLANDINEN; CONNELLY, 1989).

As narrativas literárias incorporam, ao mesmo tempo, a essência da trajetória dos indivíduos dentro da sociedade, com suas histórias de vida, destinos e sentidos,

tudo que dá estrutura a cada etapa vivenciada; e também a prática artística norteadas pela literatura, com a estética e sensibilidade capazes de atingir profundamente quem a aprecia.

Como já foi mencionado, antes do surgimento da manifestação artística conhecida como “literatura”, as narrativas já conduziam a evolução da humanidade. Literatura esta que possui origem da palavra em latim *littera*, que significa “letra”, e está intrinsecamente ligada à palavra, seja oral ou escrita. Considera-se que a língua e as palavras que compõem tal arte não são apenas meio para alguma finalidade, e sim matéria-prima para o fazer artístico, assim como as notas são para as práticas musicais, os movimentos são para a dança, as tintas e cores são para as artes visuais.

As narrativas representam para Genette (1971) “a apresentação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem e, mais particularmente, da linguagem escrita” (GENETTE, 1971, p. 265). Além do mais, a construção de uma narrativa literária é constituída de alguns procedimentos clássicos como a elaboração de um enredo/trama com acontecimentos, clímax, estruturação e construção de personagens, espaço-tempo, narrador. Diante do conjunto das palavras e ao mesmo tempo das possibilidades da ficção, esta pesquisa enfatizou as narrativas literárias, em seus processos de criação e envolvimento.

Ademais, a história da humanidade é constituída de muitas histórias com seus inúmeros enredos, e estas vão moldando nossos pensamentos e ideais ao longo dos séculos; nunca cessam, são dinâmicas, contínuas. Vasconcelos (2011) afirma sobre as histórias: “(...) são trens em andamento, correndo sobre trilhos de memórias que não se terminam jamais e cujas alternâncias vão se transformando à medida que a história ganha novas feições e a escrita ganha novas modalidades, sempre à procura de sentido” (VASCONCELOS, 2011, p. 314).

Diante dos termos utilizados durante o trabalho, é importante discutir as expressões “história” e “narrativa” que são apresentadas como sinônimos devido aos seus encontros em significado. Entretanto, é relevante frisar que alguns autores diferenciam as palavras em alguns aspectos. Clandinin e Connelly (1991) utilizam os termos como sinônimos, mas destacam especificidades como quando ao referir a textos que narram situações concretas, vivenciadas por pessoas em momentos específicos, utilizam “história”. Já quando falam de investigação ou metodologia de investigação, acreditam ser mais adequado usar o termo “narrativa”.

A constância da humanidade em contar história envolve a busca incessante por formas de dar sentido às nossas vidas; são como ferramentas que utilizamos para viver. (BOCHNER; RIGGS, 2014; RICHARDSON, 1997). As narrativas possuem muitas potencialidades, dentre elas, nos fazer sentir conectados, pertencentes, além de nos permitir enxergar outras visões de mundo. Além do mais, estimulam empatia, autoconsciência, reflexão social e ainda momentos de identificação com outros indivíduos, nos reconhecendo em outras histórias e nos fazendo pensar em nossas próprias jornadas (PELIAS, 2004; LEAVY, 2015).

Além disso, as narrativas podem ser consideradas como uma forma, dentre muitas outras, de comportamento humano: um comportamento mimético (imitativo) e representativo, a serviço da comunicação de mensagens entre seres humanos. A narratividade, ou seja, as formas como podem ser desenroladas as narrativas podem ser embasadas em concepções semióticas - de construção de significado - assim como a perspectiva do discurso, abrangendo o modo de contar, o que é narrado (WALDOW, 2011).

2.5.1 NARRATIVAS LITERÁRIAS COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Em um meio remoto/virtual como o proposto para este trabalho, foram exploradas formas diferentes de comunicação, seja para potencializar as interações e atenção dos participantes, seja como forma de realmente viver esse universo que traz tantas possibilidades, como vídeos, imagens, desenhos, entre outros. A literatura representa, resumidamente, as formas como a sociedade se expressa em determinado período histórico. Ao refletir sobre isso, qual seria o perfil de uma nova literatura pautada nas inovações e tendências desse mundo contemporâneo e digital?

Um exemplo disso aplicado ao campo da literatura é a forma como os diálogos desenvolvidos por personagens no interior de um conto, romance ou alguma outra narrativa literária pode mostrar aos leitores o que eles estão pensando e como estão se sentindo em um ambiente específico, no meio de uma interação, ou como eles consomem e se relacionam com as mídias.

Por meio das perspectivas da cena ABR pode-se abranger o olhar sobre as capacidades da arte no contexto científico. Muitas práticas de pesquisa já exploram as potencialidades das narrativas para investigar e comunicar aspectos da vida social.

Mesmo histórias ficcionais também podem dizer muito sobre as experiências humanas.

Enquanto alguns métodos de pesquisa voltam-se mais para formas tradicionais de se realizar práticas qualitativas de investigação, como é o caso das entrevistas, outros permeiam mais aspectos artísticos, podendo ir ao encontro com tradições literárias, ficções entre outras abordagens.

A narrativa dentro da pesquisa científica está, portanto, de forma contínua entre ciência e arte, podendo apresentar-se como investigação narrativa ou método narrativo, pesquisa baseada em ficção, autoetnografia, não-ficção criativa etc. Além do mais, a própria escrita, tal como a linguagem e a palavra, é parte essencial da pesquisa, constituindo a estrutura do que significa a construção de conhecimento científico e sua comunicação (LEAVY, 2015).

O universo narrativo que envolve contar e escrever histórias representa também o compartilhamento de narrativas da vida cotidiana, ou seja, quando um indivíduo opta por contar aos outros sobre algo que aconteceu (LABOV, 2006). Sob o ponto de vista de Bochner e Riggs (2014), as narrativas estão em contínuo aumento, seja, nos aspectos pessoais, de histórias de vida, depoimentos, evocação de memórias, investigações narrativas, pesquisas autobiográficas, entre outras formas. O mundo social cada vez mais utiliza-se das histórias nos variados contextos.

À vista disso, existem múltiplas formas de incorporar as narrativas dentro da pesquisa, e, dependendo de como serão aplicadas, podem ter benefícios muito instigantes como inspirar a humanidade, contar histórias (autobiográficas e de outras pessoas) de forma verdadeira, engajada e ressonante, além de realizar um trabalho com potencial para aumentar a conectividade e a reflexão. Assim como muitos pesquisadores trabalham com as narrativas para tornar sua pesquisa mais colaborativa com seus participantes, outros recorrem a elaborações literárias para contar histórias, enquanto alguns utilizam a ficção (LEAVY, 2015).

É pertinente realçar que, no contexto das narrativas, a ficção como prática de pesquisa - usando os princípios da escrita e da narrativa literária - vem crescendo muito nas últimas duas décadas (LEAVY, 2013). A inovação e renovação em formas de abordagem nos processos de pesquisa podem colaborar bastante para a maior acessibilidade à ciência, pois infelizmente, muitas vezes a pesquisa científica enfrenta dificuldades em entrar na consciência pública, circulando somente em periódicos acadêmicos altamente especializados e que não conseguem chegar à maioria da população (LEAVY, 2015).

Assim como mencionado na seção sobre a abordagem CienciArte, dentro da perspectiva ABR, a empatia também pode ser promovida por meio desses métodos. Principalmente quando pensamos na modalidade da pesquisa baseada em ficção (DE FREITAS, 2003, 2004, 2008). Podemos pensar, por exemplo, na forma como se pode ser transportado para uma história ao lê-la e pode-se até obter respostas emocionais a partir da trama.

A mesma lógica serve para outras práticas como observação de fotografia, ouvir músicas, assistir filmes ou peças de teatro. Passamos a incorporar papéis diferentes dos nossos, construímos empatia por personagens fictícios. A ABR, em sua essência, busca conectar essa habilidade natural dos indivíduos para trabalhar a pesquisa. Diante das práticas artísticas foi possível perceber novos ângulos, novas visões de mundo, outras formas de enxergar algo.

2.5.2 AS POTENCIALIDADES DA FICÇÃO

No livro “Method Meets Art” são abordados diversos caminhos que podem enriquecer os processos científicos por meio da arte. Dentre estes, destaca-se a chamada “pesquisa baseada em ficção”, estabelecida principalmente devido à ficção ter capacidades únicas para criar e disseminar a pesquisa porque é envolvente, evocativa e acessível a grandes audiências (LEAVY, 2015). Nas oficinas dialógicas desenvolvidas durante este trabalho, pretendeu-se incorporar a ficção como forma de explorar a livre expressão e a criatividade dos participantes, além de cultivar empatia e autorreflexão a partir dos personagens criados.

Cabe ressaltar que a ficção pode ser uma forma mais atrativa e acessível de levar à ciência, em função do que se pode ter ao fazer a leitura de um bom texto. Esse engajamento, que se justifica pelo prazer e satisfação ao ler uma história que agrada o indivíduo, demonstra que a ficção é tanto uma forma de escrita quanto uma maneira de ler (COHN, 2000); com a capacidade de promover “engajamento empático”, pode ser bastante relevante para pesquisas que abordem questões sociais (DE FREITAS, 2003).

Ademais, a ficção incorpora muito do porquê a arte pode ser tão atrativa ao público, quando permite penetrar completamente em um universo literário, seja de um conto, romance ou outra narrativa literária. Pode encantar e fascinar de forma que quem vive essa experiência fique totalmente imerso e sedento pela leitura. Por meio

das potencialidades da ficção, pode-se expressar com liberdade, criando personagens e significados para a vida, criando mundos com os quais os leitores podem se identificar e se entregar.

Além disso, pode ser agregadora e adequada para retratar complexidades e expressões cativantes, já que permite detalhes, nuances, especificidade, contextos e textura por meio de personagens, o que pode possibilitar reflexões interessantes. Por meio do formato fictício, pode-se entregar o conteúdo, adicionar mais temas e camadas, retratar personagens sensíveis, criar entendimentos empáticos, promover a autorreflexão nos leitores, criar experiências de aprendizado mais duradouras para os leitores e, o mais importante, divulgar o trabalho ao público (LEAVY, 2015).

O envolvimento que a ficção promove faz com que ocorra o desenvolvimento de relacionamentos altamente pessoais com os personagens, com a construção de relações com “o outro imaginado” (DE FREITAS, 2003, p. 5). A empatia é cultivada pelas narrativas por meio do acesso aos diálogos interiores, ou seja, os pensamentos de um personagem; esse nível de profundidade cria laços expressivos, permitindo acessar a vida do mesmo em seus detalhes e singularidades. Sobre esse aspecto, em Franklin (2011), a autora e antropóloga Inga Clendinnen relata: “Ao me dar acesso aos pensamentos interiores e ações secretas de outras pessoas fechadas, a ficção me ensinou muito do que sei” (FRANKLIN, 2011, p. 15).

Além do mais, a partir do envolvimento com uma narrativa, se faz presente o papel de completá-la, já que as narrativas ficcionais são incompletas e deixam espaço para interpretações e imaginação dos leitores. Em outras palavras, existem lacunas interpretativas na ficção, frequentemente incluídas intencionalmente pelos autores (LEAVY, 2015; DE FREITAS, 2003). O preenchimento de lacunas estimula o desenvolvimento dessa cultura da empatia perante os personagens.

A interação com a ficção também envolve a imaginação, de forma bastante simbólica; Franklin observa que “[Um] ato de imaginação é um ato de empatia.” (2011, p. 15). Inclusive, em 2013, uma pesquisa realizada pelos psicólogos sociais David C. Kidd e Emanuele Castano (2013) investigou a capacidade da ficção estimular empatia. Eles realizaram cinco experimentos em que as pessoas tiveram melhor desempenho em testes de mensuração de empatia, compreensão da vida de outras pessoas e inteligência emocional depois de ler ficção literária em comparação com quem não lê nada ou lê não-ficção. Com base nas descobertas, eles postularam que os resultados seriam em decorrência do uso da imaginação para preencher lacunas, e com isso poderia ocorrer a sensibilização em relação às complexidades emocionais.

São complexas as discussões em relação às práticas de ficção e de não-ficção, já que a realidade é material recorrente para a construção de uma obra ficcional; com isso muitas vezes o que é real e o que é ficção se sobrepõem (BANKS, 2008). No processo de criação de um personagem fictício, são utilizadas muitas referências de da própria vida real ou da vida de outros. Em Franklin (2011), se estabelece que personagens fictícios nunca são “totalmente verdadeiros ou totalmente inventados” (p.16).

No processo de criação literária, escritores de ficção realizam pesquisas a fim de conseguir contemplar a chamada verossimilhança, ou seja, uma criação que apesar de ser ficcional, ao mesmo tempo se configura realista, autêntica e representativa (BANKS, 2008). Diante da polarização entre ficção e não ficção, pode até parecer estranho sugerir que a ficção pode ser mais verdadeira do que “fatos”, que podem esconder tanto quanto revelam (LEAVY, 2015).

Leavy pontuou alguns dos principais componentes dentro de uma história literária, alguns desses foram abordados nas oficinas dialógicas de narrativas literárias desenvolvidas neste trabalho. São eles: trama, história, cenas, clímax, desfechos, expectativas, gênero, temáticas, propósitos, caracterização, construção de perfil dos personagens, diálogos, interações, interioridade, ferramentas literárias, descrições, detalhes, metáforas, entre outros (LEAVY, 2013, 2015).

*“A lógica o levará de A à B.
A imaginação o levará a todos os lugares”*

- Albert Einstein

3. ABORDAGENS METODOLÓGICAS

3.1 PERCURSO METODOLÓGICO: UMA HISTÓRIA DE MUITOS CAPÍTULOS

O percurso metodológico do presente trabalho perpassou por algumas fases, algumas já intrínsecas ao processo de pensar em como a pesquisa se desenvolveria e outras marcadas pela imprevisibilidade da pandemia/sindemia COVID-19. A metodologia necessitou ser repensada e adaptada; novas possibilidades surgiram nesse processo.

Apesar dessas transformações e inclusão de novos referenciais de apoio ao reconhecimento e gestão do ambiente virtualizado, considera-se que as principais bases metodológicas continuaram as mesmas. Na figura 4, um esquema demonstra as principais abordagens metodológicas do estudo:

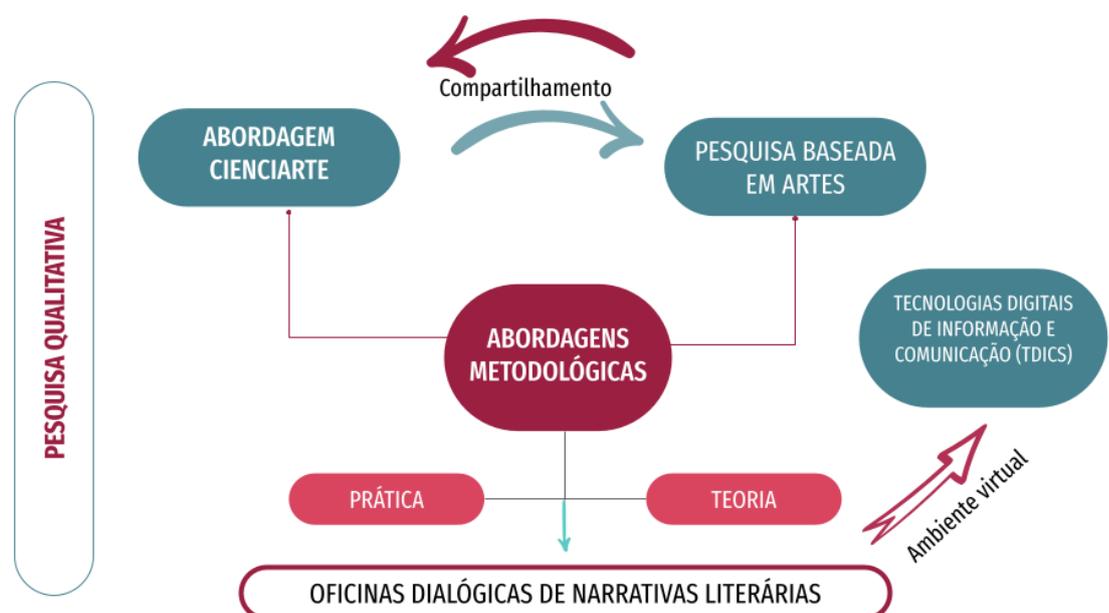


Figura 4: Representação das principais abordagens metodológicas presentes no estudo

Fonte: a autora

Caracterizamos o estudo como pesquisa qualitativa por envolver um levantamento em busca de conhecimentos, além de sua natureza exploratória em que o pesquisador é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de sua pesquisa. Deslauriers (1991) descreve um pouco desse processo qualitativo no trecho abaixo:

O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é o de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. No entanto, a pesquisa qualitativa ainda é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001).

Uma das fases iniciais e essenciais do embasamento teórico-metodológico desta pesquisa foi a inserção do projeto na linha de pesquisa Ciência e Arte, e com isso, alinhando-se às referências que envolviam a abordagem CienciArte. Em que cada etapa vai sendo realimentada constantemente e permanentemente, em um ciclo de criatividade, envolvendo processos qualitativos, não totalmente estruturados e fechados. Com isso, compreende-se a abordagem CienciArte como uma forma de oxigenar o método científico, compreendendo o processo como dinâmico, flexível e mutável (ARAÚJO-JORGE, *et. al*, 2019).

Tal abordagem parte desse olhar que busca a integração entre os aspectos artísticos e científicos. Uma das principais referências nesta união dos aspectos artísticos e científicos é o casal Root-Bernstein & Root Bernstein, aqui neste estudo explorados com maior profundidade na fundamentação teórica e que também são parte importante da metodologia.

Robert e Michelle Root-Bernstein sistematizaram treze categorias cognitivas promotoras da criatividade (2001, p. 35-37). Estas são abrangentes e foram inspiração principalmente em relação às práticas possíveis em uma investigação, permeando as várias etapas do processo de construção das mesmas. Além dessas "ferramentas

para pensar”, muitos outros aspectos científico-artísticos são abordados nessas referências, incluindo a imaginação criativa, pensamento criativo e universalidade, aspectos que certamente fazem parte da estrutura teórica-metodológica deste estudo (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001).

Assim como a abordagem CienciArte, também atuamos com a Pesquisa Baseada em Artes, em que permite-se pensar em outras possibilidades diante da jornada científica, abrindo um leque de opções com liberdade, buscando inovação e renovação para a ciência, ao pensar na arte como condutora das experiências.

Nessa direção, McNiff (1988, 2012, 2018) preconiza, em suas obras sobre a ABR, a importância de o pesquisador acreditar no processo de sua pesquisa e jornada, e de forma bem fundamentada nesta metodologia, preocupando-se com os detalhes, envolvendo-se de forma direta com os aspectos teórico-práticos do estudo que está sendo desenvolvido.

Neste sentido, a Pesquisa Baseada em Artes envolve muitas potencialidades e, sem dúvidas, ainda pode vir a se expandir. Diante disso, pesquisadores do campo vêm trazendo novas ideias e aprendizagens, com abordagens transdisciplinares, envolvendo evocação e provocação, exploração e resolução de problemas, promoção da empatia, cultivação de consciência crítica, aumento da consciência pessoal ou social, promoção de diálogos, entre tantas outras características presentes na essência desta abordagem metodológica (LEAVY, 2015).

Sob essa perspectiva, para este estudo, a arte foi trabalhada a partir das expressões artísticas com ênfase nas narrativas literárias, que podiam envolver tanto caminhos autobiográficos quanto ficcionais. A partir disso, por meio da escrita de narrativas literárias em suas diversas possibilidades, foi possível investigar como as narrativas dos participantes apresentaram-se através da arte, evidenciando suas visões diante de temas que rodeiam suas vidas, principalmente os inerentes à saúde e sua promoção.

Sob o ponto de vista de Boni e Quaresma (2005), três momentos são fundamentais para a coleta de dados de um estudo, o levantamento bibliográfico, a observação de campo e a técnica de coleta de dados, geralmente através de entrevistas/depoimentos/experiências. O estudo, essencialmente se manteve em constante reflexão teórico-prática. Nossa revisão de literatura foi realizada buscando os principais trabalhos científicos realizados sobre o tema, com isso associando informações para fomentar e promover dados relevantes e atualizados.

3.2 DESENHO EXPERIMENTAL

A figura a seguir mostra uma esquematização dos caminhos percorridos durante as principais fases desta pesquisa. A representação em círculo foi escolhida porque as etapas foram compostas por ciclos e renovações. Etapas como a revisão de literatura, por exemplo, são realizadas continuamente como forma de aprimoramento e suporte.



Figura 5: Representação esquemática dos caminhos percorridos na pesquisa

Fonte: a autora

3.3 DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS: UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO DIALÓGICA E PARTICIPATIVA

Para a realização das oficinas dialógicas foram incorporadas, além das bases teórico-metodológicas exploradas anteriormente, dois autores principais: Maria da Glória Gohn e Paulo Freire. Certamente referenciais que inspiraram a pesquisa a reflexões e pensamentos que direcionaram as oficinas a serem espaços que estimularam a criatividade, diálogo e participação.

A pesquisa centrou-se na área de concentração em ensino não formal em biociências e saúde, ou seja, um ensino em que são enfatizados os processos

educacionais em ambientes extramuros escolares. No entanto, destaca-se que a educação não formal ainda consiste em uma área escassa na pesquisa científica (GOHN, 2009). Dentro dessa perspectiva, Maria da Glória Gohn configura-se como principal referência em educação não formal; para a autora, esse conceito designa-se como:

(...) um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc (GOHN, 2006, p. 28).

Além do mais, esse tipo de educação envolve processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva, promovidas através de ações com intenção/finalidade, utilizando estratégias e envolvendo eixos temáticos inerentes para reflexões sociais, como por exemplo questões étnico-raciais, democracia, gênero, geracionais e de idade, entre outros (GOHN, 2009).

Tendo em vista essas discussões acadêmicas acerca da educação não formal, muitas vezes, são utilizadas como forma de esclarecimento definições dos outros tipos de educação como forma de construir os significados do não-formal. Então, encontra-se que a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com planejamento e organização de conteúdos de forma prévia. Por outro lado, a educação informal representa aquela em que os sujeitos aprendem por meio dos seus processos de socialização, em ambiente como o ciclo familiar, o bairro, o grupo de amigos, entre outros. Assim, são espaços informais com seus próprios valores e culturas, movimentos de pertencimento e rede de sentimentos compartilhados.

Quando se fala de educação não formal, o ambiente é totalmente diversificado e, por conta disso, o referencial para a ODNL no contexto virtual foi mantido, já que compreende um espaço em que, nas palavras de Gohn, representa o aprendizado "(...) no mundo da vida via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas" (GOHN, 2006, p. 28).

Com isso, decorrem reflexões sobre a ampliação de possibilidades, pois a forma tradicional de ensino nos leva a um aprendizado "instrucionista", elemento recorrente nos métodos mais tradicionais utilizados nas escolas (GOHN, 2014); como mencionado em Freire (1987), uma mera transmissão de conhecimentos, sem

estímulo ao pensamento crítico e transformador. Essa pedagogia bancária vem sofrendo críticas, e um debate atual sobre a aprendizagem envolvendo não somente processos de preparação, mas também da cultura, formação dos indivíduos, redes de compartilhamento, entre outros, está sendo realizado (GOHN, 2014).

O campo em ensino não formal, não prevê uma substituição ao ensino formal, mas sim uma complementação, o enriquecimento ao pensar nos processos de aprendizagem incorporados a todos os ambientes que nos rodeiam. Para Gohn (2009), sobre a educação não formal:

(...) não deve ser vista, em hipótese alguma, como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo o que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos (p.32).

Diante do campo em ensino não formal, dentre seus muitos aspectos, destaca-se a participação como constituinte essencial para seu desenvolvimento. Em Gohn (2014), é possível encontrar um relato acerca de Carole Pateman, filósofa do campo da teoria democrática, em que discorre sobre a importância dos processos participativos para a cidadania:

Pateman (1992), em seu livro *Participação e teoria democrática*, chama a atenção para o fato de que a participação gera atitudes de cooperação, integração e comprometimento com as decisões. Destaca o sentido educativo da participação, a qual, como prática educativa, forma cidadãos voltados para os interesses coletivos e para as questões da política. Os defensores da democracia participativa inovam com sua ênfase na ampliação dos espaços de atuação dos indivíduos para além da escolha dos governantes e inovam também ao destacar o caráter pedagógico da participação. (GOHN, 2014, p. 36).

Assim, a participação é essencial para que se aprenda a participar, cada vez mais, estimulando o pertencimento, tornando-se sujeitos e atores dos próprios processos de aprendizagem com autonomia. Ainda, a educação não formal vem também para propor que os indivíduos possam performar suas cidadanias, as desenvolvam, em um ensino que não é vertical, e sim horizontalizado, com todos os lados aprendendo juntos. À vista disso, Gohn (2006) descreve a importância do ensino para o desenvolvimento da sociedade:

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. (GOHN, 2006, p. 29).

Diante do ensino não formal também é realizada a associação acerca da relação teoria e prática, nem sempre o que se idealiza teoricamente, se manifesta de forma prática, entretanto manter a relação em harmonia, sem fragmentá-las, é fundamental para o desenvolvimento de uma linha de raciocínio pertinente e com potencial para produzir novos conhecimentos.

Para Freire (1996), é errado fragmentar a prática da teoria, pensamento de ação, linguagem de ideologia. Afinal, educar/ensinar não é uma mera transferência de conhecimentos dos educadores para os educandos, mas sim, a condução para que estes possam apropriar-se e comunicar-se, aprendendo uns com os outros, transformando e dando vida e sentido às aprendizagens. Segundo a pedagogia freiriana: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 68).

Desse modo, se parte de uma concepção voltada para construir a pedagogia com os sujeitos e não para eles, envolvendo criticidade e problematização, com muito diálogo, curiosidade e autonomia. Nessa perspectiva, todo processo educativo deve ser dialógico, por meio da troca de saberes entre os sujeitos (FREIRE, 2005).

Nessa mesma direção, trazendo para o campo abordado (promoção da saúde por meio das oficinas dialógicas), considera-se que a participação ativa dos envolvidos, tal como suas experiências e bagagens culturais, são fundamentais para torná-la eficaz e dar sentido à prática, pois a perspectiva da comunicação dialógica freiriana (FREIRE, 1996) faz parte da estratégia do estudo. Tal comunicação, consiste em Freire (2005) como elemento transformador do ser humano como sujeito de sua própria história, associando-se a uma relação dialética que o encaminha para o seu autoconhecimento, consciência crítica e processos de transformação.

Como consta na essência da pesquisa, é preciso ressaltar a busca pelo “dialógico”; conforme o dicionário Houaiss (2009) a palavra “diálogo” do grego *dialogos* significa fala entre duas ou mais pessoas na busca do entendimento de alguma ideia mediada pela comunicação, objetivando a solução de problemas e sua harmonia. De acordo com CAMPOS (2009), além disso, o diálogo representa:

(...) a essência da comunicação humana, sempre com um locutor, que apresenta um tema discursivo, e um interlocutor, que percebe, reage,

responde e constrói sentidos com o discurso emitido. O diálogo também pode ser uma atividade de reflexão e observação da experiência vivida. Imaginemos que a práxis dialógica seja um jogo com normas iniciais e sua continuidade depende apenas dos participantes. (...) O diálogo é uma metodologia de reflexão conjunta, que visa melhorar a produção de novas ideias e compartilhar significados (CAMPOS, 2009, p.52).

Na pedagogia de Paulo Freire, o diálogo constitui-se como uma prática essencialmente humana, pois justamente desse diálogo nasce o pensamento crítico. Sobre as concepções freireanas, Campos (2009) ressalta que o diálogo representa a horizontalização entre relações, construindo uma matriz crítica e comunicativa.

Ademais, alguns trabalhos acadêmicos que também utilizaram as oficinas dialógicas como estratégia foram referenciais, por serem pertinentes ao suporte para a construção deste estudo. Como por exemplo, as oficinas dialógicas de Marcus Campos Matraca visando a integração entre a Arte da Palhaçaria e a promoção de saúde (CAMPOS, 2009). Nessa mesma linha de comunicação dialógica por meio de oficinas, pode-se encontrar o trabalho de Marcelo Barros (2014), envolvendo oficinas de MPB como potencial de ensino em ciências. Assim como Daniele Fortuna (2017), que utilizou oficinas dialógicas como forma de avaliação de materiais educativos da área da saúde.

Trabalhar com oficinas dialógicas de narrativas literárias permitiu estabelecer relações interessantes entre a inventividade e a curiosidade científica, assim como as expressões e liberdade de imaginação artísticas, com isso atraindo a atenção e envolvendo os participantes.

Associando a potência da dialogia e participação dentro da esfera que constitui a pesquisa baseada em artes, ressalta-se que os participantes da pesquisa ou partes interessadas não acadêmicas se envolvem no projeto, pois estes são considerados igualmente colaboradores (FINLEY, 2008; LEAVY, 2015). No caso das oficinas dialógicas, reafirma-se esse ponto de vista, já que: sem os participantes participativos não seria possível construir a oficina e como consequência a pesquisa não se desenvolveria.

A queda da hierarquização pesquisador-sujeito de pesquisa promove a expansão de possibilidades, acrescenta imprevisibilidade ao processo, o que pode assustar, porém torna emocionante e desafiador - ingredientes estes que dão mais vida e paixão à pesquisa (LEAVY, 2015). Outro ponto que aproxima as pessoas para a pesquisa ABR é o fato de elas experimentarem, já que as oficinas são experimentos vivos, as atividades acontecem, as reações surgem, estruturas são moldadas e com isso, a oficina é formada.

Por conta disso, nenhuma oficina é igual a outra, pelo seu dinamismo e flexibilidade moldados pelos próprios participantes através do diálogo facilitado pela abordagem metodológica adotada. Além do mais, por conta da evocação de respostas emocionais promovidas pelas práticas artísticas, o diálogo formado é altamente engajado, pois nas palavras de Leavy (2015):

Ao conectar pessoas nos níveis emocional e visceral, as formas artísticas de representação facilitam a empatia, necessária condição prévia para desafiar estereótipos prejudiciais e criar coalizões entre as diferenças. Nesse sentido, esses métodos servem para tentativas pós-modernas de subversão (LEAVY, 2015, p. 34).

O espaço de oficina constitui assim um processo de escuta e acolhimento, em que é possível compartilhar histórias de vida além de um espaço de criação em que é possível soltar-se e expressar-se com criatividade e liberdade, promovendo elementos significativos de interlocução, com muitas possibilidades, momentos de autorreflexão e construção coletiva.

3.4 ADAPTAÇÃO DO PRESENCIAL AO VIRTUAL

Diante da pandemia/sindemia Covid-19 e das medidas protetivas que propuseram o isolamento social (WHO, 2020), os planos da pesquisa tiveram que ser adaptados. A proposta inicial da ODNL foi pensada para ser presencial, entretanto com a demanda de mudá-la para o virtual, percebeu-se que foi possível manter, por mais que de forma distinta da presencial, o seu significado e sentido.

Com isso, por mais que uma mudança repentina tenha se configurado em um enorme desafio para esse processo, muitas descobertas sobre outras possibilidades foram promovidas. Para essa adaptação, foram agregados estudos e novos referenciais bibliográficos que permitissem acessar o universo tecnológico digital/virtual.

Diante das investigações, salienta-se que as tecnologias educacionais representam um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si que podem proporcionar por meio das funções como *software* e telecomunicações, automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem (OLIVEIRA & MOURA, 2015).

Ressalta-se que por mais que o estudo tenha se voltado à adaptação virtual foi percebido que esse caminho traz certas limitações quanto ao acesso às atividades.

Isso se deve às desigualdades digitais amplamente vivenciadas no país que para Macedo (2021): “(...) refletem ou espelham desigualdades sociais mais amplas, já constituindo desde o fim do século XX mais um locus de estratificação social no Brasil” (p. 265).

Sendo assim, a oficina dialógica de narrativas literárias em sua forma virtualizada ficou restrita ao público que tem acesso a recursos que boa parte dos brasileiros não possui, por exemplo, dados da pesquisa TIC Domicílios de 2019 apontaram que 20 milhões de domicílios brasileiros não possuíam internet (28% da quantidade total). As dificuldades do acesso ao digital não se resumem à conexão de internet e posse de equipamentos digitais adequados, sob o ponto de vista de Rezende (2016), o denominado letramento digital também é desigual na sociedade brasileira, com isso nem todos os usuários têm intimidade com as novas tecnologias para saber manejá-las da forma correta.

Por mais que tais barreiras sejam encontradas, devido às dificuldades do período em realizar atividades presenciais, a proposta das oficinas teve seu seguimento de forma virtualizada. Dessa forma, foi possível abranger conhecimentos no campo e identificar a relevância das novas tecnologias educacionais como formas de aproximar os educandos do seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, as práticas da ODNL foram associadas às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), que atualmente são instrumentos situados na história e na cultura da sociedade; ao menos nas sociedades que as introduziram, se apropriaram e se organizaram ao redor das tecnologias digitais para realizar suas atividades produtivas.

Sob o ponto de vista de Freitas (2008, 2010), recursos tecnológicos como internet e o computador se configuram como objetos culturais contemporâneos, sendo ao mesmo tempo, instrumentos materiais e simbólicos; as TDICs são construídas a partir de símbolos próprios como a linguagem binária do computador para poderem exercer sua função.

Pode-se considerar tais tecnologias como instrumentos culturais de aprendizagem, considerando que não são meras máquinas, pois são instrumentos mediadores do conhecimento, permitindo a mediação com o outro (COSTA, *et. al*, 2015). As TDICs podem configurar-se em muitas possibilidades; diante da proposta de oficinas, o quadro abaixo foi construído com algumas tecnologias que certamente podem ser utilizadas tanto nesta pesquisa quanto em outras no futuro:

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs)	Possibilidades diante do contexto das oficinas dialógicas de narrativas literárias
Formulários Google (<i>Google forms</i>) - (www.google.com/forms)	Um formulário digital utilizado para coletar dados oportunos, como por exemplo nome, <i>email</i> , idade e outras informações gerais. Além de ser uma ferramenta utilizada por muitos professores/educadores e pesquisadores nessa fase de ensino remoto/pesquisa virtual como forma de dispor a alunos e/ou participantes de pesquisas, questionários, avaliações, provas, etc.
Wordpress (WordPress.org) Wix - (wix.com) Blogger - (www.blogger.com)	Apesar de já não estar mais no auge de sua popularidade, o <i>blog</i> é uma boa tecnologia para compartilhar ideias, principalmente de forma escrita, além de permitir divulgação, compartilhamento de vídeos, imagens, links, materiais, etc.
Zoom Meetings (zoom.us); Google Meet (meet.google.com) Skype (skype.com) Jitsi Meet - (https://meet.jit.si)	Os sites ao lado são alguns exemplos de plataformas de webconferência, possibilitando comunicação por áudio e vídeo. Atualmente, a forma mais utilizada na oferta de aulas, palestras, congressos, reuniões, até mesmo utilizada para fins recreativos e de comunicação. Sem dúvidas, é uma tecnologia que possibilita realizar atividades de pesquisa e ensino mesmo de forma remota.
Whatsapp - (www.whatsapp.com)	É uma rede social de troca de mensagens e com certeza, uma das formas contemporâneas mais rápidas e dinâmicas de se entrar em contato com alguém. Possibilita criar grupos para comunicações específicas sobre determinadas temáticas. No ensino remoto, foi muito utilizada por professores para enviar notícias, informações e materiais das disciplinas. Além do mais, já faz parte da cultura brasileira, utilizada para as pessoas se comunicarem com os mais diversos

	ciclos sociais, desde familiares e amigos até colegas de trabalho.
Instagram - (www.instagram.com)	É uma rede social bastante utilizada, eficiente em divulgação, permite acesso fácil aos posts publicados, estes podendo ser vídeos ou fotos com legendas, bastante visual e atrativa, com possibilidade interação via comentários, <i>stories</i> , mensagens privadas, etc.
Facebook - (www.facebook.com)	Rede social popular, fácil acessibilidade, com possibilidades de divulgação, interações por posts e comentários, permite criação de grupos, o compartilhamento de imagens, textos, vídeos, links, etc.
Youtube - (www.youtube.com)	Possibilita assistir e postar vídeos de interesse. Com isso, é uma grande ferramenta de divulgação científica. Muitos congressos, palestras e seminários estão sendo disponibilizados nessa rede. É um universo múltiplo de conteúdos, muitos envolvendo educação, entretenimento, cultura, pesquisa, entre tantos outros.
Podcast (disponível pelo <i>spotify</i> , <i>google podcasts</i> , <i>Anchor</i> , etc)	O podcast é uma ferramenta que vem crescendo nos últimos anos, tendo uma ascensão na pandemia COVID-19. Consiste em uma rede de divulgação de áudios, estes podendo ser organizados em programas, capítulos, temáticas. Se tornou uma rede muito utilizada para fins educacionais e de divulgação de informações.

Quadro 1: Relação das principais tecnologias digitais de informação e comunicação possíveis a serem incorporadas nas oficinas dialógicas de narrativas literárias

Fonte: a autora

Sendo assim, no Quadro 1, foram citados e descritos, exemplos do que é chamado usualmente de “redes sociais”, como é o caso do *whatsapp*, *facebook*,

youtube, entre outros, ferramentas que já são bastante integradas no dia a dia de parte dos brasileiros. Rede social pode ser definida como um conjunto de dois elementos: atores, ou seja, nós indivíduos, instituições ou grupos e suas conexões/interações ou vínculos sociais (WASSERMAN & FAUST, 1994; WELLMAN, 1997).

Capra (2008) afirma ainda que as redes sociais são redes de comunicação que envolvem linguagem simbólica, restrições culturais, relação de poder, entre outros. São ferramentas que facilitam formas de expressões que potencializam o estabelecimento de interações entre os usuários, chamados de atores da rede. Essas interações, além de terem um caráter dinâmico, permitem estabelecer os tipos de relacionamentos característicos da rede e que geralmente denominamos de laços ou vínculos sociais (WELLMAN, 1997).

A partir disso, foi possível ponderar sobre a inclusão das redes sociais nas oficinas dialógicas de narrativas literárias, afinal estas por meio das interações vêm transformando as mais diversas áreas da atividade humana nas últimas décadas, como por exemplo, a indústria, comércio, economia, artes, cultura e educação. As redes sociais foram utilizadas em momentos distintos da oficina, desde a divulgação, passando também pela interação entre participantes, pela consolidação de informações e aprendizagens e pela comunicação, entre outras possibilidades.

Para construir a oficina e entender como as atividades poderiam ser apresentadas, pesquisou-se sobre a interação entre duas principais vertentes em uma apresentação virtualizada: o síncrono e o assíncrono. Muito do que é produzido em ensino de forma eficaz no modelo remoto representa um equilíbrio entre o que é realizado de forma simultânea com interações em tempo real (síncrono) e o que se expande para momentos mais flexíveis em que cada participante pode ter mais controle do quando realizar, cada um em seu tempo (assíncrono).

Diante do isolamento social, os processos de ensino, principalmente quando se pensa em ensino formal, ou seja, as escolas/universidades/pós-graduações entre outras, precisaram recorrer ao ensino remoto. Com isso, em meio às dificuldades enfrentadas por alunos e professores na adaptação, uma forma de TDIC passou a ser uma opção para o ensino: as plataformas de videoconferência. No quadro 1, foram relacionados alguns tipos como *google meet* e *zoom*, mas seja qual for a plataforma, esse formato de se encontrar por tela para ensinar se tornou parte da rotina de muitos indivíduos ao redor do mundo.

Dentro do contexto das oficinas, foi preciso ter em mente a busca por plataformas acessíveis de videoconferência e dominá-las a fim de garantir a realização da assistência ao participante, para que todos estivessem cientes de como utilizar a ferramenta adequadamente. Assim, por se tratar de uma apresentação síncrona, os participantes deveriam estar disponíveis para o encontro em determinado horário decidido com antecedência.

Além disso, considerou-se ser essencial a criação de roteiros das práticas, a fim de colaborar na continuidade e desenvolvimento do encontro, assim como para promover um melhor controle do tempo. Tal planejamento prévio foi crucial, tendo sido uma forma de organizar as ideias, auxiliando a evitar confusão ou esquecimento das mesmas. Com isso, alguns detalhes foram pensados sobre comunicação através de vídeo, nas palavras de Saboya (1992):

A diferença básica entre um texto de livro e o de TV é que um foi feito para os olhos e o outro para os ouvidos (...) por isso, lembre bem que as frases devem ser curtas, concisas, fortes, objetivas, na forma coloquial, e não devem deixar dúvidas para quem vê e ouve a interpretação da ação (SABOYA, 1992, p.49).

Além do aviso prévio acerca da data, horário e plataforma, também foi necessário informar o tempo aproximado do encontro. Inclusive, atendendo à recomendação do Ministério da Educação em relação ao ambiente virtual, foi proposto que a duração de um momento síncrono não devesse passar das duas horas por encontro. Visto que, por conta do desgaste da tela, a vista e mente ficam cansadas de forma intensa. Além do mais, para a ODNL, o tempo se configurou como suficiente para a realização das atividades, que poderiam se expandir para momentos assíncronos, caso não fosse possível realizar todas as atividades no síncrono.

Dessa temática das tecnologias e adaptações ao ambiente virtual, também é importante mencionar que diante do cenário da Web 2.0 (OREILLY, 2007) cada vez mais se viabiliza a participação, interatividade e colaboração entre os internautas. A verdade é que cada vez mais, os indivíduos se tornam integrados ao processo, não sendo apenas expectadores de conteúdos dispostos por terceiros, mas também se permite criar, desenvolver diversos materiais e compartilhá-los (PALLOFF & PRATT, 1999).

3.5 ETAPAS DA OFICINA DIALÓGICA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS

As etapas que compuseram a estrutura da oficina foram: definição de público-alvo, agendamento de data, divulgação, inscrição com sondagem, comunicação pré-oficina via *email* e/ou *whatsapp*, disponibilização de link, recepção na sala de webconferência, realização das atividades, avaliação anônima pelos participantes, coleta e análise dos dados. Mais detalhes sobre tais procedimentos serão descritos nas sessões a seguir.

3.5.1 PREPARATIVOS PRÉ-OFFICINA

A preparação pré-oficina envolveu o agendamento com datas, definição de horários e escolhas logísticas, como por exemplo, especificar a plataforma de videoconferência em que a oficina aconteceria. A principal opção foi o *Google Meet*, por ser relativamente de fácil acesso, além disso, somente exige que as pessoas tenham uma conta google para utilizá-la. Ademais, foi necessário dar atenção às demandas dos participantes, a postos para auxiliar caso alguém possuísse dificuldades de acesso. Além do *Google Meet*, outras opções foram consideradas, caso a inicial tivesse algum problema técnico e não pudesse ser utilizada.

Com data marcada, o processo de divulgação foi iniciado nas redes sociais, principalmente no *whatsapp* por ter sido considerada a melhor forma de comunicação no momento, mas também mantendo outras possibilidades em mente como *facebook*, *instagram* e também pelo blog criado especialmente para a ODNL (Apêndice E).

O critério de seleção de participantes após a divulgação foi por ordem de inscrição e devido à sustentação da plataforma e fluxo da oficina em relação ao tempo (no máximo duas horas do síncrono), foi estabelecido como número máximo de participantes, cerca de 15 pessoas para cada oficina. Acredita-se ter sido oportuno não realizar com tantos participantes, até para que se pudesse ter tempo de todos conseguirem interagir e dialogar com tranquilidade.

3.5.2 INSCRIÇÃO, ACEITE E SONDAJEM

A oficina tinha início quando as pessoas interessadas na oficina tinham acesso à ficha de inscrição, estas eram encaminhadas para um formulário *google*, logo na primeira página tinham acesso às informações cruciais para a continuidade do processo com o TCLE (Apêndice A), termo de confidencialidade e sigilo (Apêndice B)

e autorização de fotografia e filmagem (Apêndice C) apresentados virtualmente. Caso aceitassem, seriam encaminhados para a outra parte do formulário, caso recusassem, a página fecharia.

Nesta segunda parte do formulário estão contidos para preenchimento questões como dados gerais (nome, idade, onde reside, etc.). Além disso, algumas perguntas que circundam o estudo como forma de conhecer um pouco sobre o perfil dos participantes. Alguns dados coletados no momento de inscrição foram essenciais para a comunicação pré-oficina, como por exemplo, o *email* de preenchimento obrigatório. Visto que por meio desse contato era possível dar avisos pertinentes, assim como passar o link da sala para encontro síncrono ou o link para o grupo do *whatsapp* utilizado em muitas etapas da oficina.

3.5.3 ATIVIDADES DA OFICINA DIALÓGICA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS

As oficinas dialógicas foram estruturadas a partir de atividades que visaram: Autoconhecimento, acolhimento e empatia; Desenvolvimento e sensibilização; Compartilhamento das ideias, histórias de vida e narrativas; Produção de obras de narrativas literárias e Considerações e conclusões sobre as atividades realizadas.

Utilizando-se de recursos artísticos, com ênfase nos literários e narrativos, buscou-se que os participantes pudessem ter momentos de bem-estar, alegria, reflexão e conexão consigo mesmo por meio da arte. Como facilitadores da oficina, foi possível propor temáticas, propor direcionamentos, entretanto ressalta-se que, atentando-se à forma dialógica das oficinas, é interessante que as sugestões possam também vir do grupo participante, com temas que os interessam e aproximam do assunto, fazendo com que possam discutir, debater e envolvê-los.

As atividades da ODNL em si não necessitam de materiais rebuscados, são elementos que geralmente todos têm em casa como lápis, caneta ou lápis de cor e folha ofício ou folha de caderno. Entretanto, devido a proposta ser virtualizada, foi necessário também recursos como conexão à internet e alguma ferramenta para comunicação, como um computador, notebook, tablet ou celular, materiais que infelizmente nem todos possuem.

Pensar nas atividades envolveu uma série de processos, algumas envoltas nas “ferramentas para pensar” do casal Root-Bernstein (2001), bastante discutidos

neste estudo, na pesquisa baseada em arte e no conjunto de todas as referências utilizadas. Devido à ênfase em narrativas literárias, também se buscou embasamento e inspirações em exercícios de escrita criativa (ASSIS BRASIL, 1988, 2010; PASSOS, 2020; SCHUTT, 2018; SIQUEIRA, 2016; FALCÃO, 2017). À vista disso, as propostas de atividade para a oficina dialógica de narrativas literárias são apresentadas a seguir:

Atividade 1: Narrativas por meio de figurinhas/memes

A partir do encontro entre a abordagem CienciArte e a Pesquisa Baseada em Artes, foram ampliadas as percepções sobre formas interessantes de aderir para iniciar tal conjunto de práticas. Boa parte do surgimento dessa atividade tem a ver com as relações que o artista-pesquisador consegue estabelecer dentro da pesquisa baseada em artes. Esse movimento pode ser percebido no ponto de vista de Galvani, que ressalta como a ABR permitiu que fossem alcançados novos caminhos:

A Pesquisa Baseada em Artes, eficazmente, possibilitou-me entrar e estar em fluxo transdisciplinar de espaços e lugares nos quais pude dialogar, partilhar, contrariar, atravessar e manter desavergonhadas relações durante meus estudos. Por meio delas, as minhas práticas artísticas, pedagógicas e acadêmicas, ambigualmente utilizaram a percepção, imaginação, intuição, o concreto e o abstrato, por meio de formas de saber conceituadas e controladas, com a intenção de produzir conhecimentos de uma nova maneira (GALVANI, 2016, p. 90).

Sendo assim, refletiu-se sobre os caminhos a se percorrer no estudo, tanto em campos logísticos como de conteúdo; e utilizar de imaginação e criatividade para construir a atividade. As categorias cognitivas do casal Root-Bernstein e Root-Bernstein tiveram um papel fundamental nesse pensar criativo, dentre as quais destacam-se: evocar imagens, abstrair, brincar e transformar.

A ODNL em seu formato virtual, utilizou TDICs para facilitar a sua comunicação com os participantes, dentre as possibilidades, a rede social *whatsapp* mostrou-se como uma forma dinâmica e rápida de entrar em contato com o público. Tal rede social possui uma série de ferramentas, dentre essas, as figurinhas/memes, que muitas vezes substituem palavras nas redes sociais, sendo elementos fundamentais para a construção das narrativas contemporâneas e expressões emocionais. A atividade foi utilizada como forma de quebrar o gelo e divertir os participantes nos momentos iniciais da oficina.

A atividade de narrativas através de figurinhas/memes consistiu em explorar quais figurinhas os participantes utilizam para expressar determinadas emoções. Na

oficina, foram utilizados dois principais motes: a figurinha mais usada pelos participantes, ou seja, aquela que de alguma forma os representassem e que pudesse ser utilizada naquele primeiro contato com os demais; e também a figurinha usada para quando algo dava errado.

Tais caminhos foram escolhidos, justamente para tecer momentos de identificação e apresentação de forma descontraída, assim como para proporcionar momentos divertidos com todos. A ideia principal era que com esse primeiro momento, fosse possível iniciar a construção de uma oficina leve e acolhedora.

Atividade 2: “Dar vida a um objeto”

A personificação de objetos é algo que faz parte do imaginário popular, presente nos filmes, nos desenhos animados e nos livros: um objeto inanimado ganha vida, possui características próprias, sentimentos e passa ressignificar sua história no mundo. Para essa atividade, buscou-se trabalhar com dois principais pilares do pensamento criativo: a imaginação e a criatividade.

Diante do referencial presente no livro *Centelha de Gênios* (2001), categorias cognitivas promotoras da criatividade foram incorporadas nessa proposta de atividade, dentre elas, principalmente o abstrair, em que se permite ter outras visões e possibilidades a partir de um objeto, podendo modificar inclusive, seu papel no mundo. Ademais, a transformação também foi uma categoria enfatizada, devido ao potencial de atribuir a um objeto inanimado, algo a mais, transformando-o a partir dos processos criativos.

O ato de animar o inanimado está bastante presente no teatro das formas animadas, um tipo de arte em que os artistas realizam o processo de animação de qualquer objeto para contar histórias, expressar-se, apresentar ideias, entre tantas outras possibilidades. É um tipo de ofício que estimula o lúdico, além de potencializar evocações culturais e também permitindo experiências com o brincar, o imaginar e o criar.

Sobre a ação de animar foi encontrado traduzido em Waszkiel (2019), o ponto de vista de Passini (2015), este argumentou que a animação é o ato de transmitir o “eu” exterior, compartilhando um pouco de si mesmo para tal processo e com isso, o “algo” se torna “alguém”. Com isso, suspendendo as regras que o mundo construiu para o objeto inanimado, criando outros caminhos. O dramaturgo polonês inclusive

ressalta que esse conhecimento vem da infância, já que nas brincadeiras infantis, atribui-se de forma generosa almas aos brinquedos e objetos.

Tal atividade, compreende além dos estímulos aos processos de criação, o estímulo à empatia, já que ao atribuir características, identidade, personalidade ao objeto, o participante pode realizar esses movimentos de deslocamento para o “outro”. Ademais, buscou-se trabalhar com a percepção sobre o ambiente e os elementos que cercavam cada um dos participantes.

Sendo assim, a atividade se iniciou com a observação e procura ativa de algum objeto presente no espaço que o público se situa. A partir disso, foi feita a escolha de um objeto inanimado e em seguida, a moderação produz um caminho para a construção da animação envolvendo os seguintes aspectos: 1- Objeto 2- Nome; 3- Idade; 4- Personalidade e 5- Qual o maior desejo/sonho do objeto-personagem.

Os participantes tiveram um tempo para registrar cada item em suas folhas e ao término, um momento para compartilhamento dos objetos animados foi realizado. Com isso, o público pode mostrar os objetos para os demais, descrevendo oralmente as características e contando um pouco sobre as narrativas que podem ter surgido desse exercício.

Atividade 3: Evocação de memórias da infância:

Diante dos propósitos com a ODNL, foram pensadas atividades que pudessem despertar o público para aspectos pertinentes e essenciais aos processos criativos. Dessa maneira, a terceira atividade foi construída inspirando-se na fase em que muitos estão envoltos pelo lúdico e livres para imaginar amplamente: a infância.

Quando memórias são despertadas, muito se abre para e sobre cada indivíduo, é como se no interior de cada um, um mundo inteiro existisse. Boa parte do que compõe o ser humano, parte de sua caminhada; e o exercício de acessar lembranças é algo interessante para refletir sobre si mesmo, como forma de autoconhecimento. Na passagem a seguir, traduz-se um pouco sobre esse sentimento de acesso ao visitar as memórias:

Existem pessoas que jamais porão os pés em Fantasia [...] E há pessoas que podem visitá-la e lá permanecer para sempre. Mas há também os que viajam para Fantasia e regressam [...] E são esses que nutrem e renovam ambos os mundos (ENDE, 1989, p. 429, apud BJORKVOLD, 2018, p. 63)

À vista disso, a evocação de memórias é uma atividade que dá enfoque às narrativas memorialísticas, que na visão de Patrícia Porto localizam-se: “numa alternância sutil entre ficção e história, entre o real e o imaginário, entre o natural e o maravilhoso, entre o consciente e o inconsciente. E a busca pela verdade pertence a todos os tempos, a todas épocas humanas” (PORTO, 2011, p. 432).

De acordo com Barbosa-Lima (2020), é preciso se permitir expandir a imaginação, seja evocando lembranças do passado com vivências ou imaginando o futuro com expectativas, isso faz com que os sujeitos se tornem mais criativos. Com isso, se cogita que tal atividade pode ser um mote significativo para acessar uma parte dos indivíduos que está sempre a todo vapor em relação à potência em criar, desde ficção até de sintetizar vivências.

Passos (2020) ressalta que muitos escritores se inspiram na infância para escrever; partindo dessa premissa, sugeriu em seu livro um exercício para estimular a escrita criativa, em suas palavras: “(...) faça uma lista de lembranças da sua infância. Podem ser brincadeiras, comidas que costumava comer, histórias que ouvia” (p. 07). A autora ainda adiciona que ao final dessas etapas, o escrevente seleciona uma dessas memórias e escreve uma história a partir dela.

Sendo assim, para a ODNL, a proposta de Passos foi adaptada para uma que fosse possível e interessante de se realizar no tempo estabelecido. Antes de iniciar a atividade, uma contextualização inicial foi feita, falando um pouco sobre a fase da infância e também lendo um poema construído baseado na infância inspirado nas etapas dessa atividade (Apêndice F).

A próxima etapa abrangeu a descrição da atividade que contém o estímulo às seguintes memórias: 1- Brincadeira preferida; 2- Comida que mais lembra a infância; 3- Personagem preferido da infância; 4- Manias da infância/algo da personalidade que traz consigo até os dias atuais e 5- Histórias memoráveis da infância.

Cada participante teve cerca de dois minutos para a evocação de cada item trabalhado e escreveu à própria mão em sua folha. Ao finalizar a evocação das memórias e escrita em papel, os participantes puderam narrar suas respostas, compartilhando com os demais, suas memórias e histórias. Essa atividade representa um resgate à criança interior, esta que rege a vida de cada um, mesmo nas subsequentes fases da vida.

Atividade 4: Evocação de palavras por meio de imagens

A quarta atividade da oficina, surgiu da mobilização de sentidos entre as imagens e as palavras. Para desenvolvê-la, foi preciso recorrer a alguns autores que abordam a relação entre as imagens e suas produções de sentidos. Na obra *A Imagem* (1993), Jacques Aumont dissertou sobre o papel das imagens como suporte de sentido; para o autor tal sentido deve ser completado a partir da leitura e interpretação de seu destinatário.

Portanto, as imagens constroem uma relação com seus expectadores, unindo o que cada indivíduo traz consigo com os aspectos que compõem uma imagem, sua estrutura, símbolos e significados próprios. A partir disso, são feitas associações envolvendo códigos universais e/ou naturais, estes variando conforme a posição histórica e cultural de quem observa.

Em “A retórica da imagem”, Barthes (1990) traz uma série de reflexões sobre a interpretação e produção de sentido a partir das imagens. O autor decidiu analisar uma imagem publicitária em seus estudos, já que nesta a significação da imagem, seria, certamente, intencional. Pela sua observação decorreram três mensagens: a linguística, a denotativa e a conotativa.

A mensagem linguística refere-se a elementos linguísticos que Barthes observou na publicidade como legenda e etiqueta do produto, para interpretá-las e produzir significados, basta saber o idioma escrito na mensagem. Outra mensagem foi a denotativa, incorporando as representações diretas presentes na imagem, seus objetos e componentes. E uma mensagem conotativa, que envolve o conjunto de símbolos que compõem a imagem, essa mensagem permite variações de significados já que dependem da cultura e história do espectador (BARTHES, 1990).

Dessa forma, tais reflexões foram interessantes para pensar na atividade quatro da ODNL, assim como as categorias cognitivas, em destaque para o abstrair e o transformar, assim como, foi um exercício que envolveu elementos de uma narrativa literária, dentre esses, o enredo, espaço/cenário e tempo.

O acervo de 30 imagens foi construído levando em consideração aspectos que seriam pertinentes à ODNL, pensando no que poderia florescer das associações. Sendo assim, os seguintes tópicos foram pensados: espaço/cenário, obras de arte, pandemia Covid-19, ciência, sociedade, emoções e ludicidade. Algumas imagens podem estar incluídas em mais de uma temática, estas são apresentadas enumeradas na figura a seguir, cada uma na respectiva ordem em que foi exibida:

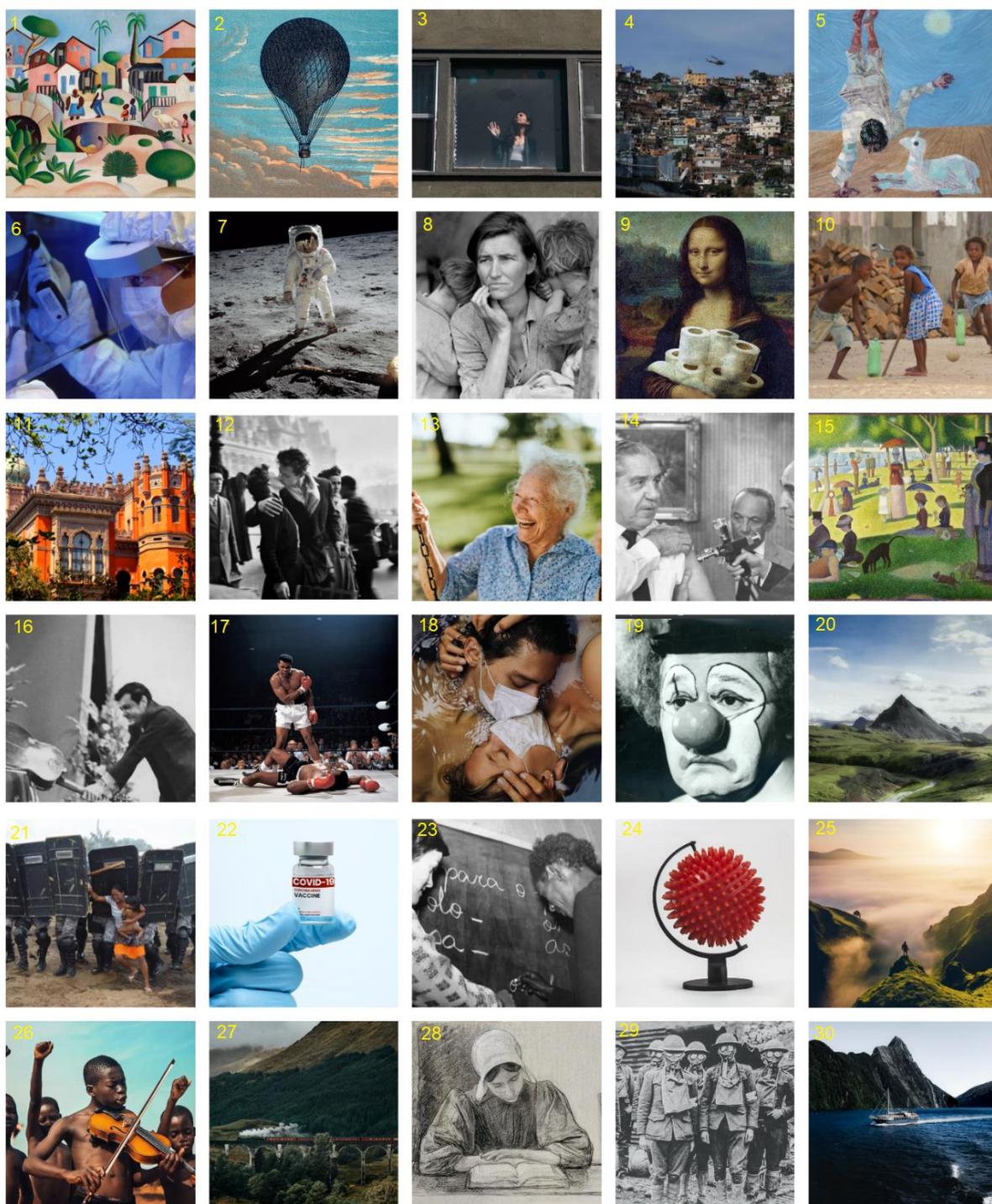


Figura 6: Acervo de imagens utilizadas durante a atividade 4 na 1ª ODNL

Fonte: (1) Obra “Morro da Favela” (1924) de Tarsila do Amaral; (2) Acervo freepik.com; (3) Acervo freepik.com; (4) Comunidade do Rio de Janeiro, Fernando Frazão / Agência Brasil; (5): Obra “Plantando Bananeira” por Candido Portinari (1956); (6) Acervo gettyimages.pt; (7) Primeiro homem na lua, nasa.gov; (8) Fotografia “[Mãe Migrante](#)”, de 1936 por Dorothea Lange; (9) Fotografia retirada do CAM The Covid Art Museum (@covidartmuseum); (10) Fotografia retirada de [politicaetc.com.br](#), 2017; (11) Acervo portal.fiocruz.br; (12) “O beijo no Hotel De Ville (1950) por Robert Doisneau; (13) Acervo freepik.com; (14) O presidente Costa e Silva é vacinado pelo ministro da saúde, 1967, Exposição Casa de Oswaldo Cruz;

(15) "A Sunday on La Grande Jatte"- 1884, por George Seurat; (16) Festival de MPB, 1967, Acervo Estadão; (17) Muhammad Ali contra Sonny Liston Neil Leifer, 1965, time.com; (18) Fotografia retirada do CAM The Covid Art Museum (@covidartmuseum); (19): Rosto do Palhaço Pituca em fotografia de 1978, Acervo Estadão; (20) Acervo feepik.com; (21) Ativista de Manaus pelo fotográfico [Luiz Vasconcelos](#), 2008; (22) Acervo feepik.com; (23) Educação de Adultos, Acervo Estadão; (24) Acervo feepik.com; (25) Acervo feepik.com; (26) "Songs of Freedom" do Fotógrafo nigeriano Michael Aboya; (27) Acervo feepik.com; (28) Acervo feepik.com; (29) Soldados ingleses com máscaras para se protegerem das bombas de gás na 1ª Guerra Mundial, ensinarihistoria.com.br e (30) Acervo rawpixel.com.

Tal acervo foi utilizado na primeira oficina e ao perceber como a atividade foi desenvolvida e a partir do retorno dos participantes, a decisão de reduzir a experiência para 20 imagens foi tomada, para que fosse possível experienciar o exercício de forma mais concisa e concentrada. As imagens enumeradas com 7, 12, 14, 20, 24, 25, 27, 28, 29, 30, apresentadas na figura 6, foram excluídas já que diante do acervo, eram as que possuíam algumas correspondências de sentido com outras que permaneceram. Em sua maioria eram paisagens/cenários (7, 20, 25, 27, 30), duas sobre a pandemia e uma que faz referência à guerra e uso de máscaras (14, 24 e 29), uma que representa emoções que tem uma corresponde na seleção que permanece (15 na figura 7) e a menina lendo (29), pela abordagem da leitura e aprendizado na imagem 19 apresentada na figura 7.

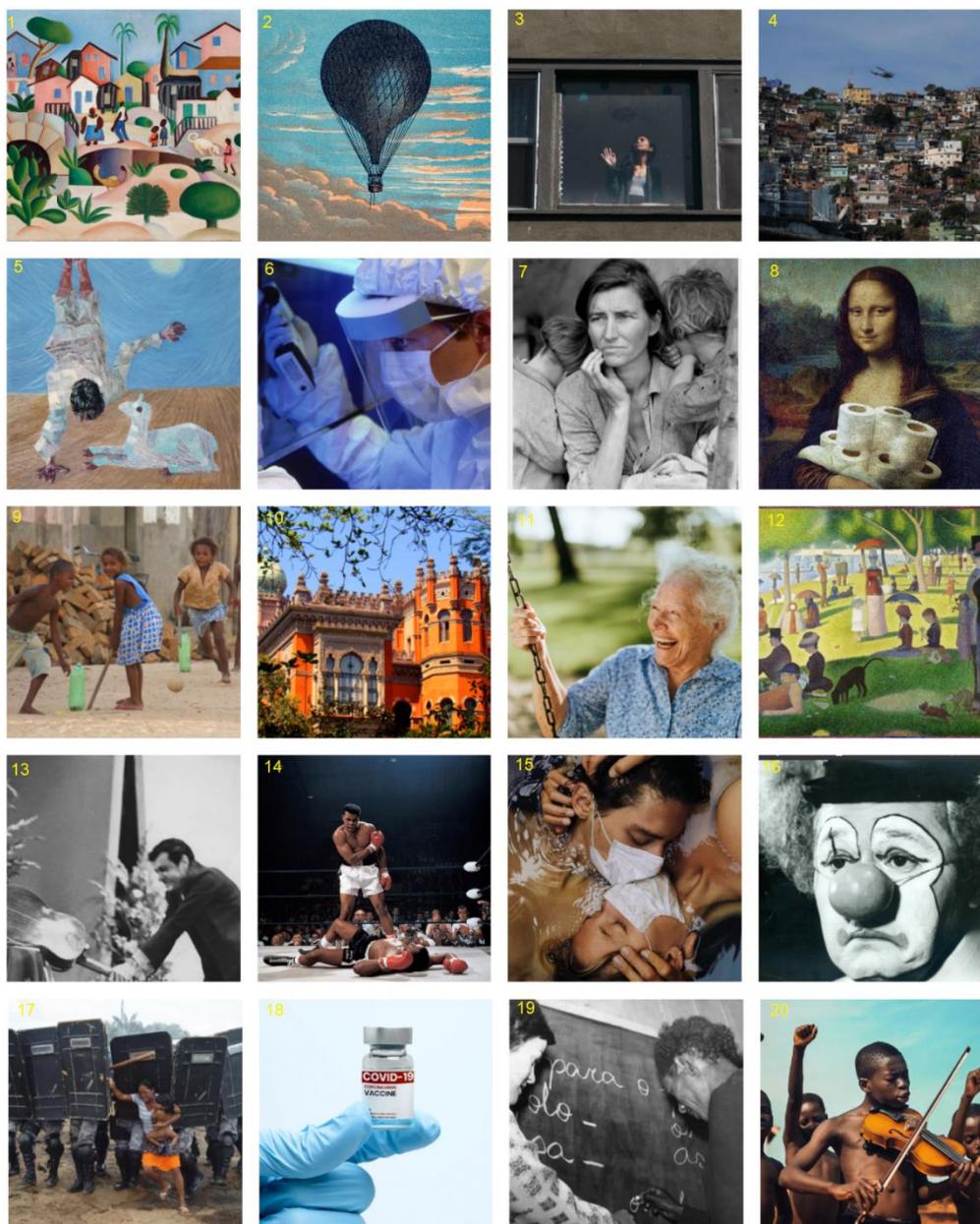


Figura 7: Acervo de imagens utilizadas durante a atividade 4 na 2ª e na 3ª ODNL

Fonte: (1) Obra “Morro da Favela” (1924) de Tarsila do Amaral; (2) Acervo freepik.com; (3) Acervo freepik.com; (4) Comunidade do Rio de Janeiro, Fernando Frazão / Agência Brasil; (5): Obra “Plantando Bananeira” por Candido Portinari (1956); (6) Acervo gettyimages.pt; (7) Fotografia “[Mãe Migrante](#)”, de [1936](#) por Dorothea Lange; (8) Fotografia retirada do CAM The Covid Art Museum (@covidartmuseum); (9) Fotografia retirada de [politicaetc.com.br](#), 2017; (10) Acervo portal.fiocruz.br; (11) Acervo freepik.com; (12) Pintura “A Sunday on La Grande Jatte”- 1884, por George Seurat; (13) Festival de MPB, 1967, Acervo Estadão; (14) Muhammad Ali contra Sonny Liston Neil Leifer, 1965, time.com; (15) Fotografia retirada do CAM The Covid Art Museum (@covidartmuseum); (16): Rosto do Palhaço Pituca em fotografia de 1978, Acervo Estadão; (17) Ativista de Manaus pelo fotógrafo [Luiz Vasconcelos](#), 2008; (18) Acervo feepik.com; (19) Educação de Adultos, Acervo Estadão e (20) Fotografia “Songs of Freedom” do Fotógrafo nigeriano Michael Aboya.

Com isso, a atividade consistiu em observar a seleção de imagens e fotografias, e para cada imagem observada associar a uma palavra e registrar em sua folha. Para a apresentação aos participantes no momento virtualizado da oficina, foi feito um vídeo com as imagens e com 20 segundos para visualização de cada imagem e escrita da palavra. Ao final do vídeo, os participantes puderam transmitir oralmente como foi a experiência e relatar quais imagens chamaram mais sua atenção e os motivos para tal.

Atividade 5: Construção de personagem protagonista

A quinta atividade da oficina, pensando no modelo virtualizado, foi a última realizada de forma síncrona com o público, por isso, teve um papel fundamental para a proposta da ODNL. Configurou-se como uma experiência de livre expressão, compartilhamento e estímulo a imaginação, reflexões, criatividade e empatia.

Assis Brasil, referência nacional em escrita criativa/literária ressalta que o personagem é o principal irradiador da narrativa, daí a importância de construir personagens que causem identificação e possam conectar quem lê à história. Afinal, é por meio do personagem principal que boa parte do enredo é construído. Dessa forma, a atividade parte da caracterização do personagem, atribuindo-lhe aspectos físicos e desenvolvendo sua personalidade, emoções e desejos.

Em sua essência, assemelha-se à atividade 2 de dar vida a um objeto, porém é uma atividade mais completa, em que o público pode construir a imagem original do seu personagem. Até por isso, agrega-se ao exercício um rascunho em desenho representando a imagem visual ou que utilizem imagens para idealizar visualmente como seria o personagem. Este que não necessariamente precisa ser uma figura humana, pode ser um animal, um objeto e até uma representação abstrata, tudo partindo da imaginação, liberdade e criatividade do participante.

Cada escritor utiliza de determinadas ferramentas para construir seu personagem principal, em Passos (2020) são apresentadas duas formas interessantes para fazer essa estruturação: a ficha de personagem e os mapas mentais. A primeira representa uma sistematização escrita bastante completa das características do personagem, físicas, emocionais, ambientais, etc. Já o mapa mental é uma técnica mais visual em que o personagem ou apenas seu nome é representado no centro de uma folha em branco e a partir daí, o escrevente puxa ramos com as

características principais.

A proposta para a ODNL inspirou-se nestas duas possibilidades para propor uma atividade que conseguisse reunir o que há de mais importante em um personagem. E a partir disso, proporcionar aos participantes uma experiência potente e capaz de promover muitos estímulos em seus pensamentos criativos. Por conta desses aspectos, as categorias cognitivas do casal Root-Bernstein (2001) foram amplamente utilizadas neste processo.

Sendo assim, após o rascunho visual do personagem na folha, o público da ODNL entrou em contato com os aspectos necessários para a atividade, dentre estes: o nome, idade, necessidade dramática, personalidade, entre outros que são apresentados na imagem a seguir:

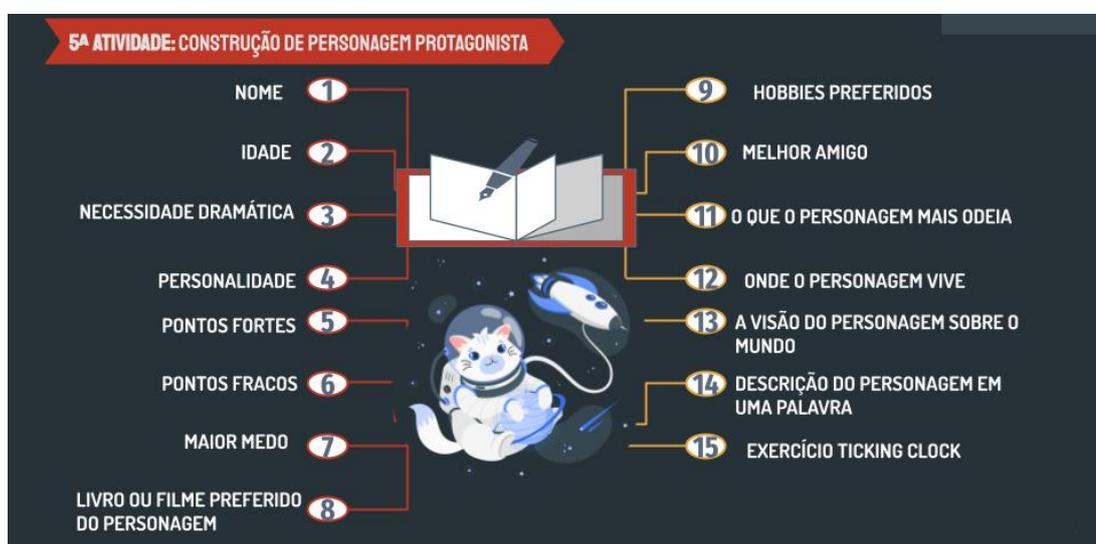


Figura 8: Esquema construído a partir das propostas de Passos (2020) para a atividade 5 da ODNL

Fonte: a autora.

Nesta atividade foi incluído, um exercício chamado *“Ticking Clock”*, que em inglês refere-se a uma tensão dramática, uma corrida contra o relógio/tempo. Esse movimento de imaginar essa contagem regressiva para algum evento importante, pode aumentar a adrenalina naturalmente. Devido a isso, na ODNL, os participantes entraram em contato com a seguinte pergunta que ao mesmo tempo é concisa e complexa: Se o mundo fosse acabar em 24 horas, o que meu personagem (Aquele construído na atividade) faria no universo criado? Assim como nas atividades anteriores, o público pode compartilhar oralmente o que registraram em suas folhas ao final do processo.

Nos momentos pós-oficina, foi compartilhado com os participantes das oficinas um material sobre os componentes das narrativas literárias (Apêndice G). Uma maneira de deixá-los com uma semente para que continuem escrevendo e contando outras histórias além das que foram possíveis ser contadas durante as atividades na oficina dialógica de narrativas literárias.

Diante de cada uma das atividades pensadas para as oficinas, o propósito era oferecer a cada um dos participantes uma experiência de promoção da saúde, ciência, alegria, compartilhamento, criatividade, entre tantas outras potencialidades. Ao longo dos resultados e discussões deste trabalho, serão apresentadas como cada uma dessas atividades foram vivenciadas pelos participantes nas oficinas.

As atividades da ODNL foram ao encontro do que se pode fazer com a escrita em muitas variantes e como é possível se apropriar dessa ação, essencialmente para a busca de nossa saúde e qualidade de vida. Esse processo alinha-se a uma frase de João Guimarães Rosa, considerado como um dos maiores escritores brasileiros: “Quando escrevo, não penso na literatura: penso em capturar coisas vivas” (ROSA, 1966). As narrativas estão por toda a parte e todos são capazes de contar histórias, seja escrita ou oralmente, foi nesse sentido que o estudo caminhou.

Por isso mesmo, ao propor atividades, não se esperou rigidez e técnicas, esperou-se que se capturassem coisas vivas, que fossem trazidos elementos que rodeiam os participantes, que estes transformassem, criassem, expandissem os seus pensamentos. Como Henriques e Fontoura (2014) ressaltam: “Escrever é sempre colocar em palavras o que pensamos e sentimos e, quando colocamos no papel, já não nos pertence, passa a ser de quem nos lê e de quem nos interpreta” (p. 347).

Paulo Freire também afirmou que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. Com isso, quando o processo de leitura ocorre não é algo estático, ao contrário, se expande de acordo com as infinitas possibilidades promovidas pelas bagagens trazidas pelos leitores, cada um com sua singularidade, molda e finaliza aquela história. Por conseguinte, o trecho a seguir traduz que: “(...) Universos que podem conter experiências de vida, experiências de leitura, experiências em torno do ensinar e do aprender. Assim, é o texto que se oferece com seu potencial simbólico na construção de outras narrativas (...)” (HENRIQUES; FONTOURA, 2014, p. 349)

Nesse processo histórico, seja em níveis individuais ou coletivos, são as histórias sendo contadas que mantêm vivas as memórias do que vai sendo vivenciado. Além do mais, existem alguns aspectos relevantes quando se pensa nas

narrativas, como por exemplo, o contexto em que se conta a história, as razões que levam alguém a contá-la, além de para quem o autor/narrador decide compartilhar (CONNELLY; CLANDININ, 1986).

Com isso, a narrativa literária se estabelece no estudo como proposta metodológica, em que se utilizam os processos narrativos como forma de promover saúde, seja abordando especificamente temáticas voltadas à saúde ou pela vivência artística, se pode provocar nos participantes estímulos de criatividade, imaginação, bem-estar, entre outros. Isso pode ocorrer, dentre outros motivos, pelo empoderamento dos sujeitos quando entram em contato, seja de forma oral ou por escrita com seus pensamentos, crenças, construções, valores e memórias.

3.5.4 PÓS-OFFICINA: COLETA E AVALIAÇÃO

Por este trabalho ser da área de educação não formal, não se tinha compromissos em avaliar os participantes com provas, questionários ou outras formas, pois esse não era o objetivo. Na verdade, o desejado foi a observação de como os participantes se envolveram com as atividades, se houve interesse, e caso o contrário, propor alterações para melhorar a experiência, até por isso ressaltou-se a importância do *feedback* constante. Para a fase final, uma avaliação foi preconizada, nela os participantes, de forma mais objetiva, compartilharam sua experiência e participação nas oficinas; estas avaliações foram escritas de forma anônima por meio de um formulário google (Apêndice D).

Diante da estrutura pós-oficina também se ponderou sobre os critérios de avaliação dentro de um estudo ABR que ainda está em constante discussão por ser uma área relativamente nova e que teve origem a partir de muitas características da pesquisa qualitativa. Até por isso, discussões são levantadas, questionando se a ABR pode ser avaliada segundo os padrões qualitativos de fazer pesquisa ou se é preciso a criação de novos padrões para esse campo.

Para Leavy (2015), não há dúvida de que é necessário de outras maneiras de avaliar os trabalhos ABR. A autora ainda ressalta que não alimenta a criação de um padrão modelo, devido à multiplicidade de significados e diversidade de gêneros desenvolvidos nos diferentes projetos. Geralmente na Pesquisa Baseada em Artes, os pesquisadores tendem a salientar determinados padrões de acordo com a ênfase que aplicam a seu estudo.

Em seu livro, Leavy apresenta uma série de critérios de avaliação, em que nem todos se aplicarão a cada projeto com base nos seus objetivos, sendo estes: estética, metodologia, utilidade e resposta do público, cada um sendo fragmentado em outros critérios específicos. Tais critérios foram abordados nas discussões deste trabalho em que articulações teórico-práticas do trabalho foram realizadas.

É significativo destacar que as atividades das oficinas foram analisadas a fim de observar como cada uma se encaixava nas 13 categorias cognitivas e nos principais aspectos da ABR. Tal resultado foi levantado como forma de compreender o papel da atividade e os estímulos que esta poderia impulsionar a partir da sua execução segundo as categorias do casal Root-Bernstein.

Além disso, enfatizando as etapas da oficina que envolvem palavras, a técnica de “nuvem de palavras” foi agregada a este estudo, já que, trata-se de uma forma de levantar quais as mais frequentes direções percorridas durante a atividade. O recurso tecnológico utilizado nesta parte foi a TDIC *on-line* sueca, *Mentimeter*, em que ocorre a contabilização das impressões do público. Para Vasconcelos-Silva & Araújo-Jorge, nuvens de palavras podem ser definidas como:

(...) recursos gráficos que representam frequências de palavras utilizadas em um texto. Por meio de algoritmos é possível construir imagens formadas por dezenas de palavras cujas dimensões indicam sua frequência ou relevância temática em meio a centenas ou milhares de postagens. Têm sido habitualmente usadas apenas como meras ilustrações, embora aqui nos interesse a percepção das questões mais centrais nas postagens de comunidades virtuais (VASCONCELOS-SILVA & ARAÚJO-JORGE, 2019, p. 42).

À vista disso, tal ferramenta contribuiu para as análises e discussões dos resultados da atividade quatro, que estimulou a evocação de muitas palavras. A representação gráfica das nuvens de palavras possibilita que a pesquisa seja enxergada de outros ângulos, com a diversidade das técnicas utilizadas no tratamento de dados.

3.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi submetida para análise ética ao Comitê de Ética da Fundação Oswaldo Cruz/IOC/Plataforma Brasil, pela Plataforma Brasil na data 31/03/2021, teve seus documentos avaliados e iniciou a apreciação ética, sob o número do CAAE 45128821.8.0000.5248, conforme o anexo B. Em 15/04/2021 o projeto foi aprovado conforme o anexo A.

Conforme as exigências éticas da pesquisa foi formulado o TCLE (Apêndice A) que foi utilizado em todas as oficinas para obtenção da autorização dos dados, respostas, depoimentos, entre outros, assim como um documento de Autorização de Fotografia e Filmagem (Apêndice C) para que se pudesse utilizar a imagem dos participantes para fins de pesquisa. No TCLE foram garantidos os direitos dos participantes, incluindo o direito de a qualquer momento da pesquisa, estes terem direito a desistir sem nenhum problema, prejuízo nem constrangimento. A garantia da confidencialidade foi estabelecida em um documento em separado (Apêndice B).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões dão ênfase à descrição e avaliação das atividades realizadas durante o estudo, a fim de observar o desdobramento e as interações que surgiram a partir dos encontros. Além disso, refletir sobre as possibilidades da ODNL enquanto estratégia para o ensino em biociências e saúde, principalmente para a promoção de saúde.

Os dados englobam as três oficinas realizadas durante o percurso que foram executadas em momentos diferentes e contaram com grupos distintos de participantes: A primeira oficina com oito integrantes do Núcleo de Estudos em Artes, Cultura e Saúde/NEACS/Fiocruz; a 2ª Oficina foi realizada com sete estudantes de pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PGEBS/Fiocruz) e um integrante do NEACS/Fiocruz; e a 3ª oficina com 11 estudantes de especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde (CACS/Fiocruz).

Dessa forma, ao todo, o estudo envolveu 27 participantes em suas oficinas, com faixa etária entre 18 a 53 anos, todos conectados de alguma forma com os campos em Ciência, Arte, CienciArte, Ensino e/ou Pesquisa Baseada em Artes. Alguns detalhes sobre cada uma dessas oficinas serão apresentados a seguir.

A primeira ODNL se configurou como uma oficina piloto/teste, que contou com participantes do grupo de pesquisa NEACS. A sua divulgação foi realizada por meio de um panfleto digital no próprio grupo dos pesquisadores do NEACS no *whatsapp*. No panfleto, foram apresentados a data, horário, a plataforma de webconferência a ser acessada e a necessidade de alguns materiais para as práticas. A mídia de divulgação com os itens mencionados, está apresentada na figura a seguir:

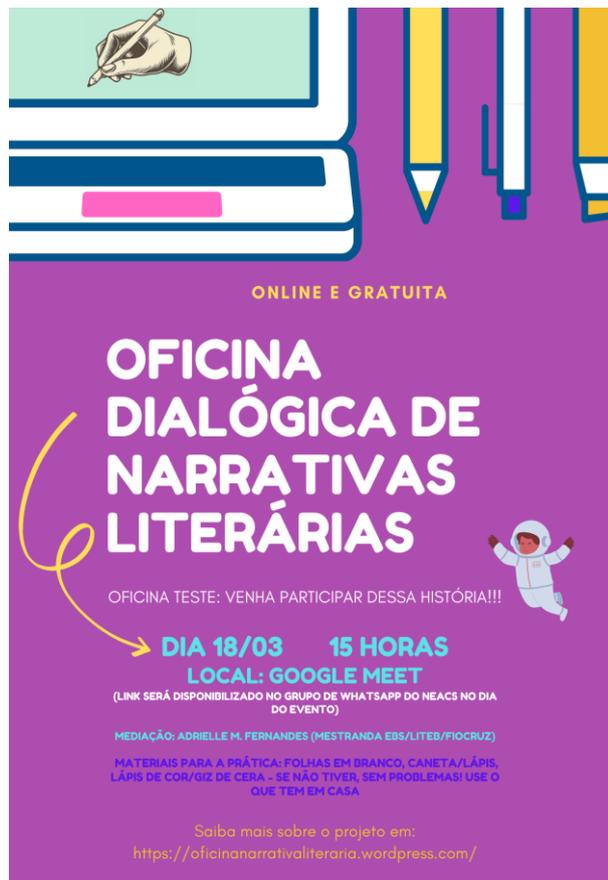


Figura 9: Panfleto digital de divulgação da oficina piloto
Fonte: a autora

A comunicação e divulgação pré-oficina foi importante para criar vínculos prévios com o público e fazer com que o participante pudesse se programar para o encontro síncrono. Importante destacar que o formulário de inscrição e de avaliação ainda estavam sendo finalizados, foram disponibilizados ao público da oficina piloto, justamente buscando *feedback* para buscar aprimoramento para as demais oficinas.

Com isso, conforme planejado, a primeira ODNL foi realizada no dia 18 de março de 2021, às 15 h, tendo previsão de duração de duas horas de encontro virtualizado na plataforma *Google Meet*. Aos participantes foi concedido um convite para entrada no grupo de *whatsapp* específico para a oficina. Previamente, o público foi informado que era essencial a participação de todos no grupo para que as etapas da oficina pudessem ser registradas; assim como para a comunicação, oferta de materiais, troca de ideias e vivências, entre outras possibilidades que a interação na rede social pode promover.

Sendo assim, no dia e horário marcados, o link para a sala virtual foi disponibilizado alguns minutos antes via *whatsapp* e os participantes foram sendo aceitos. A primeira ODNL começou cerca de cinco minutos depois das 15h, ressalta-

se que um dos participantes teve problemas em sua conexão e não conseguiu acompanhar todas as atividades. Uma breve recepção foi realizada, explicando de forma geral a concepção da oficina, assim como os principais objetivos da ação, incluindo um lembrete sobre os materiais necessários para as atividades.

Ademais, foi destacado que a oficina poderia ser realizada por meio da utilização de programas de escrita de tela (*Word*, *wordpad*, bloco de notas, etc.). Entretanto, que o contato com papel e caneta tem potencial de estimular muito mais as conexões cerebrais (LONGCAMP, *et al.*, 2016; KLASS, 2016) e por isso, configura-se como uma forma mais interessante de realizar as atividades.

A segunda Oficina Dialógica de Narrativas Literárias, ocorreu no dia 10 de junho de 2021 às 19h e foi orientada conforme as mesmas etapas da oficina piloto. A prática contou com a participação de oito pessoas, sendo estas, sete alunos da disciplina Ciência e Arte I Online da PGEBS e um destes, integrante do NEACS, que não conseguiu participar da oficina anterior e expressou interesse em participar desta.

O público-alvo nesta oficina foram os alunos de Ciência e Arte I por conta de uma proposta de a oficina ser parte do trabalho final dessa disciplina, que implicava na articulação entre ciência e arte em algum tema de interesse dos alunos, aplicados à área de sua atuação profissional e que tivesse conexões com questões de promoção da saúde. Com isso, assim que foi possível compartilhar um pouco mais sobre as concepções da oficina, a proposta foi abraçada pelos colegas do grupo de trabalho e a ODNL pôde ser utilizada como experiência em CienciArte e promoção da saúde.

Um diferencial desta oficina para as demais do estudo foi a inclusão de reflexões pós-oficina e avaliação acerca das 13 categorias cognitivas promotoras da criatividade, bastante abordadas nesta pesquisa e na disciplina Ciência e Arte I. Tal estratégia fazia ainda mais sentido por serem alunos que já tinham contato com tais categorias e poderiam por meio de sua experiência relatar um pouco do que observaram.

A divulgação foi realizada em um grupo de *whatsapp* que reunia boa parte dos alunos da disciplina Ciência e Arte I, dois dias antes do evento, convidando os membros a participar da ODNL. Neste grupo, além do *flyer* de divulgação (apresentado na figura 10), foi compartilhado o *link* para o formulário de inscrição com informações cruciais sobre a pesquisa e oficina, com TCLE virtual, autorização de fotografia e filmagem, além da coleta de algumas informações gerais dos participantes.

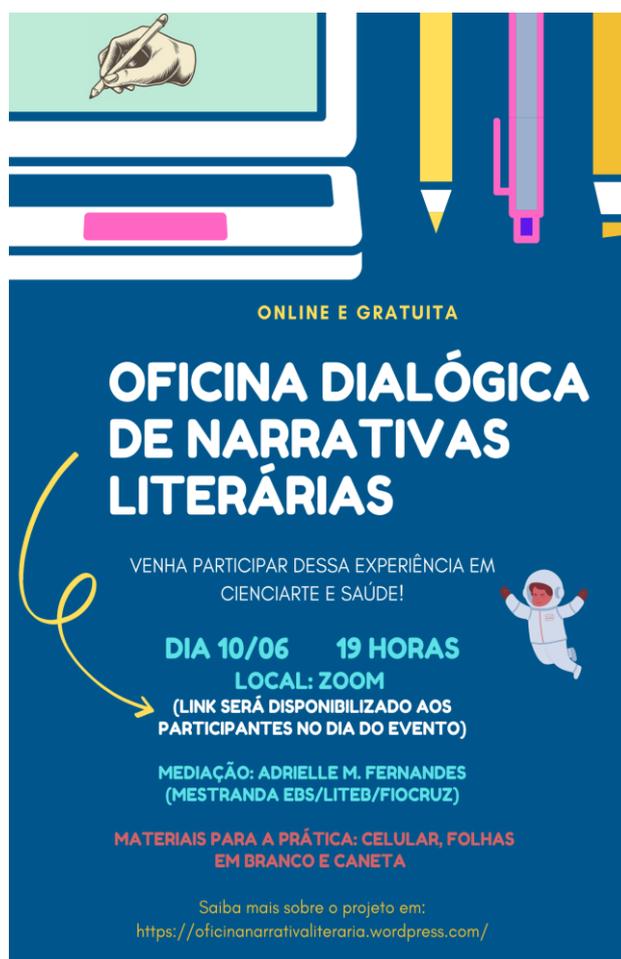


Figura 10: Flyer de divulgação da 2ª oficina
Fonte: a autora

Nesse primeiro contato com os participantes via formulário, foi possível coletar que se tratavam de cinco mulheres e dois homens, com idades variando de 28 a 50 anos, todos residentes do estado do Rio de Janeiro e em sua maioria professores. Ademais, os motivos pelos quais estes se interessaram em participar da oficina foram sondados, e a partir disso, decorreram reflexões acerca das possibilidades e também formas de atender demandas do público.

Nessas percepções iniciais sobre a ODNL, foi encontrado que para alguns a experiência poderia representar uma oportunidade de aprimoramento na temática que seria investida na sua atuação profissional/acadêmica, como visto a seguir em algumas respostas obtidas por meio do formulário:

“Tenho interesse em realizar atividades de escrita criativa nas minhas turmas de EM com intenção de aumentar a interação da turma e facilitar o processo ensino-aprendizagem.” **(Participante 1)**

“Aprendizado sobre formas diferentes de trabalhar Ciência e Arte para promoção da saúde” **(Participante 2)**

“Vai ao encontro ao caminho de minha pesquisa”
(Participante 7)

É interessante pensar nos públicos aos quais a ODNL pode atender e contribuir para sua formação, para além de buscar momentos de bem-estar. Além disso, é pertinente pensar que a temática das oficinas também se configura como um chamado para a prática da escrita em si, como pode ser visto em algumas respostas que refletiram preferências pessoais pelas narrativas literárias:

“A temática é muito interessante”
(Participante 4)

“Gosto de escrever!”
(Participante 6)

A interação antecipada por meio deste formulário se mostrou importante para conhecer mais sobre o público antes das oficinas. Por conta do andamento das práticas, somente foi possível disponibilizar o formulário atualizado de forma antecipada para os participantes da segunda oficina.

A terceira ODNL foi realizada com 11 alunos da disciplina Educação Popular, CienciArte, Cultura e Saúde: construindo relações. Esta disciplina é oferecida anualmente pela Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde (CACCS/Fiocruz) e teve como professores coordenadores, Márcio Mello e Maria Paula Bonatto. O trecho abaixo retirado da ementa de 2021 descreve sobre o objetivo central da disciplina:

“O curso tem por objetivo apresentar, estudar e discutir leituras, formulações, análises e interpretações sobre a relação Educação Popular, Ciência, Arte, Cultura e Saúde, enfocando a realidade brasileira, por meio de um ambiente de debate livre e plural. Pretende-se motivar educandos para desenvolverem ações no campo da Educação Popular e da Ciência e Arte, tendo como base os diversos contextos culturais que se apresentam nos processos de produção social, cultural e política da saúde. A estratégia é analisar as especificidades histórico-políticas e filosóficas da Educação Popular e da Ciência e Arte, bem como subsidiar a construção coletiva de diretrizes que abordam o “por que,

para que, com quem e como” desses campos diante dos desafios da atualidade.”

A partir desse contexto em que o público se insere, o ambiente foi interpretado como propício para realizar uma das oficinas integrantes desta pesquisa. O período da disciplina foi do dia 04/08/2021 até 15/09/2021 e devido ao volume de conteúdos e momentos preestabelecidos nas aulas, as atividades da ODNL foram fragmentadas de forma a se encaixar na grade, nos dias 04/08, 11/08 e 15/09. Sendo assim, a terceira oficina foi realizada de forma distinta às duas anteriores principalmente por não ter sido feita de forma completa em um mesmo momento síncrono.

Dessa forma, as três oficinas tiveram muitos pontos semelhantes e algumas particularidades. Porém, cada uma se propôs a oferecer aos participantes a experiência completa da oficina, incluindo as práticas envolvendo as cinco atividades da ODNL, sendo estas: as narrativas por meio de figurinhas/memes; a atividade de dar vida a um objeto; evocação de memórias da infância; palavras por meio de imagens e a construção de personagem protagonista.

A partir da realização das oficinas foi possível refletir e construir associações entre os saberes relativos a este trabalho. Enfatizando os propósitos principais que eram relativos a investigar a contribuição das narrativas literárias para o ensino em biociências e saúde, com ênfase na promoção da saúde.

Incluído nestes propósitos também estavam o desenvolvimento da ODNL, seus desdobramentos, execuções e resultados, avaliações, observações e percepções dos participantes, assim como a execução de articulação teórico-prática entre Promoção da Saúde, abordagem CienciArte e Pesquisa Baseada em Artes. Nos tópicos a seguir, serão apresentados os desdobramentos e discussões das práticas concretizadas nas oficinas.

4.1 ATIVIDADE 1: NARRATIVAS POR MEIO DE FIGURINHAS/MEMES

A primeira atividade *“Narrativas por meio de figurinhas do whatsapp”* foi iniciada nas três oficinas como uma forma de bem receber e, ao mesmo tempo, certificar que todos os participantes estariam dentro do grupo. Na oficina com os alunos do CACS, essa interação ocorreu no primeiro dia da disciplina (04/08/2021). Portanto foi uma ação que impulsionou que os alunos entrassem no grupo da

disciplina, que seria usado ao longo de todo curso. Ademais, foi uma forma de a turma iniciar a disciplina de forma alegre e começarem a se conhecer de uma maneira despojada.

A prática envolveu a contextualização, com perguntas sobre a utilização das figurinhas, evidenciando que tal elemento da rede social fazia parte da construção contemporânea que muitos utilizam para se comunicar e com isso, contar histórias/narrativas. E, por isso, foi centrada em duas perguntas: a primeira sendo qual a figurinha mais usada pelos participantes e a segunda, alguma figurinha que eles mais usavam quando algo dava errado.

Com essa atividade, os participantes das oficinas conseguiram se divertir, interagir e especialmente, mostrar um pouco de quem são a partir das figurinhas que mais gostavam e daquelas que utilizavam para se expressar. Essa atividade levou em torno de 10 minutos a 15 minutos para ser realizada.

Certamente, um dos desafios principais da ODNL era o de promover um espaço confortável para trocas de experiências, em que fosse possível o livre compartilhamento de ideias. Por conta disso, a atividade de figurinhas do *whatsapp* se configurou como uma prática que soltou o público e possibilitou um começo pela busca das narrativas cotidianas que os participantes traziam consigo. Foi interessante perceber que uma rede social que se popularizou nos últimos anos já fazia parte da comunicação dos participantes de forma tão intensa.

A construção dessa atividade, assim como a de outras, envolveu o uso da abordagem baseada nas artes, quando permitiu percepções que levaram a imaginar e pensar uma forma de prática que unisse a pesquisa com uma forma de comunicação rotineira e contemporânea na sociedade. Para Leavy (2015), tais movimentos de uma Pesquisa Baseada em Artes são essenciais para o alcance de caminhos que podem não ser acessados de outra forma.

Além disso, desde os tempos pré-históricos os seres humanos se utilizavam dos recursos que tinham para fazer seus registros, como é no caso das pinturas rupestres (ESCALANTE, 2016). Esta necessidade acompanhou toda a evolução da sociedade e hoje podemos falar sobre o uso dos chamados “memes”, veiculados através de figurinhas do *whatsapp*.

O conceito de “meme” é bastante amplo; para Blackmore (1999), tudo que pode ser copiado de uma pessoa à outra, é um “meme”. Palavras, canções, imagens, expressões, histórias e tudo mais que a nossa sociedade consiga reproduzir utilizando veículos de propagação, como é o caso da internet e redes sociais.

rede social para se comunicar com seus contatos. Dessa forma se evidencia a necessidade de pesquisar indo ao encontro com a sociedade e suas formas de expressão, acompanhando os novos momentos, buscando ao máximo a aproximação ao público, afinal, nossa pesquisa científica é feita para a melhoria da sociedade e, se possível, junto com a sociedade.

4.2 ATIVIDADE 2: “DAR VIDA” A UM OBJETO

A segunda atividade da ODNL consistiu em “Dar vida a um objeto”. Como descrito na seção sobre a oficina, o exercício se inicia com a observação do entorno e escolha de um objeto. Os participantes das oficinas estavam em seus quartos, salas ou escritórios, todos em um ambiente interno.

Após a escolha do objeto, na folha em branco ou caderno foram descritas pelos participantes algumas características listadas a seguir: 1- Tipo de objeto escolhido; 2- Nome; 3- Idade; 4- Personalidade e 5- Qual o maior desejo/sonho do objeto-personagem. Cada participante teve um tempo para escrever cada item à próprio punho em uma folha de papel.

Na figura 12, são mostrados exemplos das respostas de dois participantes da oficina piloto; é pertinente trazer um pouco de como o público experimentou essa prática. Um dos participantes representados na imagem na parte superior, optou por dar vida a uma toalha, deu-lhe o nome de Antônia, 3 anos de idade, leal e que sonhava em ser resistente. O outro participante escolheu como objeto o chapéu do Vô, chamou-o de Saudade, com seus 87 anos, sábio e sapeca, que tinha como sonho pousar em várias cabeças.

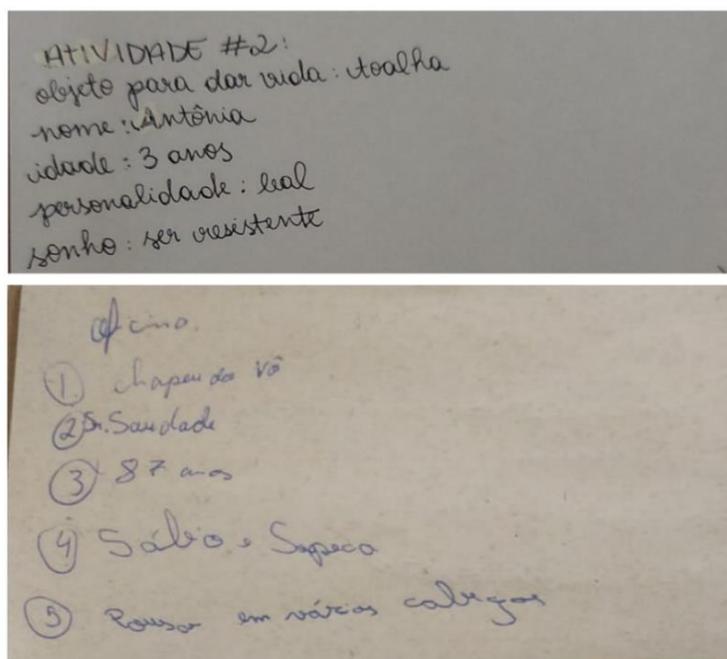


Figura 12: Materiais desenvolvidos por dois participantes na atividade 2 da oficina piloto

Fonte: Registro pelos participantes

Nessa e nas outras atividades, os participantes escreviam suas respostas em folhas como as mostradas, à mão, e depois compartilhavam no grupo de *whatsapp*. É um tipo de registro que nos permite, para além de ler o que foi escrito, perceber suas caligrafias, seus pensamentos e idealizações.

Além do mais, escrever à mão auxilia no desenvolvimento do cérebro e das habilidades dos indivíduos, ao estimular áreas motoras e de memória (LONGCAMP *et al.*, 2016; KLASS, 2016). Dessa forma, cada resultante demonstrado nessa seção como exemplos, para além dos demais coletados, representam essa experiência, que envolve a arte da escrita à mão, importante para o sistema cognitivo, para a saúde mental, entre tantos outros benefícios.

Assim como na oficina piloto, a segunda também possibilitou a criação e registro de muitos personagens advindos de objetos inanimados. Na figura 13 são apresentadas três produções, de cima para baixo aqui descritas: A primeira traz um cofre temático do telefone de Londres, a quem lhe foi dado o nome de Sir. Joseph Fitz Williams, 43 anos, um senhor ranzinza e de idade mediana, saudosista com sua terra natal, Inglaterra, queria voltar para o Reino Unido e ser o cofre da rainha. A segunda retrata uma caneta com spray de álcool chamada Rodolfo, 35 anos, rabugento, mas muito sensato e tinha como sonho se tornar a caneta preferida de sua dona. Na terceira, a Bonequinha Fridinha de madeira, nome: Fridinha, 30 anos, inovadora,

pensativa e reflexiva e tinha como desejo, levar cores para o mundo. A boneca Fridinha também foi incluída no registro e aparece na imagem a seguir:

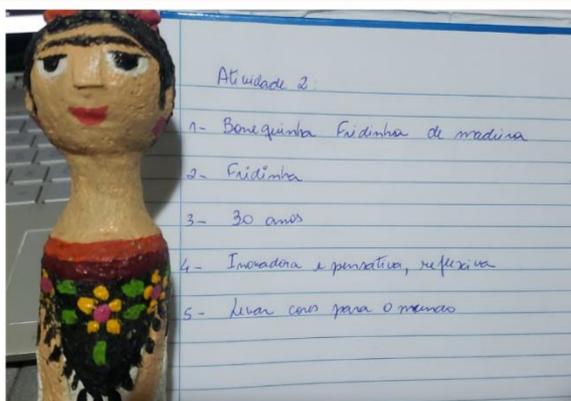
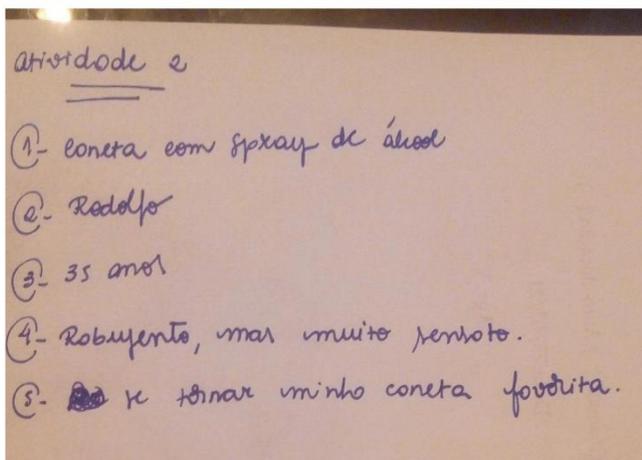
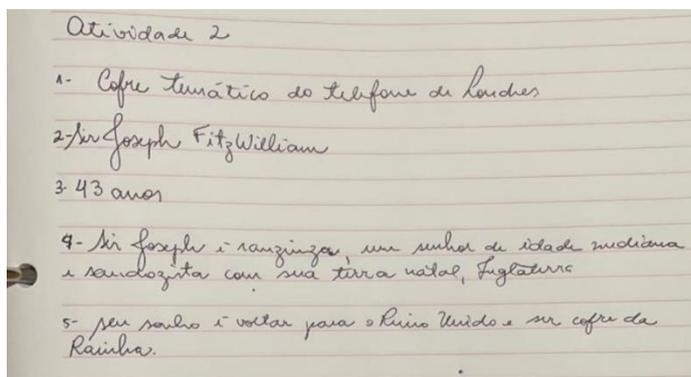


Figura 13: Resultantes da atividade 2 por três participantes da 2ª ODNL

Fonte: Registro pelos participantes

Ressalta-se que os participantes tiveram tempo para compartilhar os objetos por eles escolhidos, mostrando-os pela tela e falando sobre as suas características. Cada um utilizou por volta de dois a três minutos de narrativa oral, com isso, a atividade durou cerca de 20 minutos.

Importante salientar que na 3ª ODNL, as atividades de dar vida a um objeto, foram momentos em que oralmente os participantes puderam compartilhar muitas

histórias e criações advindas de sua criatividade e imaginação. Devido às particularidades desta oficina, não foi coletado o registro das respostas em fotografia, mas o propósito foi alcançado pelo encontro síncrono de significados e trocas realizados durante a prática.

Dessa forma, os resultantes foram diversos e surpreendentes nas três oficinas, uma série de objetos ganharam nome, idade, personalidade, sonhos e sendo instrumentos de muitas histórias que foram contadas de forma oral. Diante de muitas risadas, identificações e significados nos relatos do grupo, observou-se a importância de exercitar a percepção e capacidade de criar.

Diante dos referenciais teórico-práticos, é fundamental ressaltar que durante as oficinas, a ficção foi amplamente vivenciada em atividades iniciais como dar vida a algum objeto, por exemplo. Naturalmente, os participantes utilizaram a imaginação e a criatividade como ferramentas para suas criações. Sem dúvidas, este aspecto transformou os espaços de oficina em terrenos ricos para explorar e ampliar as possibilidades.

Nessa direção, De Freitas (2003) menciona a importância dessa ampliação de horizontes para que seja possível a expansão de novos pontos de vista e formas de compreensão dos espaços que englobam além de aspectos lógicos e de raciocínio, também habilidades sensoriais, cinestésicas e imaginárias.

A partir da atividade de dar vida a algum objeto, foi possível trabalhar com a percepção dos participantes perante o espaço que habitavam e também as potencialidades de encher suas realidades de ficção, utilizando criatividade e imaginação. Foi uma atividade interessante, ainda mais pensando no contexto da pandemia, em que, com o isolamento social, era necessário permanecer nos mesmos ambientes fechados por mais tempo.

Não por acaso, acabou sendo uma prática de muitas descobertas e significados múltiplos, que provavelmente não conseguiriam ser explicados ou detalhados neste estudo, mas que fica como lembrete da diversidade pulsante e de como os seres são infinitos e com muitas narrativas dentro de si, muitas ocultas até que se tenha oportunidade de compartilhá-las.

Ao realizar a associação da prática com os possíveis benefícios ao público, destaca-se como tal estratégia pode atuar como uma intervenção para transformar a qualidade de vida dos participantes, já que representa o esforço de edificar um tempo para o autoconhecimento e autocuidado. Sendo assim, pode configurar-se em uma

medida de promoção da saúde que pode envolver ações fomentadoras e geradoras de processos de reflexões sobre o bem-estar (FERREIRA, 1986; CZERESNIA, 2003).

Como forma de registro e homenagem aos participantes que se entregaram à atividade e trouxeram um pouco de si para a experiência, serão mencionados nos parágrafos a seguir, em formato de escrita livre, alguns dos personagens e suas características repletos de significância que surgiram por meio do encontro.

Ao observarem seu entorno, encontraram, cada um, algum objeto que chamou sua atenção, algo de sua rotina que queriam transformar em algo mais. Com isso, a toalha “Antônia” encheu-se de vida, tornou-se uma criança com seus três aninhos... Um pouco mais velha, sempre a observar, estava a janela “Olhos do mundo” com seus 20 anos, e o que dizer do chapéu do Avô que se chamava “Saudade” e tinha como sonho pousar em várias cabeças. Seria bom se para toda saudade existisse um chapéu amigo para dar sombra e aconchego...

Companheira das muitas anotações diárias, o lápis “Rita” com seu jeitinho extrovertido e simpático, sonhava em escrever um livro. E nas terras em que os sonhos são feitos para sonhar, um colar com cinco mil anos de existência, desejava todos os dias encontrar seu companheiro de jornada, afinal nunca é tarde para seguir em busca do amor.

Muitas personalidades surgiram desse poder de vivificar objetos, foi dessa forma que o apontador intelectual e contestador que só queria sair pelo mundo afora em passe de mágica esteve presente. Ademais, pode-se conhecer o cofre inglês Sr. Joseph Fritz William, que vivia ranzinza porque ansiava voltar para sua terra natal e se tornar o cofre da rainha... alguns sonhos são mais ambiciosos que outros, já que tudo que a caneta Rodolfo queria era se tornar a caneta preferida de sua dona.

Neste encontro, finalmente a inovadora e pensativa boneca Fridinha ganhou seu propósito de vida que era levar cores para o mundo. Assim como o *Kindle* Curie, cheio de determinação, sonhava em contribuir com a sociedade e a ciência, diferente da estátua Guilherme que já estava tão cansada que a essa altura, só queria “dar certo”. Mas será que já estava tão cansada quanto o dado enigmático e conselheiro que nasceu há mais de 10 mil anos atrás?

A partir dessa atividade, a ODNL encaminhou-se para as próximas etapas, com os participantes já tendo demonstrado suas potencialidades em contar histórias. Afinal, todos carregam um perfil narrador, e a oficina foi uma oportunidade para que fosse possível a expressão e compartilhamento de apenas algumas de muitas outras histórias que os participantes podem trazer dentro de si.

Portanto, em muitos momentos da oficina, foi amplamente valorizada a oportunidade de os participantes narrarem suas próprias histórias. Ações que, conforme Vasconcellos (2015), são fundamentais para a diversificação de narrativas, de distintos modos de registro de depoimentos, a fim de viabilizar maior integralidade e para autenticidade da voz dos participantes.

4.3 ATIVIDADE 3: EVOCAÇÃO DE MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

A terceira atividade das oficinas foi certamente uma das que mais tiveram potencial evocador de emoções, sentimentos e lembranças por envolver o resgate de memórias da infância. Como uma forma de ambientar e sensibilizar os participantes para a prática, foi lido um cordel sobre a infância, que pode ser visto no Apêndice F.

A atividade foi explicada e na folha em branco, com caneta, os participantes listaram as seguintes memórias de suas infâncias: 1- Brincadeira preferida; 2- Comida que mais lembra a infância; 3- Personagem preferido da infância; 4- Manias da infância/algo da personalidade que até hoje permanecem na memória e 5- Histórias memoráveis da infância.

Após a escrita dos itens da atividade, foi solicitado que os participantes tirassem fotos de suas respostas e que postassem no grupo de *whatsapp* correspondente. Uma forma virtualizada de realizar os registros das etapas da oficina; à vista disso, nos momentos de análise, pode-se observar as produções, compreendendo como as atividades foram interpretadas e as diversas formas que surgiram a partir delas.

Dessa forma, na figura 14 encontram-se dois resultantes da atividade 3 da oficina piloto em que a brincadeira preferida foi descrita como criar roteiros de filmes (brincar fazendo histórias); a comida que lembra a infância foi biscoitos fandangos, personagem preferido: as princesas da Disney, algo que permanece desde a infância com o participante: genuinidade e uma memória da infância é de estar no quintal. Já outro participante, escolheu pega-pega como brincadeira; o bolo da avó como comida que remete à infância; personagens preferidos: menino maluquinho e *Punky: A Levada da Brega*; algo que traz até os dias de hoje da infância: brincar e uma memória inesquecível: subir no pé de amora depois do ensaio do coral da igreja.

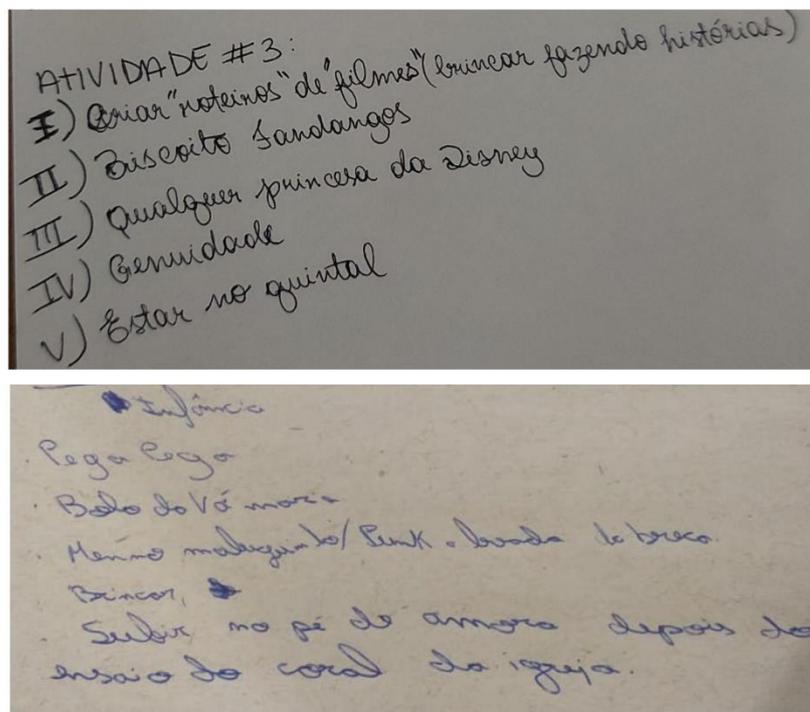


Figura 14: Resultantes de dois participantes durante a atividade 3 na oficina piloto

Fonte: Registro pelos participantes

Na 2ª ODNL, os participantes também compartilharam o registro de suas interações a partir da atividade 3, demonstrando assim, um exemplo de como a evocação de memórias foi vivenciada durante a oficina. Com isso, na figura 15, podem ser visualizados registros representando a evocação das memórias de dois participantes: o mais acima lembrou que gostava muito de brincar de escola e mercadinho; resgatou o pudim como comida que lembra a infância, “Mônica” dos gibis da Turma da Mônica como personagem preferido; relatou que algo que traz da infância até hoje é ser muito sorridente e brincalhona; e os natais em família, especificamente montar as árvores de natal fazem parte de suas memórias mais inesquecíveis de quando era criança.

Na mesma imagem, um dos participantes lembrou que sua brincadeira preferida era brincar de mago, com cabanas feitas com lençóis na sala e perfumes que viravam poções. Além disso, pontou bolo de chocolate do pai como comida que o fazia lembrar da infância; Goku e Simba como personagens preferidos. Ademais, escreveu o tom de brincadeira e bom humor como algo que traz da infância até os dias de hoje e como memória inesquecível, lembrou as férias que passava no sítio do tio.

Atividade 3

- ①- Enola e mexerinhos
- ②- Pudim
- ③- Mônica (Tema da Mônica)
- ④- Ser muito solícito e brincalhão.
- ⑤- Natal em família, especificamente montar árvore de Natal.

Atividade 3

- 1- Brincar de mago, em uma cabana armada com lençóis na sala e os perfumes que usavam papai
- 2- Bolo de Chocolate do meu pai
- 3- Goku (Shogun Baer) / Minha (Ki Leão)
- 4- Jogo de Brincadina (bon humor)
- 5- As festas que eu passava no sítio do meu tio

Figura 15: Resultantes da atividade 3 por dois participantes na 2ª ODNL

Fonte: Registro pelos participantes

Destes registros floresceram muitas memórias, estas ampliadas de forma oral logo após o tempo para cada item ser finalizado. O público narrou histórias sobre suas infâncias em um resgate ao que há de mais belo no seu interior, a pureza, ingenuidade, brilho nos olhos. Além de brincadeiras como queimada, pular elástico, pique-esconde, também surgiram muitas histórias envolvendo a família, muito associada pelos participantes a esse período de suas vidas. Seja no bolo que a avó fazia ou ir à igreja com os pais no domingo, memórias foram compartilhadas de forma simbólica.

Assim como o relatado sobre a atividade 2, na terceira ODNL, não foi possível obter os registros das imagens das respostas, devido a isso, não estão representados como exemplos neste trabalho. Entretanto, a atividade 3 foi realizada com os alunos de especialização CACS e também proporcionou um espaço aberto para a narração oral de narrativas e evocação de lembranças da infância.

Com isso, a partir da atividade 3 foi possível explorar o mundo das memórias nas oficinas, dessa forma, uma série de narrativas autobiográficas e sentimentos nostálgicos derivaram dos participantes. Além do mais, dentro das práticas, foi uma das atividades que despertou para elementos de identificação.

Tal identificação é acompanhada pelo estímulo de empatia, autoconsciência e reflexão social. Desse modo, os indivíduos são capazes de, ao ouvir narrativas de outras pessoas, conseguir se reconhecer nelas, e com isso, refletir sobre suas próprias memórias e vivências (PELIAS, 2004; LEAVY, 2015).

Em Porto (2011) foram encontrados relatos acerca de Nava (1974), descrevendo que as memórias vão sendo transmitidas aos filhos, aos sobrinhos, aos netos. De geração a geração construindo laços e raízes do que os antepassados foram. Sob o ponto de vista desse autor: "(...) a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar (NAVA, 1974, p.17, apud PORTO, 2011, p.433)

Nesta atividade, foram alcançados momentos de muitas trocas, compartilhamento de histórias e momentos de identificação em cada uma das três oficinas realizadas. À vista disso, a partir dos resultantes das questões envolvidas nesta prática nas duas primeiras oficinas, foram reunidas partes dessas lembranças em um poema, em negrito destacam-se as palavras e frases que emergiram desses encontros:

Fechamos os olhos juntos para sentir a sensação de estar de volta
de volta aquele tempo em que as **cosquinhas** faziam mais efeito
quando o **cheiro do bolo da vó** perfumava a casa toda e **estar no quintal**
tomar banho de chuva sem se preocupar em se molhar, felicidade garantida
logo depois comer os **bolinhos de chuva**, o **bolo de fubá** e a **sopa no jantar**
pega-pega, pique-esconde, queimada, corrupio, pular corda, jogar bola
sem cansar, sem parar, só quando for me deliciar com o **arroz com azeite**,
com o **pudim** ou o **bolo de chocolate do pai** e depois **pique bandeirinha**
e as **férias no sítio do tio...**

Como é bom lembrar, **tangerina** e **geleia de mocotó**
subir no pé de amora, nadar e cantar com a vovó, sorrisos e brincadeiras
acreditar nas pessoas, brincar fazendo histórias, da **escola** e do **mercadinho**
transformar-me em tudo que eu quisesse ser, até **virar um mago**
com **cabana de lençóis amarrados na sala** e **perfumes que viravam poções**

ou **princesas da Disney**, jogadores de **basquete**, **pular elástico**
saúde de tanto, **minha vó na porta de casa**, de **montar as árvores de Natal**
os **banhos na cachoeira**, as **festas juninas**, **algodão doce**, **biscoito fandangos**
e as **festas americanas com os amigos todas as sextas**
até mesmo da **primeira vez no ônibus sem um adulto**
do **fígado com purê de batata**, da **cozinha da mãe**, da **sinceridade**
de **correr tanto que as cores viravam borrões e de sorrir mais**.

(Poema construído a partir dos resultantes da atividade sobre memórias da infância de 16 participantes das duas primeiras oficinas dialógicas de narrativas literárias)

É importante relatar sobre esta atividade que durante o estudo sobre a teoria em narrativas, foi possível obter contato com muitos materiais biográficos, afinal, boa parte das narrativas está ligada às vivências. Em conformidade com Bochner e Riggs (2014), as narrativas estão em contínuo aumento seja nos aspectos pessoais, de histórias de vida, depoimentos, evocação de memórias, investigações narrativas, pesquisas autobiográficas, entre outras formas.

Entretanto, na mesma medida que é natural e desejado, também é um campo sensível, afinal a infância, assim como outros tópicos que podem ser abordados nas oficinas, são capazes de serem assuntos sensíveis para algum participante. Justamente, dentre a maioria de retornos positivos advindos da avaliação final e anônima da pesquisa, um relato sinalizou a sensação de desconforto no momento de abordar alguns aspectos da infância.

Lidar com as narrativas envolve muita profundidade, por mais que não seja a intenção da prática, pautas que parecem inofensivas podem despertar gatilhos emocionais. Especificamente, falando de infância, já que tal fase não representa somente momentos de alegria, imaginação e brincadeira, assim como também é um dos períodos da vida de maior vulnerabilidade.

Por mais que não seja possível a garantia de que a ODNL não irá tocar em pontos sensíveis, a partir do retorno, foram feitas reflexões sobre a atividade de forma geral, já que no *feedback*, não consta detalhes muito específicos sobre qual parte trouxe desconforto.

Por mais que evocar memórias tem possibilidade de trazer lembranças infelizes, é essencial ressaltar que é uma prática que pode trazer muitos benefícios. Visto que propicia a expansão dos pensamentos, em que se pode viajar pelo passado

e ao mesmo tempo projetar o futuro. Portanto, tal exercício pode tornar os sujeitos mais criativos (BARBOSA-LIMA, 2020).

4.4 ATIVIDADE 4: EVOCAÇÃO DE PALAVRAS POR MEIO DE IMAGENS

Após atividades anteriores que envolveram estímulo à criatividade, imaginação e resgate de memórias, entre outras potencialidades, a quarta atividade compreendeu aspectos de uma narrativa literária, dentre estes, principalmente enredo, cenário/espço e tempo. Já que a partir da seleção de imagens, os participantes puderam pensar as palavras que derivavam destas, e com isso, também possibilitam pensar sobre as narrativas que rodeavam o que foi visualizado.

Com a atividade, muitas palavras surgiram e os registros das palavras escritas puderam ser obtidos nas três oficinas. Como observado na apresentação das atividades, na oficina piloto foram selecionadas 30 imagens para a prática, após cada imagem ir sendo apresentada para o público, as palavras foram surgindo.

A partir da coleta dos registros, foi possível realizar a correlação entre as imagens e as palavras dos participantes da primeira ODNL. Diante das 30 imagens apresentadas, um dos participantes evocou a partir das imagens as seguintes palavras em ordem: 1- nacional, 2- voar, 3- sair, 4- asas, 5- brincar, 6- máscaras, 7- lua, 8- fome, 9- limpeza, 10- brincando, 11-castelo, 12- beijo, 13- sorrindo, 14- homens, 15- parque, 16- revolta, 17- luta, 18- releitura, 19- (in)feliz, 20- terra, 21- desespero, 22- aprendendo, 23- vacina, 24- plástico, 25- sublime, 26- resistência, 27- viagem, 28- leitura, 29- tóxico, 30- mar. Essa relação pode ser visualizada na íntegra do registro compartilhado pelo participante na imagem a seguir:



Figura 16: Registro das palavras geradas por um participante da 1ª ODNL e embaixo a seleção de 30 imagens utilizadas na atividade 4.

Fonte: Registro pelos participantes

Na figura 16, também se percebe do registro do participante, algumas palavras sinalizadas com asteriscos naquelas imagens que mais chamaram sua atenção. Tal etapa foi importante para que ao final da atividade, os participassem, oralmente,

pudessem compartilhar sobre suas percepções a respeito da seleção, especialmente sobre as fotografias que mais se destacaram para cada um.

A atividade 4 também foi realizada na segunda oficina com os estudantes da pós-graduação em ensino em biociências e saúde, porém como mencionado anteriormente na metodologia, a seleção foi adaptada de 30 para 20 imagens. Dessa forma, a seleção foi apresentada em vídeo, e os participantes puderam evocar uma palavra para cada imagem exibida.

Na figura 17, demonstra-se como foi feito o registro de um dos participantes, que a partir da seleção com as 20 imagens, evocou as seguintes 20 palavras em ordem: 1- cotidiano, 2- liberdade, 3- saudade, 4- violência, 5- brincadeira, 6- avanço, 7- pobreza, 8- exagero, 9- infância, 10- arte, 11- felicidade, 12- nobreza, 13- sofrimento, 14- reconhecimento, 15- distanciamento, 16- falsidade, 17- opressão, 18- esperança, 19- esperança, 20- resistência. O participante também destacou as imagens que mais lhe chamaram atenção.

Atividade 4

1 COTIDIANO	6 AVANÇO	12 NOBREZA	19 ESPERANÇA
2 LIBERDADE	7 POBREZA	13 SOFRIMENTO	19 ESPERANÇA
3 SAUDE	8 EXAGERO	14 RECONHECIMENTO	20 RESISTÊNCIA
4 VIOLÊNCIA	9 INFÂNCIA	15 DISTANCIAMENTO	
5 BRINCA- DEIRA	10 ARTE	16 FALSIDADE	
	11 FELICIDADE	17 OPRESSÃO	

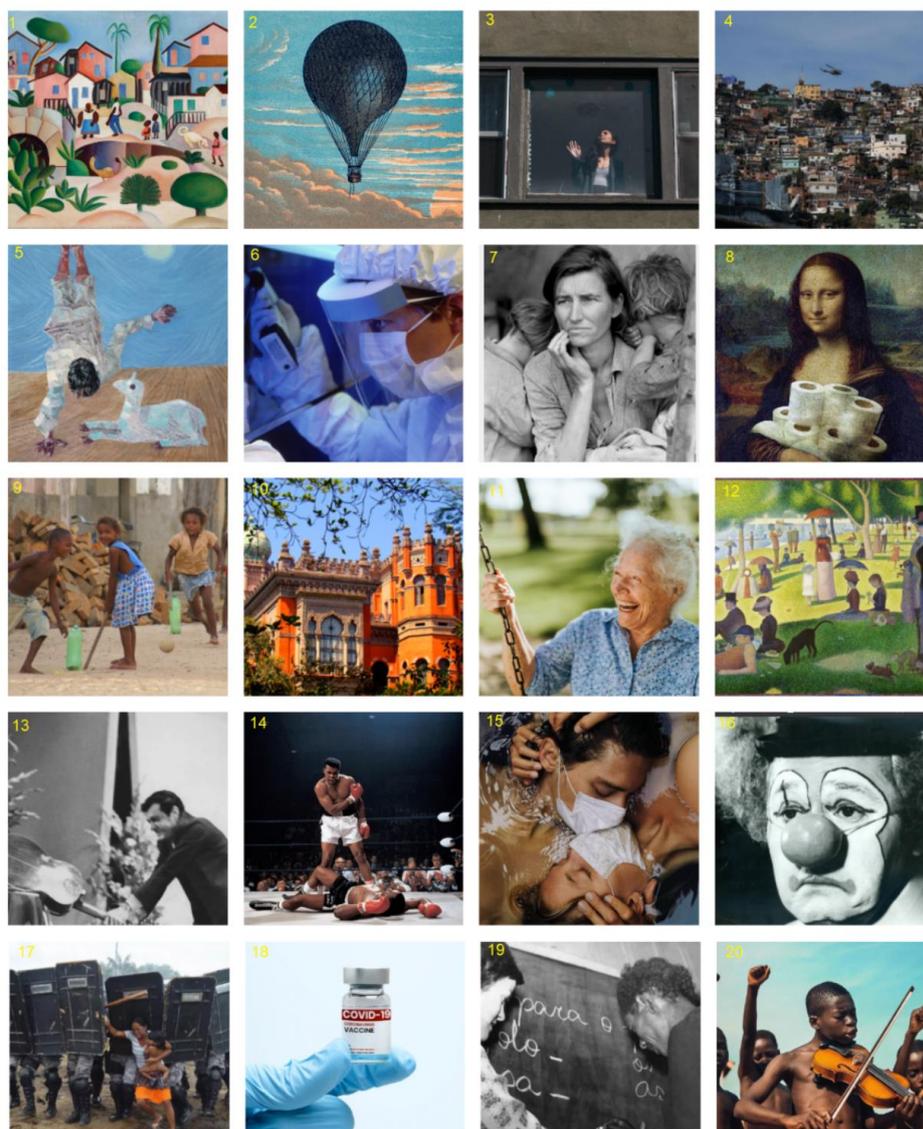


Figura 17: Registro das palavras geradas por um participante na 2ª ODNL e embaixo a seleção das 20 imagens utilizadas na atividade 4.

Fonte: Registro pelos participantes

Na 3ª ODNL, ao contrário das duas atividades anteriores desta oficina com os alunos da especialização (CACs/Fiocruz), foi possível obter o registro das palavras dos 11 participantes. Sendo assim, foi possível apresentar um dos exemplos de como

a atividade foi desenvolvida. Na figura 18, encontra-se então, as seguintes palavras na ordem de acordo com a seleção das 20 imagens: 1- vida, 2- vontade, 3- preso, 4- comunidade, 5- carneiro, 6- ciência, 7- tristeza, 8- papel, 9- brincar, 10- castelo, 11- felicidade, 12- arte, 13- revolta, 14- força, 15- amor, 16- máscara, 17- violência, 18- vacina, 19- ensino, 20- cultura.



Figura 18: Registro das palavras geradas por um participante na 3ª ODNL e ao lado direito estão representadas as 20 imagens utilizadas na atividade 4.

Fonte: Registro pelos participantes

Devido as narrativas orais decorrentes dessa atividade, em que os participantes mencionaram as imagens que mais se destacaram diante de suas observações, a atividade durou em média de 20 minutos a 30 minutos nas três oficinas. Por mais que a proposta implique na evocação de apenas uma palavra para cada imagem, o estímulo acaba por trazer muitas outras palavras e narrativas para a experiência.

No momento de análise desses registros da quarta atividade da ODNL, optou-se por organizar os resultados em nuvens de palavras, por ser uma forma interessante

Na ocasião desta pesquisa, as nuvens de palavras tiveram papel como um recurso ilustrativo que lançou algumas discussões sobre os desdobramentos desta prática com os participantes das três oficinas. Ressalta-se que essa estratégia também pode ser considerada uma alternativa para a análise de textos e na difusão de resultados de pesquisas de abordagem qualitativa (VASCONCELOS-SILVA & ARAÚJO-JORGE, 2019).

Com a utilização das nuvens, constatou-se através do maior destaque centralizado da palavra e tamanho de sua fonte, a representação da frequência em hipertextos de sua aparição no vocabulário dos participantes da oficina. De acordo com o tamanho em que a palavra se encontra na visão gráfica gerada, pode-se avaliar a importância desta diante da evocação através das imagens mostradas ao público.

A leitura e interpretação das três nuvens geradas demanda, de modo superficial, a percepção da disposição das palavras apresentadas, seus tamanhos, direções, entre outros aspectos. Destaca-se que após o compartilhamento das palavras, os participantes tiveram momentos em que puderam relatar suas observações, as imagens que mais chamaram a atenção, assim como aprofundar oralmente o que as imagens evocaram para si.

Sendo assim, de forma síncrona, foi exequível atribuir mais significados às palavras geradas do que somente o resultado das nuvens de palavras, estabelecendo diálogos. Esses que, segundo Campos (2009) são tão importantes e potencializadores das interações e da fomentação de saúde.

Importante destacar sobre as nuvens de palavras que voltados para a representação visual, pode-se perceber semelhança nas três nuvens geradas em que foram apresentadas mais frequência em palavras como: esperança, amor, vacina, ciência, tristeza, liberdade, resistência, arte, comunidade, entre outras.

Para Barthes (1990): "(...) toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente aos seus significantes, uma "cadeia flutuante" de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros" (p.32). Na representação das nuvens da atividade de evocação de palavras por meio de imagem, foram destacadas palavras mais recorrentes. Entretanto, também é interessante apresentar alguns resultados de forma específica. Já que, ao evocar palavras, procura-se não somente perceber as palavras que ressoam em mais de um participante, assim como refletir sobre aquelas que surgem repletas de singularidade.

Diante da imagem de uma mulher em sua janela (Imagem 3 na figura 18), recebendo a luz do sol através do reflexo no vidro e com expressão preocupada, pode-se ter muitas leituras. Alguns associaram à pandemia, prisão, preocupação, entre outros e um dos participantes resolveu fragmentar “solidão” ao destacar em seu registro o “sol” da palavra, representando assim: “[sol] lidão”, associando ao mesmo tempo a situação vivida na fotografia com um dos elementos dispostos na imagem.

Ademais, em uma das imagens, a fotografia do palhaço triste (imagem 16 da figura 18), gerou uma série de palavras que se assemelharam por expressarem a emoção “tristeza”. Essa sendo inclusive uma das imagens que mais interessaram alguns dos participantes pela ambiguidade imposta. E um dos participantes, ao invés de evocar uma palavra, ampliou em um questionamento: “Quem faz o palhaço sorrir?”. Ou seja, por meio de uma fotografia, muitas inquietações, pensamentos e narrativas foram provocadas.

Sem dúvidas, tratando-se de frequência, a palavra “amor” esteve incluída em todas as três atividades realizadas em cada oficina. Mas para além disso, referente à imagem do casal se beijando de máscara, obteve-se uma expressão que se destacou: “amor pandêmico”. Esta caracterização, muito voltada a um contexto específico e atual vivido, demonstra a capacidade de gerar novos significados e novas formas de relação e arranjos de palavras em meio às mudanças do mundo. Provavelmente, o beijo com máscara não se tornará tendência, porém a imagem ilustra as transformações, nos mais diversos níveis, que foram vivenciados na pandemia/síndrome Covid-19.

Dessa forma, sobre a estratégia com as nuvens de palavras, ressalta-se que de acordo com De Souza Prais e Da Rosa (2017), se pode pensar no uso desta tecnologia como uma forma de potencialização da mediação entre o conhecimento e a apropriação de conteúdos por determinado público, através de caminhos diversos e pela interatividade.

Em conformidade com Vasconcelos-Silva & Araújo-Jorge (2019), argumenta-se que as nuvens de palavras podem expressar sentidos conceituais e sensoriais. Dessa forma, essa técnica permitiu diversificar as formas de representação de resultados neste estudo e pode ser considerada uma forma de ampliar as alternativas para educar, promover e ensinar, podendo fazer parte de intervenções pedagógicas e medidas de promoção da saúde.

4.5 ATIVIDADE 5: CONSTRUÇÃO DE PERSONAGEM PROTAGONISTA

As experiências nas atividades anteriores culminaram na quinta atividade da ODNL, a construção de personagem protagonista. Foi explicado aos participantes a importância do personagem, já que é a partir dele, o enredo de uma história pode ser desenrolado. Foram acentuadas também informações como o fato de que não precisava ser uma representação humana, podendo ser um animal ou um objeto, dependendo da imaginação de cada um.

Na folha de papel, os participantes foram instruídos a também fazer um rascunho do personagem. Não precisava ser um desenho muito elaborado, apenas um em que fosse possível observar visualmente características como cor do cabelo, cor da pele, cor dos olhos (caso o participante não tivesse lápis de cor, foi instruído a puxar uma setinha e escrever a cor do lado). A atividade possuiu duração de cerca de 40 minutos pelo seu detalhamento.

As características do personagem foram disponibilizadas uma a uma de forma oral, estas estão representadas na sessão de metodologia desta pesquisa e compreende os itens a seguir: 1- Nome; 2- Idade; 3-Necessidade dramática; 4- Personalidade; 5- Pontos fortes (habilidades/superpoderes); 6-Pontos fracos (fraquezas); 7- Maior medo; 8- Livro ou filme preferido do personagem; 9- Hobbies preferidos; 10- Melhor Amigo; 11- O que o personagem mais odeia?; 12- Onde o personagem vive?; 13- A visão do personagem sobre seu papel no mundo; 14- Descrição do personagem em uma frase ou palavra e 15-Exercício *Ticking Clock*: Se o mundo fosse acabar em 24 horas, o que o personagem faria dentro do universo que criou?.

Com a interação entre esses aspectos estruturais de criação com os participantes, muitos registros foram realizados, contendo produções artísticas com muito conteúdo e significados. Na figura 22, apresenta-se um dos exemplos dos muitos personagens registrados em folha de papel na primeira oficina por um dos participantes. O personagem ganhou traços de sua aparência como pode ser visto no desenho de um cavalo, o nome escolhido foi "Vai na Frente da Silva", de 6 anos e que tinha como necessidade dramática, ser levado para a cena.

Além dessas características, o participante ainda deu os seguintes traços ao personagem: forte, protetor e atento, sua habilidade era trotar em ritmo treinado; tinha medo de se machucar por conta dor; seu livro preferido era Dom Quixote, seu *hobbie*

preferido era ver estrelas e seu melhor amigo era o caçula (menino). O personagem odiava aranha, vivia nas ruas do interior de cidades pequenas. No momento de descrever o papel do personagem no mundo, o seu criador descreveu que ele era o narrador do mundo que tem acesso e nem sempre se nota como agente do seu destino. Foi descrito ainda como “aquele por quem tudo passa e a todos toca”.

Assim como os demais criadores, este também refletiu sobre a última questão desta atividade, o que o personagem faria se o mundo fosse acabar em 24 horas. Sendo assim, o cavalo Vai na Frente da Silva trotaria para a plateia mesmo sem ser chamado ou treinado para a cena. Esses resultantes tidos como exemplo de como a atividade foi vivenciada pelo público, podem ser encontrados na figura a seguir em sua forma íntegra como foi compartilhado no grupo de *whatsapp* da oficina:

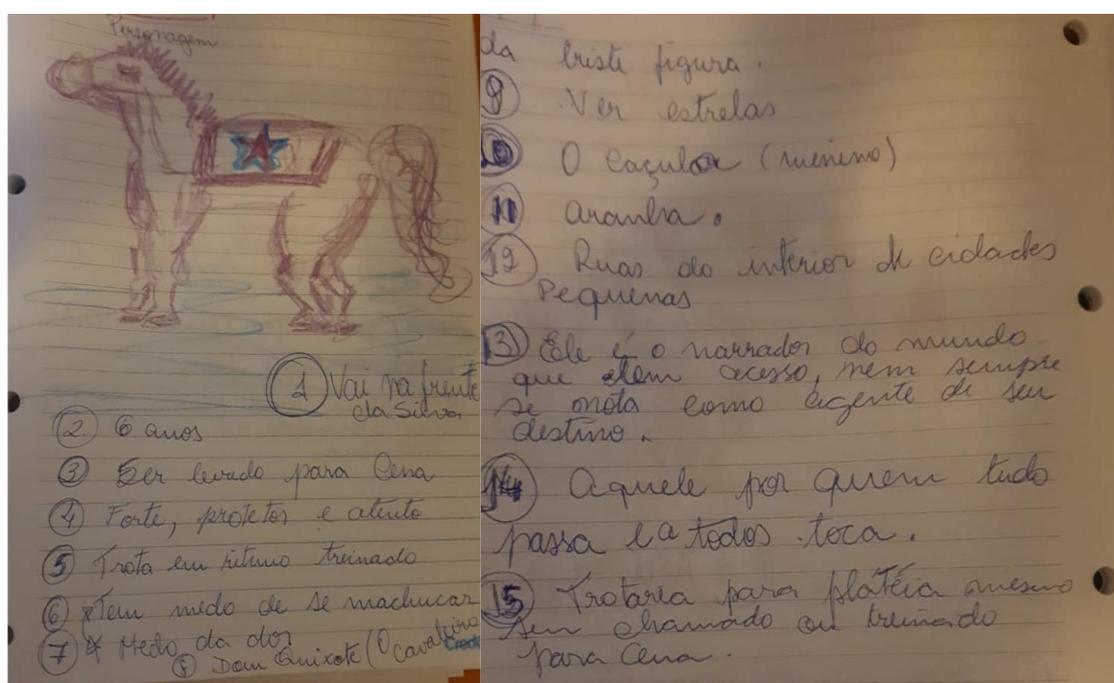


Figura 22: Personagens desenvolvidos por um participante na atividade 5 da oficina piloto

Fonte: Registro pelo participante da 1ª ODNL

Na segunda ODNL, também foi realizada a construção dos personagens com o público, e assim como na primeira, foi possível observar a criação de narrativas potentes e cheias de essência. Em seus processos autorais de criação, muitos personagens surgiram dessa atividade e da imaginação e criatividade, dentre eles, está por exemplo, Clarissa de 14 anos, representada à lápis com seus cachinhos na figura 23.

A personagem construída na 2ª ODNL tinha como motivação no enredo, ter uma biblioteca ou morar em uma, era sonhadora e engraçada e tinha a capacidade

de se teletransportar para o universo dentro de cada livro que lia. Clarissa tinha dificuldade de fazer amigos reais e tinha medo de não conseguir ler mais livros por ter acabado. Sua melhor amiga na história era uma pena tinteiro (também representada no desenho representado ao lado esquerda da personagem na figura 23).

O participante ainda desenvolveu na atividade que sua personagem odiava pessoas que destroem livros, morava no sertão e a frase que a descrevia era: “fujo para dentro dos livros para esquecer a dura realidade que vivo”. Em suas últimas 24 horas de vida, Clarissa, a personagem criada, iria escolher o melhor universo literário que já conheceu e convenceria as pessoas a morarem lá dentro. A produção da forma como foi compartilhada pelo criador, pode ser vista na figura abaixo:

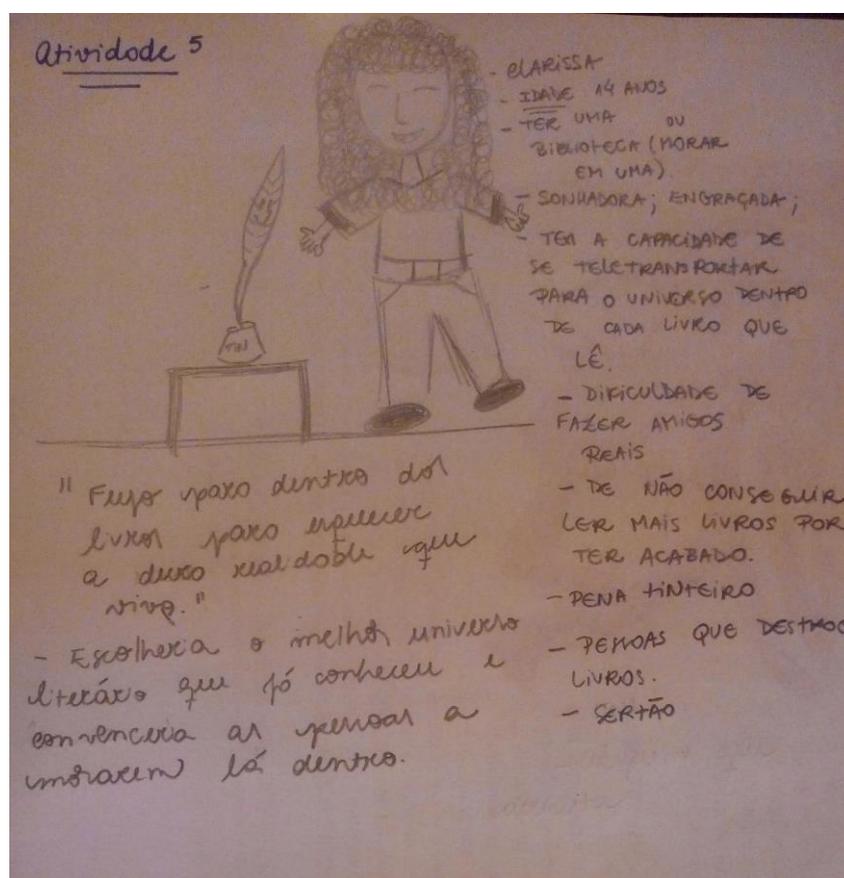


Figura 23: Resultantes da atividade 5 por um participante da 2ª ODNL

Fonte: Registro pelo participante na 2ª ODNL

Sobre a atividade 5 da ODNL, é preciso ressaltar que especificamente na terceira oficina, não foi possível realizar a construção dos personagens de forma síncrona. Com isso, foi realizado a proposta aos alunos de que a fizessem de forma assíncrona quando tivessem tempo. Um material explicativo em que a atividade foi

detalhada lhes foi disponibilizado, além disso, foi oferecido apoio para resolver qualquer dúvida ou conflito.

Acredita-se que devido à dispersão após o término da disciplina, a maioria dos alunos não enviou a quinta atividade. Entretanto, permanece o sentimento de que em algum momento, os participantes possam revisitar o material e experienciar essa parte importante da oficina dialógica de narrativas literárias.

É pertinente destacar que um dos participantes da 3ª ODNL enviou sua atividade depois de algumas semanas da proposta ter sido feita. Inclusive, foi realizada com riqueza de detalhes e características, demonstrando que a produção foi possível, em certa medida, mesmo com dificuldades relatadas por este participante em acessar memórias e sentimentos para fazer a atividade de forma assíncrona.

Dessa forma, na figura 24, o referido participante compartilhou o registro de sua atividade em que criou Carlos Eduardo (Cadu), esboçado à lápis na imagem, com seus 25 anos e que queria viver tranquilo, trabalhar com a terra e ser consciente de suas escolhas políticas e emocionais. Sua personalidade foi descrita como a de um rapaz inteligente, leve, carismático, ético e charmoso, além disso, compreensivo, um pouco ansioso e muito dedicado.

Carlos Eduardo tinha medo de viver em mundo sem cor e sem luz; seu livro preferido era guardiões da galáxia; seus hobbies preferidos incluíam acampar, cozinhar e andar de bicicleta por aí e seu melhor amigo era seu cachorro Charlie. Odiava perder tempo com futilidades e morava no interior de Minas.

A frase que melhor descreve o personagem Cadu está em uma música composta por Almir Sater e Renato Teixeira em 1990: “Ando devagar porque já tive pressa, e levo esse sorriso porque já chorei demais”. A partir da comunicação pós-oficina, se pode compreender que o participante não completou a atividade com as questões do papel do personagem no mundo e o exercício *Ticking Clock* devido dificuldades de compreensão. À vista disso, o conjunto dos atributos do personagem construído, estão dispostos também na figura a seguir:

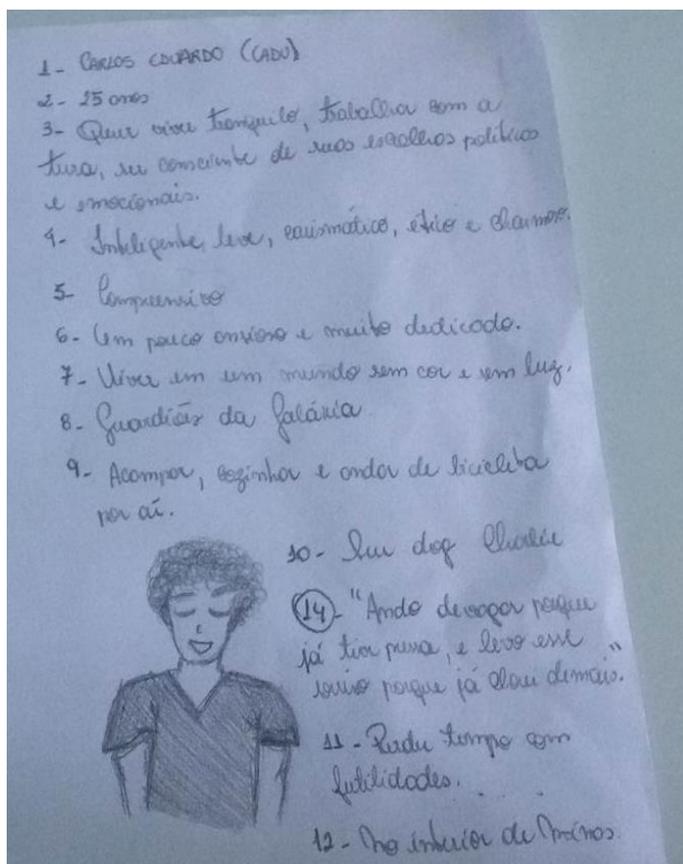


Figura 24: Produção de um dos participantes da 3ª ODNL durante a atividade 5 realizada de forma assíncrona.

Fonte: Registro do participante na 3ª ODNL

Foi possível sentir durante a prática em todas as oficinas que o retorno foi mais eficaz nos momentos síncronos. Entretanto, este aspecto não exclui as potencialidades de atividades que envolvem a ação de reservar um tempo consigo mesmo e expressar-se através da escrita com criações fluídas, em um momento de qualidade de vida e autocuidado.

Sendo assim, a partir das experiências vivenciadas na quinta atividade nas oficinas, ao criar um personagem protagonista, os participantes conseguiram criar histórias complexas e interessantes, já que a atividade continha etapas que construíram pouco a pouco o enredo da narrativa. Prática que unia, sem fragmentações e diferenciações, materiais biográficos e ficcionais do público. Foi um momento em que as potencialidades da ODNL afloraram de uma forma impressionante, com personagens dignos de *best-sellers*.

Dessa forma, evidencia-se o pensamento de De Freitas (2003) que descreve o envolvimento que a ficção promove, desenvolvendo relacionamentos altamente pessoais com os personagens, com a elaboração de vínculos com “o outro imaginado”

(p. 5). A atividade resultou em personagens com muitos detalhes, alguns destes ilustrados no esquema a seguir, de forma sintetizada:



Figura 25: Alguns personagens desenvolvidos pelos participantes durante a atividade 5 das oficinas

Fonte: a autora

Acredita-se que a riqueza desta atividade está envolvida com o fato de os indivíduos serem narradores por essência e a narrativa não ser apenas um método de pesquisa, mas uma parte integral da vida (BOCHNER; RIGGS, 2014; CLANDINEN & CONNELLY, 1989). As histórias constroem o mundo, com isso, se conectam não somente os materiais autobiográficos, como também se pode explorar a potência em criar, em imaginar e em ser criativo.

4.6 AVALIAÇÃO POR FORMULÁRIOS ANÔNIMOS APÓS AS OFICINAS

Após a realização das oficinas, os participantes puderam avaliar, de forma anônima as principais características e desdobramentos da ODNL. Cada uma das questões apresentadas se encontra no apêndice D. Salienta-se sobre a oficina piloto que por ser a primeira oficina realizada com pesquisadores do NEACS que em sua maioria estão envolvidos com as temáticas da abordagem CienciArte e Pesquisa

Baseada em Artes, o formulário de avaliação lhes foi apresentado ainda em sua fase de elaboração, e poderia assim, receber direcionamentos de como aprimorá-lo.

Com isso, na oficina piloto foi possível obter uma avaliação oral logo após a oficina síncrona com o feedback dos participantes sobre as atividades, condução da oficina e como a ODNL poderia ser avaliada. A partir dos comentários, críticas e sugestões foram realizadas algumas modificações nas atividades e formas de apresentá-las a fim de melhorar a prática da oficina, tornando-a mais dinâmica e fluída.

Já na segunda oficina, com participantes, em sua maioria, alunos de CienciArte I da PGEBS, o *feedback* da oficina, tanto ao final do evento de forma oral quanto no preenchimento do formulário de avaliação, foi de forma geral, positivo. Dos pontos principais abordados no formulário *google* (anônimo), a maioria relatou não ter tido problema com a conexão, todos conseguiram acessar a plataforma sem dificuldades e compreenderam bem todas as atividades.

Ressalta-se ainda que, possivelmente, por ser um tópico sensível de sua vivência, um dos participantes relatou no formulário que sentiu desconforto ao relembrar a infância, episódio mencionado anteriormente nas discussões desta pesquisa. Quando questionados sobre as partes que mais gostaram, essas foram algumas das respostas apresentadas no formulário de avaliação:

“Difícil dizer. Todos foram ótimos, mas destaco a atividade 5”

“A última parte! Adoro processos criativos!”

“Recordações de minha infância. Lembrança de minha avó e do surgimento da música em minha vida”

“A Oficina foi inteiramente integrada e gostosa”

Os participantes relataram como foi importante ter aquele momento de compartilhamento de histórias, troca de experiências e memórias, expansão da criatividade e imaginação, entre tantas outras respostas advindas dessa experiência. Nas observações extras, obteve-se os seguintes comentários no formulário:

“Adorei a proposta e a forma como foi conduzida! Continue com o bom trabalho!”

“Talvez uma atividade onde cada um pudesse usar a arte que sabe desempenhar ou expressar.”

“Parabéns pelo trabalho. Foi excelente!”

Essa experiência na 2ª ODNL, além de contribuir com aspectos da pesquisa por ter sido oferecido a oficina para um público majoritariamente composto por professores do ensino básico e ensino médio, também foi uma forma de colaboração entre colegas para avaliar a oficina perante as 13 categorias cognitivas. Ou seja, uma oportunidade de enriquecimento coletivo em que foi possível exercitar as conexões entre as práticas e as categorias do casal Root-Bernstein & Root-Bernstein discutidas na disciplina CienciArte I. Com isso, obteve-se avaliações como demonstrado no gráfico abaixo retirado dos formulários do *Google*:

Abaixo, estão as treze categorias cognitivas promotoras da criatividade, sistematizadas pelo casal Robert e Michelle Root-Bernstein. Marque as categorias que, de acordo com a sua opinião, possam estar contempladas nesta oficina:

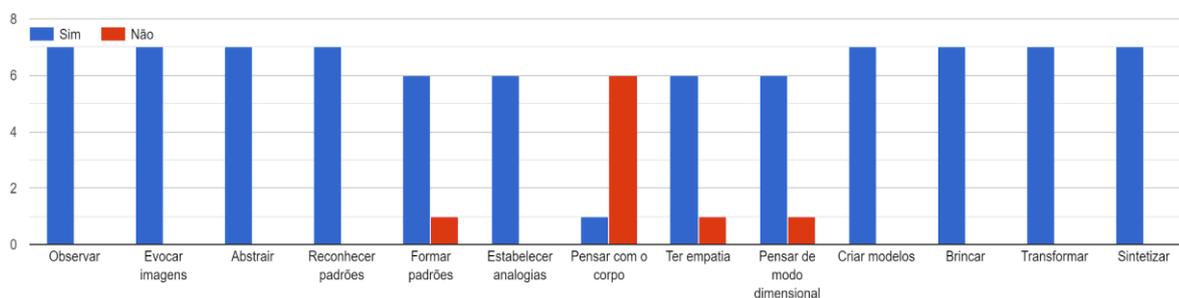


Figura 26: Gráfico gerado através da questão sobre as 13 categorias cognitivas apresentada no formulário de avaliação da 2ª ODNL

Fonte: a autora

Este gráfico representado na figura 26, pôde ser debatido com os participantes e reflexões puderam ser feitas, como por exemplo, no que se refere à categoria “pensar com o corpo”, muito associada a movimentos mais amplos como de dança, por exemplo. Mas pode-se perceber a partir das discussões que as associações feitas poderiam ser expandidas, já que até o movimento da escrita se associaria a tal categoria. Sendo assim, notou-se que em muitos momentos da oficina, naturalmente se pode exercitar o pensar com o corpo.

A partir desta segunda oficina, foi possível realizar a produção de um artigo publicado pela Revista de Educação Pública CECIERJ, em que são utilizados os resultados para a ilustração das possibilidades metodológicas em ensino nos tempos de pandemia COVID-19.

Ademais, a partir das questões desenvolvidas no formulário de avaliação disponibilizado aos participantes pela rede social *whatsapp* de forma individual para serem respondidos de forma anônima, na 3ª ODN também foi possível receber um retorno sobre a realização da oficina de forma geral e em alguns pontos específicos. Importante ressaltar que dos 11 participantes, alcançou-se cinco formulários preenchidos.

Em relação aos aspectos logísticos, com as respostas obteve-se algumas informações: nenhum dos que responderam perderam nenhuma parte da oficina, nem tiveram problemas de conexão que atrapalhassem as atividades. Sobre a utilização do *Google Meet*, a plataforma de webconferência utilizada nesta oficina, uma das pessoas relatou dificuldade em acessar. Dos que responderam, nenhum apresentou falha na compreensão das atividades realizadas.

Percebeu-se que nas perguntas acerca dos sentimentos e sensações promovidos pela oficina, tivemos uma resposta que se distanciou das outras. A maioria se sentiu bem com as atividades e não relatou desconforto. Porém, em um dos relatos, consta que uma das etapas trouxe desconforto por conta de uma série de questões observadas pelo participante. Acredita-se ser essencial trazer tal observação, o fragmento do relato na íntegra sem alterações encontra-se abaixo:

“Sim, por não ter privacidade no ambiente em que estava assistindo a aula, tendo a constante movimentação de pessoas, o que me causou estresse, interferindo na minha concentração, relaxamento e desenvolvimento na oficina. Além de acabar algumas memórias desconfortáveis durante a atividade.”

No relato acima, alguns detalhes chamam atenção, a dificuldade de relaxamento e concentração, aspectos que influenciam diretamente no desenvolvimento das atividades. Infelizmente, um dos participantes teve essa experiência, que servirá de um lembrete para que nas próximas oficinas seja possível atender-se para as movimentações que ocorrem no ambiente de prática. Seguindo o formulário, questionou-se quais atividades ou tópicos mais interessaram os participantes e tivemos as seguintes respostas:

“A dimensão afetiva”

“Dar personalidade a um objeto!!”

“eu gostei do método. Achei bem leve, acolhedor e sensível”

Diante de sugestões para a melhoria nas oficinas, surgiu a de que seria melhor uma mediação sem interferências, possivelmente para a melhor clareza das atividades. E além disso, apareceu uma que preconizava maior antecedência em relação a possíveis assuntos abordados, organização do ambiente e materiais necessários. Acredita-se que as observações se devem, principalmente, pela 3ª oficina ter sido fragmentada e não ter seguido sua cronologia inicial, afetando algumas etapas importantes de comunicação com os alunos.

Para os 5 participantes que responderam a avaliação, a oficina como um todo cumpriu com o que se propôs a fazer, tendo esses participantes inclusive se disposto a divulgá-la para outras pessoas. Desses participantes, 4 consideraram utilizar as narrativas literárias como forma de promover saúde, e 1 participante respondeu “talvez” para essa questão.

Na avaliação, foi disponibilizado um espaço para que se coloquem críticas e sugestões, a maioria não respondeu a esse tópico, mas destaca-se uma das respostas apresentada na íntegra sem alterações, por ser fundamental ao estudo que se tenha retorno sobre cada detalhe que o público tenha percebido sobre a oficina.

“Acredito que essa proposta de atividade seja eficaz, mas é necessária uma avaliação mais pessoal, pois pode acabar trazendo emoções e acabar expondo a vida dos alunos, por ser uma atividade coletiva.”

A partir desta observação, serão realizadas muitas reflexões sobre formas melhores de abordar questões com os participantes, incluindo a possibilidade de preparando-os com antecedência já que tópicos sensíveis podem surgir a partir das práticas. Apesar de ser difícil prevenir todas as possibilidades, já que os exercícios podem tocar quem participa de diversas maneiras.

4.7 AVALIAÇÃO POR MEIO DE CRITÉRIOS DA PESQUISA BASEADA EM ARTES (ABR)

Avaliou-se as práticas da ODNL utilizando critérios de avaliação preconizados por Leavy (2015) no livro *Method Meets Art*. A oficina não foi avaliada com base em todos os critérios apresentados no livro, afinal, como a própria autora salienta, os critérios são distintos para cada projeto, de acordo com os seus propósitos e objetivos, e cada pesquisador pode valorizar e, assim, priorizar critérios diferentes.

Em uma avaliação relacionada à metodologia ABR, preconizada nesta pesquisa, refletiu-se, primariamente, sobre a relevância de envolver este tipo de metodologia nos estudos. À vista disso, se ponderou que a pesquisa baseada em artes foi parte essencial do processo, já que permitiu percorrer muitos caminhos com liberdade de escolhas e intuições de acordo com os movimentos da pesquisa. Afinal, uma das potencialidades da ABR centra-se no desenvolvimento de abordagens holísticas ou sinérgicas da pesquisa (BLUMENFELD-JONES, 2008; COLE; KNOWLES, 2008; LEAVY, 2015).

Dessa forma, foi trabalhado com representações e interpretações dos resultantes da pesquisa científica de variadas formas, como foi no caso do mosaico, em que se conectou os memes/figurinhas/expressões dos participantes nas três oficinas dialógicas de narrativas literárias (Figura 11). Assim como, na escrita livre, no poema a partir do derramamento das memórias e apresentação das criações artísticas.

Ainda segundo as avaliações ABR, revisões sobre a pesquisa científica podem ser feitas com base nas seguintes estratégias: pela obtenção de *feedback* dos colegas, por meio de um diálogo interno ou pelo uso da teoria e da literatura (LEAVY, 2015). Acredita-se que tais movimentos, também bastante alinhados aos referenciais teórico-metodológicos dos estudos, assim como, nas práticas.

Durante a oficina piloto, por exemplo, foi possível apresentar as práticas para cientistas de áreas distintas, alguns destes engajados na Pesquisa Baseada em Artes. Sendo assim, obteve-se retornos essenciais para seguir com o desenvolvimento, amparados também por constante consulta de literatura teórico-prática. Nas palavras de Leavy (2015): “a natureza transdisciplinar da prática baseada em artes, também pode ser útil solicitar feedback especificamente de artistas (profissionais da área artística em que trabalha)” (p 191). Tais movimentos em uma

pesquisa são pertinentes já que objetivam fortalecer as práticas artísticas e o processo de pesquisa científico.

Além do diálogo externo, com o feedback de colegas e participantes, o trabalho envolveu bastante diálogo interno. Inclusive na ABR, é aconselhável que os pesquisadores possam estar em sintonia com seus sentimentos e emoções carnis, psicológicas e intelectuais. Sob esta perspectiva, é possível sentir a diferença da jornada científica quando se caminham para formas integrais de encarar o processo, com olhares múltiplos, mesmo que ainda se esteja ligado em muito da pesquisa científica hegemônica.

Ademais, nos critérios de avaliação ABR, também foi preconizado a tradução dos resultados; este foi um dos principais desafios do estudo: refletir sobre como organizar os produtos das oficinas. Seguramente, a forma como se traduziu pode ser ampliado em trabalhos futuros, porém, para o momento, foi ponderado ser uma forma interessante de apresentar as produções artísticas obtidas por meio da ODNL.

Leavy (2015) abordou em seu livro algumas estratégias criativas para tradução artística; algumas destas foram colocadas em prática neste estudo como a "escrita de derramamento", ou seja, uma escrita livre, em que se explora a experiência artística de forma orgânica, sem tanta preocupação com gramática ou técnicas especializadas, em que se consegue apresentar parte dos resultados das atividades das oficinas.

Outro aspecto essencial ao avaliar a pesquisa foi considerar quais são as suas contribuições para a sociedade, seu potencial de avançar conhecimentos, iluminar, educar, transformar, entre outras possibilidades. Elliot Eisner (2005), inclusive, alertou que a pesquisa ABR é sobre utilidade e não apenas novidade.

Sendo assim, defende-se que esta pesquisa é útil em muitos níveis, o modelo de oficina pode ser utilizado para o ensino e promoção de saúde, tanto em espaços não-formais como também em formais, por professores e outros profissionais que se interessarem em utilizar deste produto como uma forma facilitadora, criativa e evocadora de narrativas literárias.

Em relação à confiabilidade e autenticidade das oficinas dialógicas de narrativas literárias, pode-se perceber que o trabalho ressoa, já que registrou momentos de identificação enquanto o público narrava suas histórias, relatos e visões de mundo. Quando se obteve o conjunto dos personagens criados e com as criações artísticas como um todo, não se pode deixar de perceber aspectos de verossimilhança, ou seja, reflexos de aspectos da sociedade, de situações em comuns

vividas, como é o caso da pandemia covid-19, bastante lembrada pelos participantes nas práticas da ODNL.

Parte da avaliação dentro da ABR envolve a resposta do público; que pode envolver um volume maior de indivíduos, porém, para essa pesquisa, envolveu avaliações anônimas por formulário *google* e também avaliações orais feitas no momento pós-oficina síncrona pelos participantes, em que foram expostos elogios, comentários e agradecimentos sobre as práticas. Os participantes relataram terem se sentido bem ao participarem e este tipo de resposta foi valiosa e impulsionou os estudos na contínua busca por realizar as oficinas da melhor forma possível.

No processo, percebeu-se que as estratégias levariam a resultados complexos e cheios de significados. Trabalhar com esse tipo de material é desafiador e demanda equilíbrio e foco para resgatar e compreender os principais indícios que levariam a respostas associadas à pergunta inicial do estudo que era relativa à contribuição das oficinas para o ensino em biociências e saúde, especialmente para a promoção da saúde. Ressalta-se que essa multiplicidade de significados é também um dos critérios que envolvem a ABR, como pode ser descrito abaixo:

Uma das forças únicas das práticas de ABR é que elas permitem o surgimento de múltiplo significados (em oposição a reivindicações autoritativas que se possam encontrar em pesquisas quantitativas) (...) ao produzir uma multiplicidade de significados, a ABR tem o potencial de promover engajamento profundo, pensamento crítico e reflexão, o que contribui para o impacto final e, portanto, utilidade do trabalho (LEAVY, 2015, p. 195).

Sobre estética, considera-se que a ODNL propicia a criação de um ambiente acolhedor e capaz de emocionar seu público. Sob o ponto de vista de Leavy (2015), o poder estético ou artístico de uma pesquisa está intimamente e indiscutivelmente conectado à resposta do público e, portanto, à sua utilidade. Ao realizar as práticas, observou-se que se conseguiu envolver, conectar, emocionar, despertar empatia e evocar narrativas dos participantes.

Além disso, quando se pesquisa no contexto da ABR, o artista-pesquisador pode imprimir identidade e criatividade nas fases da pesquisa. Acredita-se que durante a construção das oficinas, foi possível encontrar maneiras de se expressar e criar com liberdade, de forma que o trabalho ganhasse identidade própria e autenticidade.

Da mesma forma, salienta-se nesta avaliação, o critério de reflexividade da pesquisa, ou seja, a ação de examinar constantemente sua própria posição na pesquisa, seu esforço, incluindo suas suposições, sentimentos e decisões (LEAVY,

2009). Junto ao diálogo interno, persistem, além dessa incessante busca por um status da pesquisa, incertezas sobre o caminho, hesitação sobre escolhas, entre tantas outras inquietações que fazem parte de ser cientista/artista/pesquisador.

Para finalizar esta avaliação ABR, destaca-se que apesar de ter lançado critérios que discorrem sobre os processos avaliativos, para Leavy (2015) a Pesquisa Baseada em Artes não tem dever de ser linear e seguir normas pré-definidas, afinal, não existe um modelo de como fazer ABR ou como avaliá-lo. Sendo assim, a jornada de pesquisa deve começar de onde estiver e aprender à medida que o caminho é percorrido, confiando na intuição, assumindo riscos, equilibrando os objetivos e acreditando que o trabalho será bom o suficiente para alcançar os seus propósitos. Acredita-se que estes conselhos foram contemplados neste processo de pesquisa.

4.8 ANÁLISE DO QUADRO DAS 13 CATEGORIAS COGNITIVAS PROMOTORAS DA CRIATIVIDADE

O livro Centelha de Gênios, do casal Root-Bernstein, se configura como uma das principais referências teórico-práticas do estudo. Com isso, diante dos resultados, ressalta-se aqui a importância da análise das 13 categorias cognitivas, tanto para avaliação da oficina quanto para reflexões que pudessem levar à expansão tanto da teoria quanto da prática nas oficinas.

Sawada (2014) elaborou sistemas de análise que objetivaram compreender as associações entre as categorias cognitivas (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001) com atividades, práticas, dentre outros movimentos. À vista disso, foi construído o quadro a seguir apresentando a associação entre cada atividade e as categorias, naquelas marcadas com “x” são as que identificaram a presença de determinada categoria.

Quadro Analítico das 13 Categorias Cognitivas (Sawada, 2014)

Atividade → Categoria Cognitiva	Narrativas com figurinhas do <i>whatsapp</i>	Dar vida a algum objeto	Evocação de memórias da infância	Evocação de palavras por meio de imagens	Construção de personagem
1. Observar e	X	x	x	x	

registrar					
2.Evocar imagens	X	x	x	x	x
3. Abstrair	x	x	x	x	x
4. Reconhecer padrões	X	x	x	x	x
5. Formar padrões		x	x	x	x
6. Estabelecer analogias	X	x	x	x	x
7. Pensar com o corpo		x		x	x
8. Ter empatia		x	x	x	x
9. Pensar em múltiplas dimensões			x	x	x
10.Modelar					x
11.Brincar	x	x	x	x	x
12.Transformar	X	x	x	x	x
13.Sintetizar	X	x	x	x	x

Quadro 2: Quadro Analítico das atividades da ODNL segundo as 13 Categorias Cognitivas

Fonte: a autora

Tendo em vista o quadro, a análise geral é de que todas as atividades da ODNL se associaram a muitas categorias cognitivas promotoras da criatividade. Dessa forma, acredita-se ser necessário complementar com algumas observações importantes acerca dessa associação teórico-prática.

A capacidade de observar e perceber imagens em seus detalhes tem muito a ver com atividade de escrita, pois a construção de uma história depende de um aspecto chamado de verossimilhança, ou seja, a capacidade de transmitir uma relação com a realidade. Observar, portanto, é uma forma de pensar, e pensar é uma forma de observar. O objetivo de treinar a observação é ligar a experiência sensorial com a consciência mental da maneira mais íntima possível (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001).

As atividades que continham registro e observação foram essenciais para todo o processo, já que promoveram a maturação e organização de pensamentos do público. Assim sendo, a prática de observação e evocação de palavras através de

imagens pode ser utilizada para muitos fins, assim como para ensinar, já que estimula o pensar, a autonomia e construção de saberes.

Além do mais, geralmente o processo de escrita se relaciona com a evocação de imagens diversas. Imaginam-se cenários, rostos de pessoas, objetos em seus detalhes, se ouvem as palavras mentalmente e então essas vão se combinando, unindo-se às sensações e o texto vai sendo construído e conduzido através desse conjunto de associações sensoriais e emocionais. Tal ferramenta apresenta-se de forma bastante diversificada e depende muito da subjetividade. Cada indivíduo carrega consigo um enorme acervo de imagens das mais variadas e essas vão sendo usadas nas situações e nos processos de criação de forma bastante particular e peculiar (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001).

Ao abstrair, os participantes foram capazes de explorar novos olhares e simplificá-los. Tanto artistas quanto cientistas fazem uso dessa ferramenta em seus processos criativos. Nas palavras exatas dos autores do livro: “Abstrair é, portanto, um processo que começa com a realidade e com o uso de um instrumento para retirar o excesso e, com isso, revelar uma essência crítica, muitas vezes surpreendente” (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001, p. 96).

O conjunto das atividades da oficina envolveu reconhecer e formar padrões, afinal perceber um objeto e então caracterizá-lo segundo suas próprias escolhas e criações, abrange tais habilidades. Assim como reviver memórias e também criar personagens, um processo constante de busca, reconhecimento e estímulo do potencial criador de cada um.

Considera-se também que a ODNL compreende o estabelecimento de analogias, afinal, muitos momentos compreendiam a correspondência do público com aspectos específicos, em que os participantes tinham que usar uma gama de conhecimentos e bagagens para realizar associações e equivalências.

Por outro lado, a categoria de pensar com o corpo nem sempre é associada à atividade de escrita e de narrar, já que principalmente envolve movimentos corporais e a capacidade de aprender a partir destes. Entretanto, a escrita manual envolve movimento e este é um dos principais momentos de aprendizagem da vida. Por isso mesmo, nas oficinas, foi priorizado, para além da narração oral, a escrita em papel.

Para os pesquisadores Michele e Robert, a compreensão sobre as questões do mundo passa a ser mais completa quando, os indivíduos conseguem por alguns momentos deixar de ser o que são para se transformarem no que querem

compreender melhor. Ou seja, essa habilidade de empatia permite ampliar a imaginação.

Ao se transportarem para a vida de um objeto ou para a de um personagem que está sendo criado na oficina, a ideia é que ocorra o aprofundamento na forma como estes pensam e sentem. Com isso, se permite também, compreender a si mesmo, se conhecer melhor. No livro *Centelha de Gênios*, os autores trazem relevantes reflexões a respeito deste tema:

A empatia não é simplesmente um conceito psicológico. Cada personagem fictício que possui um toque de autenticidade foi criado por um escritor que pôde, através de sua imaginação, viver tão profundamente a experiência desse personagem que conseguiu dar-lhe vida também aos olhos do leitor. A literatura, constatamos repentinamente, fornece um rico recurso para liberar a imaginação do aluno, uma realização necessária se a habilidade da empatia tiver de ser desenvolvida (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001, p. 182).

Diante da diversidade dos materiais derivados das oficinas, acredita-se que os pensamentos abrangeram múltiplas dimensões, porque cada participante trouxe visões diferentes de mundo. Muitas destas equivalentes, porém cada uma carregada de singularidade e autenticidade. Estas características puderam ser vistas quando os participantes modelaram na atividade 5, em que os traçados e desenhos de seus personagens eram únicos e puderam ser ferramentas de planejamento e projeção de suas histórias.

Nesta análise, considera-se “brincar” uma categoria capaz de estar presente em cada uma das atividades propostas. Durante as oficinas, em muitos momentos, foi possível brincar, com humor, sem apego a regras ou normas rígidas, apenas vivenciando a alegria de estar em um espaço não formal em que se poderia compartilhar narrativas, memórias e visões de mundo com liberdade.

Certamente, as categorias transformar e sintetizar se encontram presentes e essenciais nas oficinas dialógicas de narrativas literárias. Já que a possibilidade de combinar formas e diversas integrações promoveu percepções criativas durante todo o processo que envolveram as etapas da prática.

Ao observar uma imagem, é possível transformá-la em uma palavra, a partir das associações e percepções. Ao criar personagens, se consegue inseri-lo em um cenário também pensado de forma original e então transformar tudo aquilo em uma narrativa verossímil; isso é de certa forma uma transformação mágica, que dependerá muito das habilidades imaginativas e criativas de cada um. Pode-se transformar e

sintetizar memórias, cheiros, imagens, sons, tudo em algo escrito, em uma história que se pode contar ao mundo (ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEIN, 2001).

E como relatado no livro “Centelha de Gênios”, o processo de transformação estimula a percepção e amplia a visão de mundo, e com isso a forma como são utilizadas as ferramentas para pensar. Durante as oficinas, foi exequível estimular e potencializar as habilidades transformadoras e sintetizadoras, por meio do exercício da escrita e compartilhamento de narrativas, a partir das bagagens e memórias dos participantes.

4.9 PERSPECTIVAS DA PESQUISA

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados pela pandemia de COVID-19 (Mello & Gomes, 2021). Assim, abre-se uma nova perspectiva de aplicação da ODNL de forma presencial para o pós-pandemia. Nesse sentido, pretende-se realizar essas oficinas presenciais como parte do projeto de doutorado, para públicos mais amplos, já que, dentre outras questões, devido às desigualdades digitais e dificuldades de manejo digital podem não conseguir ter acesso a uma oficina virtualizada.

De forma criativa e lúdica, com ABR e CienciArte, almeja-se promover o mesmo processo de maneira presencial, o que terá dentre seus objetivos a realização de ações de promoção e educação em saúde por meio das Oficinas. Ademais, testar a ODNL em uma aplicação de maior duração, buscando compreender a eficácia de novas formas de promover tal experiência com o público alvo.

Nesse “novo” contexto, serão incluídas às oficinas, as dos demais estudantes da PGEBS e do Grupo de Pesquisa (NEACS). Pretende-se ainda integrar todas essas oficinas em um “cardápio” de várias oficinas de CienciArte a serem ofertadas a públicos cada vez mais diversos, exatamente como preconiza a ABR.

Além do mais, objetiva-se continuar com a divulgação da pesquisa em produções acadêmicas, eventos e outras oportunidades. Dessa forma contribuindo para o enriquecimento de conhecimentos acerca da articulação entre a abordagem CienciArte, a Pesquisa Baseada em Artes e o ensino em biociências e saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou a ocupação de cientista e artista, pesquisadora e escritora, sendo assim, pode-se vivenciar uma investigação viva e dinâmica. Assim como toda pesquisa, desafios foram lançados, porém valorizando as intuições, emoções, experimentações, foi possível seguir com o caminho do estudo, aprendendo a cada passo. Afinal, CienciArte funde a compreensão subjetiva, sensorial, emocional e pessoal com a compreensão objetiva, analítica, racional e pública, assim como ocorre nas pesquisas baseada em artes.

Certamente, poder trabalhar com as narrativas literárias proporcionou leveza e paixão a esta jornada, já que se tratava de uma abordagem com potencial evocativo, emocional, esclarecedor, educacional e transformador. Revisitar os resultados com seus múltiplos significados só estabeleceu como a pesquisa foi significativa para os participantes das oficinas, assim como para novos avanços no campo das biociências e saúde.

As narrativas literárias mostraram-se como uma forma cativante de pensar, produzir e estimular a promoção da saúde; estas se apresentaram como integrantes da essência dos participantes e sendo assim, foi possível envolvê-los nas práticas, emocioná-los, resgatar memórias, estimular a criatividade e imaginação e estimular a criação e compartilhamento de narrativas.

A partir da ODNL, foi proposto um conjunto de ações, em que se conseguiu explorar muitas áreas de conhecimento e aspectos da vida humana. Sendo assim, incorporando perspectivas, tanto individuais quanto coletivas, que permeiam a busca por bem-estar e qualidade de vida, impulsionou-se redes de aprendizagens e conexões interessantes e significativas.

Ademais, na adaptação para o modelo virtualizado, se conseguiu abranger conhecimentos e ter acesso a uma série de possibilidades tecnológicas que auxiliaram o estudo. Percebeu-se como recursos tecnológicos podem ser utilizados para ensinar de forma criativa e inovadora, além de facilitar o acesso da pesquisa para os indivíduos. Entretanto, devido às desigualdades digitais presentes no Brasil, tais recursos não estão disponíveis para a população de forma democrática.

Diante do conjunto das experiências teóricas e práticas, acredita-se no papel desta pesquisa em iluminar, ensinar e transformar. As oficinas dialógicas de narrativas literárias podem ser utilizadas como estratégias de ensino, promoção de saúde,

crescimento intelectual e emocional, por profissionais de saúde, professores, artistas, pesquisadores, entre outros.

Almeja-se poder ter a oportunidade de ofertar esta oficina para os mais diversos públicos, não somente no modelo virtualizado, assim como no presencial, a fim de explorar seu potencial em promover saúde e qualidade de vida dos participantes, construindo junto a estes espaços acolhedores que propiciam o bem-estar e o florescimento de histórias, narrativas e afetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABMA, T. A.; COOK, T.; RAMGARD, M.; KLEBA, E.; HARRIS, J.; & WALLERSTEIN, N. Social impact of participatory health research: collaborative non-linear processes of knowledge mobilization. **Educational action research**, v. 25, n. 4, p. 489-505, 2017.

AGUIAR, A. B. **Pesquisa Educacional Baseada em Artes: Experiências Artísticas**. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

ARAÚJO-JORGE, T. C. (org.). **Ciência e Arte: caminhos para a inovação e criatividade**. In: *Ciência e Arte: Encontros e Sintonias*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

ARAÚJO-JORGE, T.C.; BARBOSA, H.S; OLIVEIRA, R.L. (orgs.) **Uma escola para a ciência e a saúde. 111 anos de ensino no Instituto Oswaldo Cruz**. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

ARAÚJO-JORGE, T. *et al.* Ciênciarte no instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiência na construção de um conceito interdisciplinar. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 2, São Paulo, abr./jun 2018.

ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ASSIS BRASIL, L. A. **Histórico das oficinas literárias**. Disponível em: <<http://www.laab.com.br/oficina.html>>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

_____. **Oficina de criação literária: o experimentalismo do texto**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 23, p. 141-148, 1988. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/16972/11002>>. Acesso em: 21 de novembro de 2020.

_____. Oficina Literária: um lugar na escola. **Revista Onda Jovem**, São Paulo, n. 18, p. 32-35, 2010. Disponível em:<<http://www.ondajovem.com.br/acervo/18/oficina-literaria>>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.

BANKS, S. P. **Writing as theory: In defense of fiction.** In J. G. Knowles & A. L. Cole (Eds.), *Handbook of the arts in qualitative research* (pp. 155–164). Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação.** Tradução Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002.

BARBIER, R. L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé. In: **Conférence à l'Ecole Supérieure de Sciences de la Santé-[http://www. saude. df. gov. br](http://www.saude.df.gov.br) Brasilia.** 2002.

BARBOSA-LIMA, M. C. Literatura e Arte no ensino de Ciências: a formação de professores para alunos com deficiências visuais no Ensino Fundamental. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 2, p. 718-729, 2020.

BARROS, M.D.M. **O Uso Da Música Popular Brasileira Como Estratégia Para O Ensino De Ciências.** Rio de Janeiro. Tese (doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Ensino em Biociências e Saúde, 2014.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BERGO, G. **Ciência, Música e Ambiente: Experiências e estratégias transdisciplinares no ensino básico integral modelo GEO (Ginásio Experimental Olímpico).** 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde)-Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

BJORKVOLD, J. **Música, Inspiração e Criatividade: Uma Linguagem Universal.** Editora Summus. 1ª Edição. 2018.

BLACKMORE, S. *The Meme Machine.* Oxford; New York. **Oxford University Press**, 1999.

BLUMENFELD-JONES, D. **Dance, choreography, and social science research.** In J. G. Knowles & A. L. Cole (Eds.), *Handbook of the arts in qualitative social science research* (pp. 175–184). Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.

BOCHNER, A. P.; RIGGS, N, A. **Practicing narrative inquiry.** In P. Leavy (Ed.), *Oxford library of psychology. The Oxford handbook of qualitative research* (pp. 195-222). US: Oxford University Press New York, NY, 2014.

BONI, V; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** Vol. 2 nº 1 (3),p. 68-80, 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. In: **ANAIS DA VIII CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE**, Brasília, 1986. Anais, Brasília, 1987. Disponível em:<http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf_nac_anais.pdf> Acesso em 14 de abr. de 2021.

BUSS, P. M. Health promotion and health education at the School of Governance in Health, National School of Public Health, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, v.15, supl.2, 5177-85, 1999.

BUTLER-KISBER, L. **Qualitative inquiry: Thematic, narrative and arts-informed perspectives**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2010.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013.

CAMPOS, M.V. **Alegria Para a Saúde: A arte da palhaçaria como proposta de tecnologia social para o Sistema Único de Saúde**. Tese de doutorado Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: 2009.

CANDEIAS, N. M. F. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. **Rev. Saúde Pública**, v. 31, p. 209-213, 1997.

CÂNDIDO, P. T. **Olhares que sentem e pensam: a arte como potência na formação de professores que ensinam matemática**". (2019). Tese (Doutorado em Artes). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2019.

CAPRA, F. **Vivendo Redes**. In: DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. (org.) O tempo das redes. São Paulo: Perspectiva, p.17-29, 2008.

CARTA DE OTTAWA. **PRIMEIRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE**. Ottawa, novembro de 1986. [s.l.]: , [s.d.]. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf>. Acesso em 14 de abril. 2021.

CASTRO, C. S. **O cinema de ficção científica para além das fronteiras disciplinares: construindo saberes interconectados em práticas docentes**. 2018. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde)-Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

CLANDININ, D, J.; CONELLY, F, M. **Narrative and story in practice and research.** In: SCHÖN, Donald. (Ed) *The reflective turn: Case studies in and on educational practice.* New York: Teachers College Press, , p. 258-281, 1991.

_____. **Narrative and Story in Practice and Research.** Eric, 1989.

COHN, D. **The distinction of fiction.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000.

COLE, A. L.; & KNOWLES, J. G. **Arts-informed research.** In J. G. Knowles & A. L. Cole (Eds.), *Handbook of the arts in qualitative research: Perspectives, methodologies, examples, and issues* (pp. 55–70). Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.

COSER, L. A. **Sociology through literature: An introductory text.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1963.

COSTA, M.A.; COSTA; M.F.B. ANDRADE, V.A. Caminhos (e descaminhos) dos objetivos em dissertações e teses: um olhar voltado para a coerência metodológica. **Revista Praxis** , v. 6, n. 11, 2014.

CZERESNIA, D. The concept of health and the difference between promotion and prevention. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, p.39-53, 2003.

CZERESNIA, D.; MACIEL, E, M, G, S.; OVIEDO, R, A, M. **Os sentidos da saúde e da doença.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 119. 978-85-7541-433-0, 2013.

DE FREITAS, E. **Bad intentions: Using fiction to interrogate research intentions.** *Educational Insights*, v. 12, n. 1, 2008. Disponível em: <www/ccfi.educ.ubc.ca/publication/insights/v12n01/articles/defreitas/index.html> Acesso em 3 de março de 2021.

_____. **Reclaiming rigour as trust: The playful process of writing fiction.** In A. L. Cole, L. Neilsen, J. G. Knowles, & T. C. Luciani (Eds.), *Provoked by art: Theorizing arts-informed research* (pp. 262–272). Halifax, Nova Scotia, Canada: Backalong Books, 2004.

_____. Contested positions: How fiction informs empathetic research. **International Journal of Education and the Arts**, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <www.ijea.org/v4n7> Acesso em 3 de março de 2021.

DE SOUZA, C. M. P.; PEREIRA, J. M.; DE JESUS RANKE, M. C. Reflexos da pandemia na evasão/abandono escolar: a democratização do acesso e permanência. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 5, p. e10844-e10844, 2020.

DE SOUZA PRAIS, J. L. & DA ROSA, V., Flor. Nuvem de palavras e mapa conceitual: estratégias e recursos tecnológicos na prática pedagógica. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 28, n. 1, p. 201-219, 2017.

DESLAURIERS, J.P. **Recherche qualitative: guide pratique**. McGraw-Hill,, 1991.

DIAS, B. **A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução**. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2013.

DIAS, B. & IRWIN, R.L. **Pesquisa educacional baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora Ufsm, 2013.

DIEDERICHESEN, C. R. **Pesquisar com a Arte: devir-pesquisa, devir-arte**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

EAKIN, J. M.; MACLEAN, H. M. A critical perspective on research and knowledge development in health promotion. **Canadian journal of public health= Revue canadienne de sante publique**, v. 83, p. S72-6, 1992.

ERNST, R. **Societal responsibility of universities, wisdom and foresight leading to a better world**. In M. A. Somerville & D. J. Rapport (Eds.), Transdisciplinarity: ReCreating integrated knowledge (pp. 121–136). Oxford, UK: EOLSS Publishers, 2000.

ESCALANTE, P. R. P. **O potencial comunicativo dos memes: formas de letramento na rede digital**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ESTEVIÃO, A. P. S. S. **História em quadrinhos no ensino de química como estratégia didática para abordagem do tema "lixo eletrônico"**. 2017. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde)-Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

FALCÃO, M. **100 exercícios de escrita criativa – volume 1 iniciantes**. Ebook Kindle, 2017.

FERNANDES, V. C.; SPAGNUOLO, R. S. Construção de práticas emancipatórias com conselheiros de saúde por meio de oficinas educativas e mapas conceituais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 387-398, 2021.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, F, R. Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 1, p. 261-280, 2010.

FIGUEIRA-OLIVEIRA, D.; RODRIGUEZ, L. D. L. R.; DE MEIRELLES, R. M. S. Ciência e arte: um “entre-lugar” no Programa de Pós- Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 9, n. 17, 31 jul. 2012.

FINLEY, S. **Arts-based research**. In J. G. Knowles & A. L. Cole (Eds.), *Handbook of the arts in qualitative research: Perspectives, methodologies, examples, and issues* (pp. 71–81). Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.

FORTUNA, D. B. S. **Prospecção de materiais educativos impressos sobre saúde no Instituto Oswaldo Cruz e desenvolvimento de metodologia para avaliação de materiais através de oficinas criativas de fanzines e quadrinhos**. 2017. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde)-Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

FRANKLIN, R. **A thousand darknesses: Lies and truth in Holocaust fiction**. New York: Oxford University Press, 2011.

FREIRE, P. 1973. **Extension or Communication**. In *Education for Critical Consciousness*, New York: The Seabury Press .Disponível em: <<http://www.seedbed.org/wp-content/uploads/2013/09/Freire-Extension-or-Communication.pdf>.> Acesso em 30 de novembro de 2020.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, M. T. A. Computador/Internet como instrumentos de aprendizagem: uma reflexão a partir da abordagem psicológica histórico-cultural. Em: 2º Simpósio de Hipertexto e Tecnologias na Educação: Multimodalidade e Ensino (Org.), **Anais Eletrônicos Recife**, PE: UFPE, 2008.
- _____. A perspectiva vigotskiana e as tecnologias. **Revista Educação - História da Pedagogia**, 58-67, 2010.
- GAGLIAN, D. **A literatura como remédio: Os clássicos e a saúde da alma**. 1ª ed. Editora Martin Claret, São Paulo, 2017.
- GALVANI, V. M. **Uma nova lente para o professor: Potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.
- GALVÃO, C. Narrativas em Educação. **Ciênc. educ.** (Bauru), Bauru, v. 11, n. 2, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132005000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: mar. de 2021.
- GENETTE, G. **Fronteiras da narrativa In Análise estrutural da narrativa**. Vozes: Rio de Janeiro, 1971.
- GERBER, N.; TEMPLETON, E.; CHILTON, G.; COHEN LIEBMAN, M.; MANDERS, E.; SHIM, M. Art-based research as a pedagogical approach to studying intersubjectivity in the creative arts therapies. **Journal of Applied Arts and Health**, v. 3, n. 1, p. 39-48, 2012.
- GOHN, M, G. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. Fac. Educação/Unicamp. Investigar em Educação – II Série, Número 1, 2014.
- _____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Rio de Janeiro: **Revista Ensaio-Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 11-25, 2006.
- HENRIQUES, E. M. de O.; FONTOURA, H. A. da. Leitura como formação, formação como leitura: processos narrativos/formativos em questão. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 20, n. 42, p. 345–361, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view>. Acesso em: 20 fev. 2021.

HORTON, R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. Amsterdam: **The Lancet**, v. 396, n. 10255, p. 874, September 26, 2020. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext)>. Acesso em: 28 mar. 2021.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOWLAND, J. L.; JONASSEN, D. H., & MARRA. **Meaningful learning with technology**. Upper Saddle River, NJ: Pearson, 2012.

JONES, K. A biographic researcher in pursuit of an aesthetic: The use of arts-based (re)presentations in “performative” dissemination of life stories. **Qualitative Sociology Review**, 1(2), 2006. Disponível em: <www.qualitativesociologyreview.org/ENG/index_eng.php>. Acesso em 25 de março de 2021.

IRWIN, R. *et al.* **A/r/tography: rendering self through arts-based living inquiry**. Vancouver: Pacific Education Press, 2004.

JUNQUEIRA, M. L. *et al.* A Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e a música. **Revista da ABEM**, v. 26, n. 41, pp. 21-39, 2018.

KIDD, D. C., & CASTANO, E. Reading literary fiction improves theory of mind. **Science**, v. 342, n. 6156, p. 377-380, 2013.

KLASS, P. Why handwriting is still essential in the keyboard age. **New York Times**, v. 20, 2016.

LABOV, W. Narrative pre-construction. **Narrative inquiry**, v. 16, n. 1, p. 37-45, 2006.

LEAVELL, S. & CLARCK, E.G. **Medicina Preventiva**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

LEAVY, P. **Method Meets Art, First Edition: Arts-Based Research Practice**. Guilford Press, 2009.

_____. **Fiction as research practice: Short stories, novellas, and novels**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

_____. **Method Meets Art, Second Edition: Arts-Based Research Practice.** Guilford Press, 2015.

LEMKE, J. L. Investigar para el futuro de la educación científica: nuevas formas de aprender, nuevas formas de vivir. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 24, n. 1, p. 5-12, 2006.

LEVITIN, D. J. **A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LONGCAMP, Marieke et al. Neuroanatomy of handwriting and related reading and writing skills in adults and children with and without learning disabilities: French-American connections. **Pratiques. Linguistique, littérature, didactique**, n. 171-172, 2016.

MACEDO, R.; M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 34, p. 262-280, 2021.

MAGAVE, J. Pena. **O que acontece com a pesquisa quando a Arte toma a frente? Potencialidades da Pesquisa Baseada em Arte.** Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

MAGALHÃES. S. **O processo criativo dos desenhistas de humor à luz das treze categorias cognitivas de Robert Root-Bernstein & Michele Root-Bernstein.** Dissertação de Mestrado. Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

McNIFF, S. **Art-Based Research.** London: Jessica Kingsley Publisher, 1988.

_____. Artistic expressions as primary modes of inquiry. **British Journal of Guidance and Counselling**, v. 39, n. 5, p. 385-396, 2011.

_____. Opportunities and challenges in Art-Based Research. *Journal of Applied Arts & Health*, vol. 3, n. 1 pp. 5-12(8), 2012.

_____. Philosophical and practical foundations of artistic inquiry: Creating Paradigms Methods, and Presentations Based in art. In P. Leavy (Ed.), *Handbook of arts-based research* (pp. 22–32). New York: **The Guilford Press**, 2018.

MELLO, M. L.; GOMES, R. F. R. Introdução. In: MELLO, M. L.; GOMES, R. F. R. (org.). **Memórias de uma pandemia no século XXI: quando arte, saúde e cultura se encontram.** Curitiba: CRV, 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. A. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 511-518, 2006.

MISHLER, E. G. Validation in inquiry-guided research: The roles of exemplars in narrative studies. **Harvard Educational Review**, v. 60, p. 415-442, 1990.

MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EdufRN, v. 30, 1999.

NAVA, P. **Baú de ossos (Memórias/1)**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

NORRIS, J. Towards the use of the “Great Wheel” as a model in determining the quality and merit of arts-based projects (research and instruction). **International Journal of Education and the Arts**, v. 12, p. 1-24, 2011.

NUTBEAM, D., 1996. “**Glosario de Promoción de la Salud.**”. In Promoción de la Salud: una antología . Publicación Científica nº 557. OPAS, Pp. 393-403, 1996.

OLIVEIRA, C; MOURA, S, P. **TIC’s na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno**. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/11019>>. Acesso em: 07 de Setembro de 2020.

OREILLY, T. What is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. **Communications & Strategies**, First Quarter, n. 1, p. 17, 2007. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=100883 Acesso em 10 de março de 2021.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F., H., P. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Braz. J. Psychiatry**. v. 42, n. 3, p. 232-3, 2020.

PAIVA, M. R. F. *et al.* Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. SANARE- **Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 2, 2016.

PALLOFF, R. M., & PRATT, K. **Building learning communities in cyberspace**. San Francisco: Jossey-Bass, 1999.

PASSINI, P. Teatr animacji. Wprawki do manifestu. In: PASSINI, Paweł. **O polskim teatrze lalek – w Szczecinie** (Tradução: Cia. Das Tradução Ltda). Szczecin: Sn, 2015.

PASSOS, V. **Ebook 100 exercícios de escrita criativa para você desbloquear e começar a escrever**. Projeto Pintura das Palavras, 2020.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria Democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PELIAS, R. J. **A methodology of the heart: Evoking academic and daily life**. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2004.

PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. Dicionário da educação profissional em saúde. 2.ed. **rev. ampl.** Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

PORTO, C. P. Narrativas Memorialísticas: Memória e Literatura. **Revista Contemporânea de Educação** N^o 12 – agosto/dezembro de 2011.

REZENDE, M. O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas. **Texto livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 9, n. 1, p. 94-107, 2016. <https://doi.org/10.17851/1983-3652.9.1.94-107>

RICHARDSON, L. **Skirting a pleated text: De-disciplining an academic life**. *Qualitative Inquiry*, v. 3, p. 295-304, 1997.

_____. **Alternative ethnographies, alternative criteria**. In L. Nelson, A. L. Cole, & J. G. Knowles (Eds.), *The art of writing inquiry* (pp. 2502–2552). Halifax, Nova Scotia, Canada: Backalong Books, 2001.

ROLDÁN, J. & VIADEL, R. M. **Metodologías artísticas de investigación en educación**. Malaga: Aljibe, 2012.

ROOT-BERNSTEIN, R., ROOT-BERNSTEIN, M. **Centelhas de Gênios: Como pensam as pessoas mais criativas do mundo**. São Paulo: Nobel, 2001.

ROOT-BERNSTEIN, R., SILER, T., BROWN, A., SNELSON, K. ArtScience: Integrative Collaboration to Create a Sustainable Future. **Leonardo**, v. 44, n. 3, p.192, 2011.

ROSA, G. A última entrevista de Guimarães Rosa. **Revista Bula: Literatura e Jornalismo Cultural**, Brasília; Goiânia, 1966. Disponível em [<http://www.revistabula.com/383-a-ultima-entrevista-de-guimaraes-rosa/>] Acesso em: 12 ago. 2021.

SAARNIVAARA, M. **Art as inquiry: The autopsy of an [art] experience**. *Qualitative Inquiry*, v. 9, n. 4, p. 580-602, 2003.

SABOYA, J. **Manual do Autor Roteirista: Técnicas de roteirização para a tv**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

SABROZA, P.C. **Saúde Pública: procurando os limites da crise**. Rio de Janeiro: Ensp. Fiocruz, 1994. (Mimeo.), 1994.

SALDAÑA, J. Playwriting with data: Ethnographic performance texts. **Youth Theatre Journal**, v. 14, p. 60-71. 1999.

SAWADA, A. C. M. B. **A disciplina de Ciência e Arte no IOC e a criatividade dos egressos através de seus trabalhos finais**. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde)- Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

SAWADA, C, M, B.; FERREIRA, F, R.; ARAÚJO-JORGE, T, C. Cienciarte ou ciência e arte? Refletindo sobre uma conexão essencial. **Revista Educação Artes e Inclusão**, v. 13, n. 3, 2017.

SHIRKY, C.A. **Cultura da Participação: Criatividade e Generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SINNER, A.; LEGGO, C.; IRWIN, R.; GOUZOUASIS, P., & GRAUER, K. Arts-based education research dissertations: Reviewing the practices of new scholars. **Canadian Journal of Education**, v. 29, n. 4, p. 1223-1270, 2006.

SIQUEIRA, Y. P. B. **Oficina literária de escrita criativa**. 2016. Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, PPGL, 2016.

SNOW, C. P. **As duas culturas e uma segunda leitura: uma versão ampliada das duas culturas e a revolução científica**. São Paulo: EDUSP, 1995.

THOMPSON, H., & VEDANTAM, S. **A lively mind: Your brain on Jane Austen**. NPR Health Blog, 2012. Disponível em: <www.npr.org/blogs/health/2012/10/09/162401053/a-lively-mind-your-brain-on-jane-austen.html>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2021.

TURNER, M. *The literary mind: The origins of thought and language*. New York: **Oxford University Press**, 1996.

VAN DE VEN, A. H.; JOHNSON, P. E. Knowledge for theory and practice. **Academy of management review**, v. 31, n. 4, p. 802-821, 2006.

VASCONCELOS, S. M. F. **História de vida e genealogia: categoria narrativa específica em busca do tempo perdido...**In *Linha d'Água*, n. 24 (2), p. 313-328, 2011.

VASCONCELLOS-SILVA, P. & ARAÚJO-JORGE, T. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. **CIAIQ2019**, v. 2, p. 41-48, 2019.

VASCONCELLOS, S. T. **Entre {dobras} lugares: Da pesquisa na formação de professores de artes visuais e as contribuições da pesquisa baseada em arte na educação**. 2015. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

VEIGA-NETO, A. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109337, 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução: Prestes, Z. R. São Paulo: Ática, 2009.

WALDOW, V. R. Uma experiência vivida por uma cuidadora, como paciente, utilizando a narrativa literária. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 20, n. 4, p. 825-833, 2011.

WASZKIEL, H. Teatro de formas animadas. **Móin-Móin-Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**, v. 2, n. 21, p. 208-221, 2019.

WASSERMAN, S & FAUST, K. **Social network analysis: Methods and applications**. University of Illinois Wasserman, Urbana-Champaign, 1994.

WELLMAN, B. An electronic group is virtually a social network. **Culture of the Internet**, v. 4, p. 179-205, 1997.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV)**, 30 jan., 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second->

meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov). Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

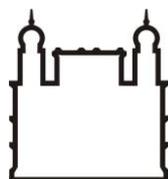
WORLD HEALTH ORGANIZATION **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic** [internet]. Genebra: OMS [internet]. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.> Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad Saúde Pública**, v. 36, n. 5, 2020.

YORKS, L., & KASL, E. I know more than i can say: A taxonony for using expressive ways of knowing to foster transformative learning. **Journal of Transformative Education**, v. 4, n. 1, p. 43-64, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(de acordo com as Normas das Resoluções CNS 466, de 12 de outubro de 2012 e CNS/MS nº 510, de 07 de abril de 2016)

Você está sendo convidado (o) a participar da pesquisa intitulada “Promoção da Saúde por meio de CienciArte: Oficinas dialógicas de narrativas literárias”. A pesquisa se dará sob a responsabilidade do pesquisador Doutor Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello e da pesquisadora mestranda Adrielle Macêdo Fernandes da Silva

A) Justificativa da pesquisa – De modo a contribuir para a popularização científica, se faz necessária a ampliação de estratégias que permitam abranger o diálogo e conectar os indivíduos com esse bem que é de todos e para todos, a ciência. Este projeto visa explorar expressões artísticas com ênfase nas narrativas a fim de percorrer caminhos que unem ciência, arte e a promoção da saúde.

B) Objetivos da pesquisa - Investigar a contribuição das expressões artísticas, principalmente as narrativas literárias, para a discussão e problematização de temas inerentes à área da saúde, dentro da esfera de saúde pública e promoção da saúde, principalmente no contexto atual (Pandemia Covid-19). Além de analisar se essa abordagem, através de oficinas virtuais, proporcionará bem-estar, estímulo à criatividade, autoestima e acolhimento aos participantes.

C) Procedimentos - Sua colaboração nesta pesquisa será ativa, 100% online, e consistirá em: participar da oficina e realizar atividades (Como evocação de memórias, observação e percepções de imagens, interação no grupo de whatsapp da oficina, criação literária, entre outras formas de envolver através das narrativas literárias), responder a questionários (formulário de inscrição e sondagem, questionário de avaliação da oficina) e entrevistas. As entrevistas poderão ser gravadas /registradas em vídeo, ressalta-se que será solicitado a autorização de fotografia e filmagem. As entrevistas objetivam investigar os benefícios da oficina para os participantes, além disso, almeja-se guiar esse momento enfatizando a história de vida do participante, destacando períodos de sua trajetória ligados à saúde (Conceito ampliado), serão confidenciais e transcritas para fins de avaliação do potencial da oficina a partir da experiência dos participantes. O tempo total previsto de participação dos interessados é em média de quatro horas síncronas (Encontros por videoconferência) e cerca de três horas assíncronas, de acordo com sua disponibilidade, sendo este tempo subdividido

em 2 encontros de duas horas cada e mais alguns minutos para cada atividade assíncrona realizada totalizando por volta de três horas. Prezamos pela flexibilidade, de forma nenhuma queremos sobrecarregar a semana, por isso mesmo, as atividades terão um espaço de tempo considerável.

D) Possíveis desconfortos e riscos - Nas oficinas virtuais, os participantes serão convidados a expor suas expressões artísticas, principalmente as narrativas literárias. Deixaremos claro que não é obrigatório, assim como a própria participação na oficina, e faremos o possível para tornar o espaço o mais confortável e acolhedor. Por ser virtual, alguns riscos são referentes às limitações das tecnologias utilizadas. Além disso, por conta do ambiente da pesquisa ser virtualizado, existem limitações em relação à potenciais riscos de violação de informações, ressaltamos que tomaremos todos os cuidados e precauções para evitar que informações fujam de sua confidencialidade. Apesar de termos uma constante preocupação em tomar os devidos cuidados para diminuir os riscos psicológicos durante a pesquisa, sempre há a possibilidade de ocorrência de situações inesperadas que possam colocar uma pessoa ou todo o grupo em constrangimento, sejam elas, por exemplo: imagens, músicas ou textos que desagradam ou agridem a percepção dos participantes. Neste caso, havendo qualquer espécie de desconforto ou constrangimento, o participante deve se sentir livre e encorajado a manifestar sua posição em relação às questões abordadas, podendo se recusar a participar de qualquer atividade e se desligar do projeto a qualquer momento. Assim como, ao trabalhar com narrativas e vivências, o participante poderá requisitar que qualquer referência à sua vida pessoal ou de seus familiares que possa causar desconforto ou risco seja omitida de imagens ou atividades divulgadas com resultado do projeto, durante ou após a execução da pesquisa. Poderá, por exemplo, requisitar, mesmo no caso de autorização prévia para fotografia e filmagem, que sua imagem e voz sejam omitidas em material produzido para o projeto, ou ainda que não sejam identificadas, isto é, que sejam alteradas por técnicas de edição para impedir qualquer tipo de reconhecimento por terceiros.

E) Esclarecimentos e liberdade - Entretanto, caso você identifique algum tipo de incômodo ou insatisfação em participar dessa pesquisa, tais como constrangimento, exposição de sua vida pessoal ou de seus familiares, prejuízo para suas atividades profissionais ou estudantis, sinta-se totalmente à vontade para interromper imediatamente sua participação. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem a todos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Oswaldo Cruz- FIOCRUZ, conforme Resolução Nº. 466/2012 e resolução Nº 510/ 2016. Você poderá ter acesso aos seus dados em qualquer momento dessa pesquisa.

O Comitê de Ética tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, dessa forma contribuindo para que tudo transcorra dentro dos padrões éticos.

Sua participação é **voluntária** e você tem o direito de desistir de participar e retirar seu consentimento a qualquer momento sem nenhum prejuízo para sua relação com o pesquisador, com a coordenação do projeto ou com os demais profissionais da instituição. São funções do Comitê de Ética: Avaliar e monitorar o projeto de pesquisa para certificar que os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não causa de malefícios, da confidencialidade e da privacidade, estarão assegurados a todos os participantes da pesquisa. Se precisar de algum esclarecimento por parte do CEP, entre em contato pelo endereço, telefone ou Email a seguir: **Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP FIOCRUZ/ IOC. Avenida Brasil, 4036 – sala 705 (Expansão) Manguinhos**

– Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21.040-360.: Tel.: (21) 3882-9011 Email: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br

F) Custo e pagamento - Participar desta pesquisa não implicará em nenhum custo direto além dos custos referentes a sua utilização para conexão de internet. Você receberá uma via de igual teor deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fiocruz, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

G) Benefícios e divulgação de resultados – Esperamos que os resultados obtidos com essa pesquisa possam contribuir para a amplificação de conhecimentos na área de promoção de saúde da sociedade por meio de ciência e pesquisa baseada em arte (Especialmente na área de narrativas literárias). Acreditamos que a ampliação de estratégias que permitam abranger o diálogo e criem pontes entre sociedade e ciência, pode colaborar cada vez mais para avanços em popularização científica. Além disso, esperamos que sua experiência na oficina possa te promover bem-estar, estímulo à sua criatividade, melhora de sua concentração, entre outros aspectos.

H) Sigilo e privacidade - As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais. Asseguramos o sigilo sobre a sua participação, a não ser no caso em que você tenha autorizado expressamente o uso de sua imagem ao assinar termo adicional específico para esta finalidade (Autorização para fotografia e filmagem) na página seguinte. Os resultados da pesquisa serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. A qualquer momento, o Comitê de Ética em Pesquisa da Fiocruz pode ter acesso aos dados coletados.

I) Indenização/Ressarcimento – O participante de pesquisa tem direito a buscar indenização (Previsto pelo Código Civil-Lei 10.406 de 2002). Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não neste documento (TCLE), têm direito a buscar indenização. Ressaltamos com isso o direito à assistência gratuita caso algum dano ocorra. O dano poderá ser relativo às dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social ou cultural do ser humano em qualquer fase da pesquisa ou dela decorrente.

J) Dúvidas – Se você tiver alguma dúvida sobre a pesquisa, ou observar mudanças imprevistas em seu decorrer que não conste neste TCLE ou notar mudanças no comportamento dos pesquisadores, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável (**item L**) ou também pode se comunicar com o CEP (**item E**). Portanto, se você concorda em participar desta pesquisa, conforme explicações e orientações explícitas acima, assine no local indicado ao final do documento. Atenciosamente, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura

L) Equipe de pesquisadores

Pesquisador Principal: Prof. Dr. Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello

Email: mlbmello@gmail.com Telefone: (021) 2562-1363

Pesquisador Auxiliar: Adrielle Macêdo Fernandes da Silva

Email: adriellefernandes@id.uff.br Telefone: (021) 983396007

Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos
Pavilhão Cardoso Fontes - Sala 65

Instituto Oswaldo Cruz, Av. Brasil 4365, CEP. 21040-960, RJ
Telefones (021) 2562-1295, 2562-1297, 2562-1477, das 9 às 17 horas.

OBS: Este documento foi redigido em duas vias de igual teor, ficando uma delas com o participante da pesquisa (voluntário) e outra com o pesquisador.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar

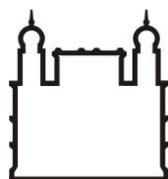
Local _____, Data ___/___/___

(Nome do Participante)

(Assinatura do participante)

(Assinatura do pesquisador)

APÊNDICE B- Termo de Confidencialidade e Sigilo



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO

Título do projeto: Promoção da Saúde por meio de CienciArte: Oficinas dialógicas de narrativas literárias

Pesquisador principal: Prof. Dr. Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello

Telefone para contato: (021) 2562-1363

Pesquisadora Assistente: Adrielle Macêdo Fernandes da Silva

Telefone para contato: (021) 983396007

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade e o anonimato dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados (bases de dados, através de gravação, filmagem, questionários, entrevistas) nas Oficinas Dialógicas de Narrativas Literárias que acontecerão de forma virtual em plataformas de videoconferência. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas preservando o anonimato dos sujeitos e serão mantidas em poder do responsável pela pesquisa, Pesquisador Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello por um período de 5 (cinco) anos, conforme a Resolução CNS 466/12. Após este período, os dados serão destruídos.

Declaro(amos):

- a. O compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados preservando integralmente o anonimato e a imagem do participante, bem como a sua não estigmatização;
- b. Não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;
- c. Que o pesquisador responsável estabeleceu salvaguardar e assegurar a confidencialidades dos dados de pesquisa;
- d. Que os dados obtidos na pesquisa serão usados exclusivamente para finalidade prevista no protocolo;
- e. Que os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado, os quais serão mantidos em sigilo, em conformidade com o que prevê os termos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS.

Assinamos este termo para salvaguardar seus direitos.

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2021.

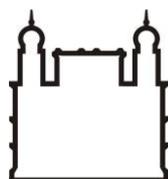
Prof. Dr. Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello

(SIAPE: nº 1340206)

Adrielle Macêdo Fernandes da Silva

(matrícula PGEBS: 200157003)

APÊNDICE C- Autorização de Fotografia e Filmagem



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos

AUTORIZAÇÃO PARA FOTOGRAFIA E FILMAGEM

Por meio deste documento autorizo o pesquisador Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello e a sua representante por ela designada, Adrielle Macêdo Fernandes da Silva, orientanda de mestrado pela Pós graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz / Fiocruz, a produzir, reproduzir ou multiplicar fotografias, vídeos, filmes ou transparências em que eu apareça no todo ou em que uma parte de meu corpo esteja sendo focalizada. Minha imagem poderá ser usada somente para fins de pesquisa ou divulgação científica nas áreas de ensino e educação em biociências e saúde, seja em periódicos especializados ou em outros meios afins de divulgação científica.

Autorizo ainda que a reprodução e a multiplicação de imagens em que eu apareça no todo ou em que uma parte de meu corpo esteja sendo focalizada sejam acompanhadas ou não de texto explicativo. Abro mão de qualquer direito de pré-inspeção e pré-aprovação do material, assim como de qualquer compensação financeira pelo uso de minha imagem.

Deixo expresso nesta autorização que:

- () permito que minha imagem seja utilizada, sem as tarjas usualmente empregadas para dificultar a identificação do rosto.

- () não permito que minha imagem seja utilizada.

Declaro ser maior de idade, tendo todo o direito de autorizar os termos acima expressos, em meu próprio nome, estando plenamente ciente do inteiro teor desta autorização.

Nome completo: _____

Assinatura: _____ Identidade: _____

Residência (rua, bairro, cidade): _____

Instituição: _____

Unidade: _____

Departamento: _____

Data: __/__/____

Testemunha1 (nome): _____

Assinatura da testemunha: _____

Testemunha 2 (nome): _____

Assinatura da testemunha: _____

APÊNDICE D- Ficha de avaliação da oficina, encaminhada a cada participante após as atividades - construída no formulário *google*.

Avaliação da Oficina Dialógica de Narrativas Literárias

Este formulário de avaliação refere-se às atividades desenvolvidas na Oficina Dialógica de Narrativas Literárias, caso não tenha participado da mesma, por favor, ignore este documento.

Prezado (a) participante, é de nosso mais profundo interesse saber o que você achou da experiência na oficina, precisamos de apenas alguns minutinhos de sua atenção, lembramos que os dados que queremos recolher servem à uma pesquisa de mestrado em que procura-se entender como as narrativas literárias podem ajudar na nossa promoção da saúde. O que escrever aqui é totalmente anônimo, confidencial, sigiloso e tomaremos todos os cuidados para que todos os dados sejam protegidos. O participante tem seus direitos preestabelecidos na assinatura do TCLE.

Agradecemos muito pela sua participação, esperamos que tenha aproveitado os momentos de nossa oficina! Estamos disponíveis para tirar qualquer uma de suas dúvidas. Recebemos todos os seus comentários com muito carinho e almejamos melhorar sempre nossa prática.

Obs.: Nenhuma pergunta desse formulário é obrigatória, resposta apenas o que for de sua vontade, lembrando que pode sempre entrar em contato conosco através do email oficinarrativliteraria@gmail.com

Abraços! Saúde e luz para você e toda a sua família!

1. Qual foi a data da oficina que você participou?

18/03/2021

2. Perdeu alguma parte da oficina?

Sim

Não

3. Caso tenha perdido alguma parte da oficina, relate os motivos a seguir.

Sua resposta

4. Teve alguma dificuldade com sua conexão com a internet?

Sim

Não

Não a ponto de atrapalhar a comunicação

5. O que achou da mediação (Pessoa que conduz a oficina)? Conseguiu compreender bem as etapas? Foi feito o uso de linguagem acessível e orientou com nitidez as atividades solicitadas? Avalie de 1 a 5.

1 2 3 4 5

Não consegui compreender Consegui compreender

6. A duração da oficina em suas 2 horas foi adequada ao conteúdo e didática da mediadora?

- Sim, o tempo foi suficiente para realizar a oficina
- Não, gostaria que fosse menos de 2 horas
- Não, gostaria que fosse mais de 2 horas

7. Apresentou alguma dificuldade em acessar e utilizar o Google Meet?

- Sim
- Não

8. Sentiu dificuldade na compreensão ou realização de alguma atividade (Do momento de inscrição até o pós-oficina)?

- Sim
- Não

9. Em caso de afirmativo na questão anterior, por favor, nos informe quais foram as suas dificuldades durante a oficina (pré , durante e pós)

Sua resposta _____

10. Em uma escala de 0 a 5 o quanto você sentiu bem realizando as atividades?

- 0 1 2 3 4 5
- Não me senti bem Me senti muito bem

11. Teve algum momento que se sentiu desconfortável em alguma parte da oficina?

Sua resposta _____

12. Quais tópicos ou atividades, você achou mais interessante ou útil?

Sua resposta _____

13. Você tem sugestões de formas de melhorar a oficina?

Sua resposta _____

14. Para você, a oficina atingiu o que propôs?

- Sim
- Não

15. Você divulgaria a oficina para outras pessoas?

- Sim
- Não

16. Após a oficina, consideraria utilizar a escrita de narrativas literárias como forma de promover sua saúde?

Sim

Não

Talvez

Observações extras:

Sua resposta

Enviar Página 1 de 1

(Capturas de tela da página do formulário google destinado à avaliação da oficina)

APÊNDICE E – Home do blog da ODNL



(Captura de tela do home do blog encontrado no link:
<https://oficinanarrativaliteraria.wordpress.com/>)

APÊNDICE F- Cordel apresentado na atividade 3 da ODNL

Cordel da pequena eu (Por Adrielle M. Fernandes)

Fecho os olhos e ela surge
com seus cachinhos a voar
sorriso banguela, janelinha
sempre estava a gargalhar
com a flor detrás da orelha
tantos universos a criar

Sempre ao lado dos seus
ela amava aproveitar o dia
Era banho de rio à tarde
pés descalços na terra fria
bem pequena em altura
mas gigante em alegria

Pé de serra, natureza plena
imaginação era entretenimento
galho a galho ia subindo
aproveitando o momento
na mente fértil da menina
o galho mais alto era seu apartamento

A vista lá de cima era tão doce
parecia maçã do amor
verde por todo lado
só podia ser obra do Criador
Ainda pra completar água de coco
para matar a sede no calor

Antes de mergulhar nos sonhos
sempre pedia uma história
aventuras, heróis e heroínas

duendes ou alguma bruxa aleatória
o sono começa a vir, mas não dormia
até a trama acabar em vitória

Se o despertar das memórias
consegue trazê-la ao presente
só quero que fique em meu peito
aquele sentimento resiliente
no antes, no agora e no depois
nunca deixe de sonhar imensamente.

**SEGUEM ALGUMAS DICAS PARA A
ATIVIDADE FINAL DA OFICINA:
CRIAÇÃO DE UMA NARRATIVA LITERÁRIA**



**Autora: Adrielle M. Fernandes
Mestranda EBS/IOC/Fiocruz**



Como desenvolver a narrativa?

1. Escolha o tema
2. Escolha o conflito que será desenvolvido, compondo assim seu enredo
3. Pense no personagem protagonista, o local e o espaço temporal da história
4. Desenvolva o seu texto (Utilize a forma de escrever que se sentir mais confortável)
5. Dê a sua história um desfecho

O que é uma narrativa?

UMA NARRATIVA REPRESENTA O RELATO DE ACONTECIMENTOS E ENVOLVE O CONJUNTO DE 5 ELEMENTOS PRINCIPAIS

PERSONAGEM

ENREDO

NARRADOR

TEMPO

ESPAÇO





PERSONAGEM

DURANTE A OFICINA, TIVEMOS A OPORTUNIDADE DE CONSTRUIR UM PERSONAGEM COM SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS QUE VÃO SER FUNDAMENTAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA HISTÓRIA JÁ QUE REPRESENTAM AS PESSOAS PRESENTES NA NARRATIVA



Se você já tem um personagem, o próximo passo é pensar em qual história ele vai ser inserido, é sobre isso que se refere os próximos elementos...



ENREDO

Também pode ser chamado de trama ou intriga, é esse elemento que dita a sequência dos fatos que serão relatos já que é por conta dele que a história se desenvolve.



O enredo geralmente começa falando sobre o personagem, um pouco sobre o ambiente em que vive, logo depois começa alguma um desenrolo que segue para o clímax ou ponto chave da história, então caminhando para o desfecho da história



NARRADOR

NARRADOR OU FOCO NARRATIVO REFERE-SE A QUEM CONTA A HISTÓRIA, A "VOZ DO SEU TEXTO"



Algumas narrativas, por exemplo, são contadas em 3ª pessoa (Ele/ela realizou tal ação), ou seja, por um narrador que observa os personagens e conta o que está se passando. Em outras, um próprio personagem que participa, narra a história, nessas a escrita é em 1ª pessoa (eu realizei tal ação).



TEMPO

O TEMPO DETERMINA O PERÍODO QUE A HISTÓRIA ACONTECE "QUANDO?"

Podemos usar expressões como "hoje, ontem, mês passado, em 1995..."



É um recurso para situarmos quem lê no tempo da história. O tempo pode ser cronológico com uma sequência linear de acontecimentos e/ou psicológico em que misturam-se presente, passado e futuro na narração.



ESPAÇO

É O AMBIENTE/CENÁRIO EM QUE A HISTÓRIA ACONTECE. PODE REPRESENTAR UM LUGAR REAL OU FICTÍCIO

Pode ser um local explícito como um quarto, uma montanha, um castelo, entre outros. Assim como pode ser um local mais misterioso em que vamos recebendo alguns detalhes apenas pelas interações dos personagens com o ambiente.



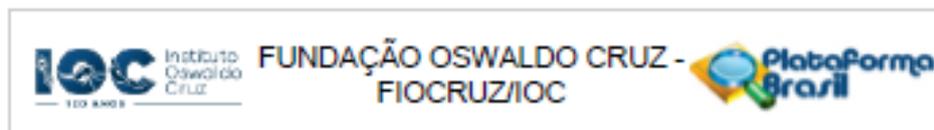
SEPARE UM TEMPINHO NA SUA AGENDA EM UM AMBIENTE TRANQUILO, COM FOLHA E CANETA, SOLTE A IMAGINAÇÃO E DEIXE A CRIATIVIDADE TOMAR CONTA DO PROCESSO!!!



(Imagens feitas no *Google Apresentações*)

ANEXOS

ANEXO A - Aprovação do Projeto de doutorado no Comitê de ética e pesquisa com seres humanos - CEP/CONEP Fiocruz - Parecer Consubstanciado



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Promoção da Saúde por meio de CiênciaArte e Pesquisa baseada em Arte (ABR): Oficinas dialógicas de narrativas literárias

Pesquisador: Marcio Luiz Braga Comêa de Mello

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 45128821.8.0000.5248

Instituição Proponente: FUNDACAO OSWALDO CRUZ

Patrocinador Principal: FUNDACAO OSWALDO CRUZ

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.651.112

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Aprovação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 15 de Abril de 2021

Assinado por:
José Henrique da Silva Pilotto
(Coordenador(a))

Captura da tela do começo e final do documento "Parecer Consubstanciado CEP"

ANEXO B- Comprovante de envio do projeto ao CEP/CONEP

	FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ/IOC	
COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa:	Promoção da Saúde por meio de CienciArte e Pesquisa baseada em Arte (ABR): Oficinas dialógicas de narrativas literárias	
Pesquisador:	Marcio Luiz Braga Corrêa de Mello	
Versão:	1	
CAAE:	45128821.8.0000.5248	
Instituição Proponente:	FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ	
DADOS DO COMPROVANTE		
Número do Comprovante:	030008/2021	
Patrocinador Principal:	FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ	
<p>Informamos que o projeto Promoção da Saúde por meio de CienciArte e Pesquisa baseada em Arte (ABR): Oficinas dialógicas de narrativas literárias que tem como pesquisador responsável Marcio Luiz Braga Corrêa de Mello, foi recebido para análise ética no CEP Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ/IOC em 31/03/2021 às 17:17.</p>		
<p>Endereço: Av. Brasil 4036, sala 705 (Campus Expansão) Bairro: Manguinhos CEP: 21.040-360 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO Telefone: (21)3863-5011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cepfio cruz@ioc.fiocruz.br</p>		

(Captura da tela do comprovante de envio-documento gerado pela plataforma Brasil)